

TEÓFILO HAYASHI

PREFÁCIO POR RODOLFO ABRANTES

O PRÓXIMO
NÍVEL COMEÇA
NO FIM DA SUA
ZONA DE CONFORTO

TEÓFILO HAYASHI



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

JOGANDO PARA GANHAR

O MEDO DE SI

O MEDO DAS PESSOAS

O MEDO DE PERDER

DEFININDO A VISÃO

POSICIONE-SE PARA RECEBER A VISÃO

DEPOSITE FÉ NA VISÃO

DECLARE A VISÃO

ENFRENTANDO A PODA

A PODA É PARA OS RAMOS QUE ESTÃO VIVOS E VÃO FRUTIFICAR

A PODA NOS FAZ DEPENDENTES DA NOSSA FONTE DE FRUTIFICAÇÃO

A PODA NOS DÁ AUTORIDADE NA ORAÇÃO

A BUSCA INTENCIONAL

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ANEXOS

DEDICATÓRIA

Dedico este livro ao meu segundo filho, Koa Kietsu. O seu nome significa "O guerreiro corajoso cheio de alegria". Enquanto você ainda estava no ventre de sua mãe, esperando o momento de nascer, eu pesquisava e estudava para escrever esse livro. Na época em que revisava o texto para publicação, muitas vezes, você já estava comigo, descansando em meus braços. Parece óbvio, mas ao fim desse trabalho percebi: você é *next level*. Para alcançar esse próximo nível é necessária a guerra contra o comodismo, a coragem para encarar os medos e a alegria para perseverar até à glória eterna.

"Corramos com perseverança a corrida que nos é proposta tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus." (Hebreus 12.2)

PREFÁCIO

Deus não fará nada através de você sem antes fazer em você. Além de amar essa verdade, ela insiste em me fazer companhia a cada coisa nova que Jesus decide me ensinar.

Eu nasci fora de qualquer contexto que pudesse se parecer ou lembrar o de uma igreja. Cresci, e minha vida se tornou cheia de tudo o que a maioria das pessoas gostaria de ter. Eu era o que muitos gostariam de ser. Ou, pelo menos, o que eu representava ser. Mas, ainda assim, não era quem eu achava que deveria ser. Eu me sentia incompleto. Com um hiato na alma. Sozinho, ainda que com tantas pessoas por perto.

O que eu chamava de felicidade era um tipo estranho de sentimento, daquele que, em alguns momentos, o faz pensar que o mundo é seu e, no outro, relembra o quão deprimente a vida também pode ser; como se apenas ela mesma não bastasse.

Assim como qualquer pessoa, tinha meus conceitos e opiniões muito bem formadas sobre tudo, inclusive, Deus. Com certeza, eu não era o tipo de sujeito que achava que algum dia nos tornaríamos amigos. E também não queria isso.

Mas um dia, de repente, Jesus me encontrou. Ele era tão diferente de tudo o que eu havia imaginado e ouvido falar. Passamos a andar juntos e, divinamente, muitas coisas em mim começaram a mudar. Meus pensamentos, minha forma de enxergar o mundo e as pessoas, e até minha capacidade de amar.

Entretanto, havia uma coisa da qual eu não fazia a menor ideia. Ao iniciar a caminhada cristã, eu não sabia que aquela novidade se renovava. A impressão que eu tinha é que aquele novo, que havia acabado de conhecer, era só aquilo. Pensava que bastava inteirar-me da Palavra de Deus e me acostumar com a ideia de que uma hora ou outra me tornaria um religioso, com uma série de informações sobre as quais basearia minha vida. Eu não sabia o quanto aquilo podia se

renovar dentro de mim. Não tinha a noção de que mesmo estando no meio desse novo, eu ainda veria coisas novas o tempo inteiro.

Quando Jesus diz à Natanael que este veria coisas ainda maiores, Ele nos deixa a mesma mensagem também (João 1:45-50). Aquilo que estamos vendo e achamos a coisa mais impressionante de todas, não está nem perto do que ainda veremos no futuro, porque a vida com Jesus sempre tem novidades. E, quando me dei conta de tudo isso, quando percebi que tudo estava bem debaixo do meu nariz, me senti desconfortavelmente feliz. Porque aquilo, de uma maneira bem fora do comum, me fazia ser melhor. E continua fazendo. Esse desconforto me fez abrir a mente para aceitar as novidades que Deus queria fazer em mim e através de mim. Justamente aquela coisa nova que Ele está fazendo e que, em breve, sairá à luz (Isaías 43.19).

E foi exatamente esse exercício de buscar o novo de Deus que nunca me permitiu estabelecer um conjunto de crenças baseado em uma experiência. Porque depois dela, descobri mais tarde, viriam outras, e essas outras enriqueceriam ainda mais a revelação que tenho a respeito d'Ele.

RODOLFO ABRANTES

Hoje, estamos vivendo em um período muito interessante da História, e apesar das grandes experiências e acontecimentos divinos de que temos ouvido falar, nunca conseguiremos contabilizar e perceber realmente o quão grande eles são, porque o novo está se renovando o tempo todo.

Conheci o pastor Teófilo há pouco mais de seis anos, durante um evento Dunamis, em São Paulo. De lá para cá nossa amizade criou raízes, e nesse tempo tenho sido testemunha do quanto Deus o tem levado a voos mais altos.

Eu louvo ao Senhor pela vida deste homem que tem ajudado tantas outras pessoas a serem tudo aquilo que Deus as criou para ser e viver. Não tenho palavras para descrever o quanto é gratificante ver jovens que eu costumava ver sendo evangelizados, agora serem pessoas que fluem de modo integral, com mentalidade de águia e cheios do Espírito Santo. Isso me inspira e conduz para fora da minha zona de conforto.

Tenho certeza de que este livro será uma poderosa ferramenta para que muitos experimentem as novidades divinas, que vêm para todos os que aceitam ir em direção ao novo nível que Deus tem.

Por isso, deixe o Senhor esticar a sua fé e seja esse instrumento do céu para trazer transformação na Terra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. É unicamente por Sua graça e amor que sempre ouço Sua voz me chamando ao *next level* que Ele tem reservado para mim.

Sou grato a Renan Menezes por seu coração dedicado, pelo trabalho e liderança de excelência ao longo desse projeto. Você acreditou tanto nisso que me fez acreditar também.

Agradeço a toda a equipe maravilhosa (Sarah Lucchini, David Chaves, Pedro Bontorim e Nilda Nunes) que esteve ao meu lado, dando tudo de si para que este livro se tornasse realidade. Vocês abraçaram esse desafio como se ele pertencesse a vocês.

Sou imensamente grato a:

- Junia, minha esposa querida, que abraça meus sonhos, acredita em mim e me ama tanto. Amo você!
- Zach e Koa, quero fazer de meu teto o piso de vocês. Sempre tem mais!
- Mom e Zoe, foram tantos os níveis que, pela graça de Deus, escalamos e alcançamos juntos. Deus é fiel!

INTRODUÇÃO

O mundo está em constante mudança. As culturas, ao longo da história, também. A medicina avançou, novas reflexões foram levantadas, ao passo que outras foram postas de lado. A economia se transformou. A moda não só muda o tempo todo, como talvez seja uma das esferas mais efêmeras que existem em nossa sociedade. E no que diz respeito à arte em forma de música, com certeza ainda valorizamos sons antigos, às vezes até mais do que os atuais, mas é inegável e inspiradora a presença de personalidades geniais e estilos inovadores na música contemporânea. O jeito de se fazer política e até nossas interações uns com os outros sofreram drásticas mudanças ao longo dos séculos. Enquanto escrevo isso, por exemplo, o Brasil passa por uma fase de luta para se reinventar politicamente em meio a escândalos e crises, o que nos impulsiona a uma série de reformas para garantir que os brasileiros sobrevivam a mais essa tormenta em nossa história. Um sinal claro da metamorfose social é que muitos dos que estão lendo essas palavras nunca conheceram um mundo sem terrorismo. Por outro lado, a minha geração presenciou o que o ataque de 11 de setembro de 2001 significou para a humanidade. Aquele terrorismo a céu aberto mudou a maneira como enxergamos o mundo e até como vivemos. Prova disso é a mudança significativa nos embarques em aviões, principalmente nos aeroportos americanos. Não só naquela época, mas ainda hoje, a segurança, com raios X e inspeções, é extremamente rigorosa e tensa nos aeroportos dos EUA. Entretanto, o que mais choca não são as mudanças em si, mas a velocidade com que elas estão acontecendo, principalmente no agora, o que só reforça o fato de que, se não estivermos dispostos a mudar sempre e nos engajar em um processo contínuo de transformação, ficaremos para trás.

Imagino que todos nós já ouvimos, inúmeras vezes, que a única constante na vida é justamente a mudança; isso porque o tempo todo o Universo e os nossos ambientes estão em incessante

metamorfose. As mudanças são inevitáveis. No entanto, o progresso é opcional. Ou seja, utilizar as temporadas de transições para o nosso próprio desenvolvimento sempre será algo que só acontecerá se optarmos por isso e formos intencionais nesse processo.

Desde sempre, e especialmente agora na era do avanço tecnológico e da informação, se você não está pronto para abraçar a mudança, você não está pronto para liderar. Aquele que abraça a mudança diz sim ao avanço, diz sim ao desenvolvimento e diz sim ao próximo nível.

Aceitar a mudança é ser proativo, é dar um passo para o teu próximo nível. Quanto antes entendermos isso, melhor será, pois uma coisa é certa: se não dermos o passo em direção à mudança, ela mesma fará isso por nós. Em outras palavras, o mundo, que está em constante alteração, irá nos forçar a sua própria metamorfose e nos obrigar, por consequência, a uma reação, seja ela consciente ou não. Ainda que teimemos em permanecer da mesma maneira. Entretanto, quando isso acontece, nos tornamos desatualizados, estagnados e despreparados, o que é uma pena, pois o nosso próprio processo de transformação, em todos os sentidos, inclui um *next level* de *metanoia*, ou seja, de mudança de mentalidade, exatamente como Paulo diz em Romanos 12.2.

Apesar disso, vale lembrar que, sob qualquer circunstância, a mudança costuma ser difícil. Muitos desistem de mudar antes mesmo de tentar executar algo diferente, apenas por fazerem a conta errada em suas cabeças. Quando o que está em discussão é o abraço à mudança, nós seres humanos tendemos a sempre superestimar aquilo de que precisamos abrir mão e subestimar o que ganharemos como resultado da mudança. Por isso, mudanças sempre acontecem de duas maneiras: 1) quando as pessoas TÊM DE mudar, devido a uma circunstância extrema que as coloca contra a parede, ou 2) quando elas QUEREM MUITO mudar, uma vez que o nível de insatisfação é muito maior que o nível de medo do novo que têm dentro de si.

Entretanto, ainda que tenham mais razões para mudar do que para não fazer isso, é importante entender também que nem tudo

na vida deve mudar. Quando falamos sobre o nosso andar espiritual e os princípios pelos quais Jesus Cristo nos ensinou a viver, o “o quê” nunca deve mudar, mas o “como” deve sempre ser atualizado de acordo com os dias em que vivemos. Em outras palavras, como dizem os *experts* em liderança, para que um objetivo seja alcançado temos que aprender a namorar os métodos e casar com a missão.

O meu objetivo com esse livro, portanto, é bem simples: ajudá-lo a querer a mudança. É focar nas excelências de Cristo e nas maravilhas do Reino dos céus, e olhar tudo o que está ao nosso dispor, uma vez que estamos no centro da perfeita vontade dele. Contudo, é necessário entender sempre que, para experimentarmos isso, teremos que dizer sim a uma nova mentalidade e a mudanças que nos impulsionarão ao *next level*. Por essa razão não quero focar em “o que” seria esse próximo nível, e sim no “porquê” e no “como” você deve ir para o próximo nível, já que esse nível é relativo e varia para cada um de nós, uma vez que somos seres humanos com chamados diferentes e múltiplos.

Dentro disso, é imprescindível que, ao longo da nossa caminhada cristã, tenhamos como pano de fundo algo básico na natureza do Evangelho. A proposta de Jesus é: “Eu o aceito como você está, mas o amo demais para deixar que permaneça assim. Venha comigo, pois quero conduzi-lo ao próximo nível”.

Todas as pessoas que foram verdadeiramente usadas por Deus, mesmo aquelas que sequer soubemos da existência, tinham algo em comum. Todos, sem exceção, se deixaram transformar. Isso porque é impossível caminhar com Jesus e continuar com velharias dentro de si. Ele sempre tem algo novo, mas à medida que recebemos o novo, o velho, automaticamente, precisa sair. Esse processo de troca, ao contrário do que se pensa, não é um fardo, mas um reconhecimento de que existe algo superior àquilo a que estamos agarrados, e quando finalmente entendemos isso, damos as boas-vindas a uma evolução em nós.

Ao longo das Escrituras lemos muitas histórias de pessoas que vivenciaram uma mudança de mente tal que transformou toda sua vida. Foi exatamente o que aconteceu com a mulher samaritana

quando teve um encontro com Jesus no poço de Jacó (João 4.1-30). Ela se depara com o Senhor do jeito que estava. Porém, depois de um simples e poderoso diálogo, os que conhecem essa história sabem que, obviamente, ela não permaneceu como estava no início do encontro. Essa mulher teve mais do que a sua vergonha exposta ou suas dúvidas sanadas acerca do lugar correto para adorar a Deus. Ela foi transformada. Após o encontro com Jesus, a mente da samaritana foi tão profundamente remodelada que, ao sair dali, foi até a cidade e contou ao seu povo a respeito do Messias, e muitos creram.

Da mesma maneira, Pedro, um simples pescador, tornou-se um grande líder e um dos maiores apóstolos do Novo Testamento. Aquele a quem Deus revelara a verdade de que Jesus era "o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mateus 16.16), em seguida, rejeita a ideia de que Jesus tivesse que morrer e foi duramente repreendido pelo Senhor (versículos 22,23). No entanto, Pedro permaneceu andando com Jesus, aprendendo de seu Mestre amado e sendo transformado pela presença dEle. Chegou a Jesus tal qual uma pedra bruta. Lendo os Evangelhos é possível acompanhar de perto suas atitudes impulsivas, paixões humanas, e também suas boas intenções, apesar das deficiências. Entretanto, independentemente disso, o Pedro que foi martirizado não era o mesmo homem que largou as redes para seguir Jesus de Nazaré. O pescador tornou-se um diamante precioso nas mãos de seu Senhor. Quando chamou Pedro para segui-Lo, Jesus o recebeu do jeito que estava, mas, durante sua caminhada com o Mestre, uma grande transformação aconteceu; o apóstolo impetuoso, que resolvia tudo pela espada, já não era o mesmo. Seu coração foi tão radicalmente transformado ao longo de sua caminhada com Jesus que, ao enfrentar a morte, não se considerou digno de morrer da mesma forma que seu Mestre, reivindicando que sua crucificação fosse feita de cabeça para baixo.

A caminho de Damasco, Paulo se converteu de assassino no maior pregador e apóstolo que já existiu. Ele foi surpreendido por uma tão forte luz que o fez cair do cavalo, e foi encontrado em um estado completamente oposto ao que um dia haveria de se tornar. A

missão em que se achava não era a de propagador do Evangelho de Jesus, mas estava incumbido de matar todos os que se diziam seguidores do Cristo. A transformação de um assassino, que mais tarde se torna um mártir cristão, só pode ser levada em conta quando observamos sua trajetória atrelada a um estilo de vida que o levava de glória em glória. Apesar de sua evolução, sabemos dos sacrifícios e até do alto preço que Paulo teve que pagar por sua fé; porém é notória, na narrativa de sua vida, uma escalada constante rumo ao ideal de Deus.

Basta um encontro com Jesus para sermos transformados para sempre. Desde o início foi assim e até hoje Jesus continua transformando vidas. Em certos momentos Ele fará isso instantaneamente, já em outros nos levará, graciosamente, por um processo. Seja como for, é essa transformação que nos possibilitará adentrar os próximos níveis aos quais Deus quer nos levar. Assim como fez a tantos heróis da fé – a mulher samaritana, Pedro, Paulo e tantos outros –, ainda hoje esse mesmo Deus nos estende a mão, nos envolve em Seus laços de amor e verdade e nos conduz a um novo e mais alto patamar.

O termo patamar é o que, na língua inglesa, chamamos de *next level*. A tradução literal é “o próximo nível”. Na maior parte das vezes, essa expressão coloquial é usada como um adjetivo que se refere a algo acima do normal ou que é além do estado anterior: um patamar ainda não alcançado.

Next level pode ser usado tanto para descrever o avanço da vida espiritual, como uma performance, uma obra de arte ou até uma coisa tão banal como um tênis que seja de sua preferência. Por mais que *next level* seja uma simples gíria, pode também ser usada para indicar um estado espiritual no qual o próprio Espírito Santo nos convida a adentrar. E esse estado é justamente viver um estilo de vida *next level*, ou seja, indo de glória em glória, sempre em busca do melhor de Deus e nunca se acomodando com nada que não seja seu perfeito propósito e destino para nós.

Nessa jornada espiritual, a cada temporada você precisará enfrentar um obstáculo, e não será o mesmo da fase anterior. Cada

“*level*” tem seus próprios inimigos, desafios, batalhas, mas também suas vitórias específicas e territórios inexplorados, o que, automaticamente, demandará uma nova autoridade. Tudo é fresco. Não mais as coisas velhas. Ele tem coisas novas para nós. Não o mesmo nível, mas um *next level*. E para que isso aconteça, novas mentalidades e mudanças devem ser utilizadas como chaves para destravar esses novos territórios.

E é a respeito dessas mentalidades e mudanças, especificamente, que discorreremos nas páginas seguintes. Por isso, peça ao Espírito Santo que abra sua mente e seu coração para receber o novo de Deus. Porque uma coisa é fato: o novo existe e se chama *next level*.

CAPÍTULO 1

JOGANDO PARA GANHAR

O Brasil é o país do futebol. Talvez porque se perguntássemos a principal característica que nós, brasileiros, temos, qualquer pessoa ao redor do mundo responderia que é a paixão por esse esporte. Desde cedo, o Brasil mostrou sua habilidade de jogar futebol, destacando-se no cenário mundial, principalmente, por ser a única equipe pentacampeã mundial na Copa. Por todo o sucesso conquistado em campo, os grandes jogadores brasileiros se tornaram referência para todas as crianças do nosso país, fazendo com que, mesmo hoje, o esporte não seja apenas uma paixão nacional, mas a meta de vida de muitos brasileiros.

Não tem um só garoto nascido na Terra Tupiniquim que, em algum momento de sua vida, não tenha sonhado em ser jogador profissional dessa modalidade esportiva. Contudo, apenas uma pequena minoria consegue atingir esse objetivo, enquanto os demais são obrigados a se contentarem em ser jogadores de final de semana na várzea, ou em alguma pelada com os amigos. Ainda assim, seja em quadras, estádios ou campos de terra batida, onde existir uma bola, existirá a possibilidade de jogo. Jogo esse que, independentemente do local, é coisa séria. Em época de Copa do mundo, então, até quem não acompanha o esporte se torna técnico e juiz.

Desde 1930, quando foi criada, até hoje, a Copa continua sendo o evento mais aguardado pelos amantes do futebol, reunindo não apenas equipes de todos os países, mas também torcedores de todas as raças, idades e classes sociais para assistir o melhor do futebol mundial. De todas as competições, talvez a Copa de 1982 tenha sido uma das mais históricas e marcantes na trajetória da seleção brasileira. Há mais de 35 anos, o futebol jogado naqueles dias marca presença nos comentários dos mais apaixonados pelo esporte ao redor do mundo. A discussão nunca entra em unanimidade, mas a seleção de 1982 é sempre levada em conta quando o assunto é a disputa pelo posto de melhor equipe que a

seleção brasileira já teve ou até mesmo que o mundo já viu. Entretanto, o grande mistério dessa seleção é que, apesar da maestria e habilidade em campo, esse time não ganhou a Copa. Ainda assim, até hoje, é de conhecimento geral que a nossa seleção, naquele dia, entrou em campo com uma mentalidade de vencedor, como fizeram durante todo o mundial de 1982. E isso, pelo menos para mim, é jogar para ganhar. Seja no esporte ou em qualquer outra área de nossa vida, a intencionalidade e superação de obstáculos são intrínsecas à atitude de jogar para ganhar: um comportamento que inspira paixão, garra e que corre atrás do sonho.

Da mesma maneira, o FC Barcelona, que é, atualmente, um dos melhores e mais influentes times do mundo, se destacou por seu futebol bonito e eficiente. Com particularidades em toda a sua estrutura, o modelo do Barcelona é pioneiro no modo de se pensar e operar futebol. Assim como a seleção de 1982, a essência que o Barça carrega é ímpar, não tem como discordar.

Contudo, apesar da nossa paixão, ou não, por este ou qualquer outro esporte, não gostamos de assistir a um time que joga para não perder. Há uma grande diferença entre um time que joga para ganhar e um time que joga para não perder. Não somos espanhóis, mas gostamos de assistir aos jogos do Barcelona; isso porque sabemos que quando eles jogam, a probabilidade de assistirmos a uma partida de encher os olhos é altíssima, independentemente do resultado. Ganhando ou não, o Barça sempre entra em campo para sair com a vitória, o que acaba fazendo com que em todos os campeonatos, ele seja um dos grandes favoritos ao título. Foi o que a seleção de 1982 fez também, sempre entrando em campo com o intuito de vencer os jogos apesar do adversário que iria enfrentar. Entretanto, muitas vezes não agimos assim em nossa vida, optando, sem perceber, apenas por jogar para não perder. Então, graças a esse comportamento, acabamos nos tornando reféns das circunstâncias e reforçando uma cultura que se satisfaz em apenas buscar um empate ou não tomar gols. É quando no gramado da vida se escolhe jogar com a certeza de que a partida já está arruinada.

Como um time de pequeno porte que, ao se deparar com um grande clube como seu adversário, já entra em campo derrotado, jogando com o foco em apenas proteger o gol para não ser humilhado pelo oponente. Esse tipo de postura, apesar de ser muito comum, não inspira, e não causa transformação alguma ao redor ou em nossa própria vida. Assim, movidos por uma mentalidade de sobrevivência, em que conforto e medo ditam as regras, muitos acabam deixando de viver a plenitude dos planos de Deus. É dessa forma que tantos têm iniciado casamentos pensando na data de validade; têm ocupado vagas de emprego com receio de serem demitidos ou até mesmo deixado de arriscar em tantas áreas pelo medo da falta de provisão, sucesso ou simplesmente pela comodidade.

Gideão, um jovem de Israel cuja história é relatada em Juízes 6, era um desses. Ele jogava para não perder. Constantemente, no início de sua história, nos deparamos com suas desculpas oriundas do medo por ser o menor de sua família e o menor da tribo de Manassés, que, como ele mesmo gostava de lembrar, era a tribo mais pobre de Israel.

Nem sempre Gideão foi conhecido como o grande guerreiro que venceu os midianitas com apenas trezentos homens. Durante os relatos de sua vida, ele passou por diversos processos de quebra de mentalidades antigas, paradigmas, medos e deficiências que o impediam de enxergar e viver os altos propósitos que Deus tinha para ele. Processos difíceis, mas que, apesar disso, ele escolheu abraçar.

Justamente por esse motivo, ele é o protótipo perfeito tanto do antes – quando jogava para não perder – quanto do depois – momento em que passou a jogar para ganhar. E se serve de consolo para aqueles que julgam estar perdidos ou confusos, no início de sua jornada, ele sequer sabia qual era o seu chamado. Entretanto, durante toda a história desse jovem guerreiro vemos a graça e a misericórdia de Deus alinhando os detalhes e endireitando seus passos. Muitos pensam que para viver a vontade de Deus temos que ter as lacunas preenchidas e ciência de todos os detalhes, quando, na verdade, a única expectativa que Deus tem é em relação a nossa

determinação para dar um passo de fé. O resto vai sendo alinhado aos poucos por Sua graça e misericórdia ao longo da caminhada.

Durante a narrativa, percebemos o quanto Gideão tinha uma mentalidade de sobrevivência. Em sua primeira aparição na Bíblia, este jovem é mencionado malhando o trigo no lagar. Com isso, o escritor comunica algo muito além de uma simples prática rotineira. Qualquer um que entenda um pouco de como a comida era preparada naqueles dias sabe que não se malha trigo no lagar. Porque o lagar é o ambiente usado para se esmagar uvas, que mais tarde, após a remoção das cascas e sementes, se tornarão vinho.

Desenhando um pano de fundo para o que irá suceder, o autor de Juízes, no início do capítulo, menciona que o povo de Israel por consequência de sua desobediência sofria a opressão dos midianitas. Estes, por sua vez, sabiam bem como oprimir. Esperavam a época da colheita e junto com os amalequitas saqueavam os campos e tudo aquilo que os israelitas colhiam da terra. Não bastasse isso, matavam também seus gados, ovelhas e jumentos.

Ciente disso, Gideão decide esconder sua pequena porção de comida em um lugar completamente inusitado: um lagar. Motivado por uma mentalidade de sobrevivência e querendo garantir apenas o que era seu, ele é encontrado pelo Anjo do Senhor, que aparece debaixo de uma árvore em seu quintal e o confronta com um elogio. Ali, ele estava jogando para não perder. Se Gideão vivesse nos dias de hoje, ele seria o típico cristão preso no gueto gospel. "Eu quero garantir o meu e me cercar de crentes para não ter perigo de pecar. Não quero ser sal da Terra e luz do mundo. Eu prefiro ficar confortável e seguro dentro de uma igreja." E é nesse momento que o Anjo o chama de "jovem corajoso". Exatamente enquanto ele se escondia dos midianitas. O comentário surpreendente do Anjo foi uma cutucada sarcástica ou uma declaração profética, já que logo em seguida o mesmo Anjo o convoca a ser o homem que salvaria Israel daquela opressão. Inicialmente, como um escravo obediente a mentalidades antigas, ele surge diante de Deus com uma lista infindável de desculpas que questionavam sua capacidade. No entanto, através de sinais sobrenaturais Deus prova que estava com

ele. O maior de todos os sinais talvez tenha sido a vitória sobre os midianitas, utilizando apenas um pequeno exército de 300 homens, uma vez que a grande maioria dos 32 mil soldados que estavam com ele no início da convocação haviam sido dispensados.

Muitas vezes nós, cristãos, somos como Gideão. Olhamos para a oposição, somos intimidados por seus avanços e pensamos: "Contanto que eu tenha a minha porção e sobreviva, estou satisfeito.". Abrimos mão da "ira santa", do "descontentamento divino" que nos levaria a fazer algo a respeito das injustiças e que também nos faria confrontar nossa própria apatia. Essa atitude acomodada de Gideão está, muitas vezes, presente em um cristianismo tímido e de piloto automático. Precisamos, de uma vez por todas, quebrar essa mentalidade de que viver o Evangelho é nada mais e nada menos do que, covardemente, se isolar do mundo na tentativa de se manter puro, conservando uma distância segura de pecadores e ambientes escuros, numa contagem regressiva até Jesus voltar. O Evangelho é mais do que isso. Se o cristianismo fosse apenas para garantir nossa cadeira cativa na eternidade, não faria sentido continuar nessa Terra estudando, trabalhando, pagando impostos e enfrentando todos os obstáculos que a vida nos apresenta. Só vale a pena permanecer vivendo esse desafio, uma vez que entendemos que fomos transportados do domínio das trevas para o Reino de Seu Filho amado (Colossenses 1:13), continuaremos retomando o território que está sob domínio inimigo, até que o tenhamos recuperado completamente para o Reino de Deus. Porém, muitas vezes, a impressão que passamos é que a nossa luz não é suficiente para afugentar as trevas, a nossa autoridade não basta para quebrar o jugo em nossa sociedade e nossa identidade não é tão fundamentada na graça a ponto de purificar o impuro, então, o que nos resta é nos esconder do mundo com medo de sermos contaminados ao invés de entendermos que carregamos o poder que pode santificar o profano.

Eu me lembro quando tinha 17 para 18 anos e fui para a Pensilvânia, nos EUA, cursar psicologia. Antes de ir, minha mãe me aconselhou a procurar alguns pastores que nossa família conhecia

para que me instruísem e cuidassem de mim enquanto estivesse longe de casa. Passei uma semana com eles antes de ir para a república dentro do campus universitário onde eu moraria. Durante os sete dias que se passaram, o pastor de jovens daquela igreja me orientou a procurar um grupo de cristãos em minha universidade para que eu tivesse comunhão e já fizesse boas amizades logo de início. Os conselhos eram realmente muito bons e essa estratégia fazia sentido. Quando cheguei ao campus descobri que um grupo desses realmente existia, e então fui atrás dele.

Entretanto, de cara, aquela primeira reunião me pegou um pouco desprevenido. Estávamos em roda e a atmosfera era tensa e de apreensão. Timidamente, o encontro teve início com uma oração e foi sequenciada por algumas canções que eram praticamente sussurradas por todos, exceto pelo garoto que tocava violão e cantava desafinado em alto e bom som. Logo depois, um outro garoto tomou a palavra e compartilhou uma mensagem que mais demonstrava seu medo de falar alguma coisa errada para o grupo, do que algo que fosse realmente encorajador. Ali, me senti como se estivesse no lugar de Gideão. Apesar de não dizerem com palavras, o comportamento deles exalava algo como: "Nós estamos nessa universidade em meio a uma guerra. Tem muito pecado lá fora e precisamos tentar sobreviver até a semana que vem.". Quando me dei conta disso, na mesma hora comecei a me perguntar o que eu estava fazendo ali e decidi nunca mais voltar. Não via valor naquilo. Passei então a andar com outros amigos que não necessariamente estavam vivendo 100% para Jesus, mas que pelo menos não tinham uma mentalidade de sobrevivência.

Eu não sei você, mas muitos vivem um cristianismo assim hoje. Vivem tentando não pecar para não perderem sua salvação, não se desviarem e, quem sabe, terem forças para aguentar até a volta de Jesus, antes de fazerem algo que desejam muito, mas que, em nome da religião, não podem. Esse estilo de vida, além de estar longe do que Deus tem para você e para mim, é também um modo de viver que não inspira ninguém. Não traz vibração ao ambiente em que estamos e, definitivamente, não traz esperança para o futuro.

Em meio a tanta desesperança em nossa geração, se ao menos vivêssemos convictos daquilo que lemos na Bíblia e cantamos em nossas reuniões, isso já seria o suficiente para causar, naqueles que estão longe de Jesus, interesse e curiosidade a respeito d'Ele.

Deus tem um *next level* para todos nós. Portanto, se hoje, você detecta uma mentalidade de sobrevivente em si mesmo, o Senhor vai quebrar esse paradigma, pois isso não é condizente com a vida em abundância que Jesus pagou para que tivéssemos. Precisamos jogar para ganhar, não apenas para não perder. Eu não estou satisfeito com simplesmente não perder, eu quero ganhar.

Jesus, mesmo sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia se apegar; assim, se entregou em nosso lugar, vertendo Seu precioso sangue para nos salvar. De forma alguma Jesus esperava que, ao olhássemos para nós mesmos, agíssemos como coitados, miseráveis e covardes. Pelo contrário, Ele nos chama para sermos irrepreensíveis e sinceros em um mundo corrompido e perverso, e não só isso, mas que, tendo entrado pela porta que Ele mesmo abriu, pudéssemos brilhar como estrelas no Universo (Filipenses 2.15).

Sendo assim, uma vez que temos consciência do que esse sacrifício possibilitou, nossa resposta ao que Ele fez não pode ser indiferente.

Todas as vezes que penso nisso me lembro de James Francis Ryan. James, um paraquedista altamente treinado do pelotão americano, era o caçula de quatro filhos que foram enviados para lutar na Segunda Guerra Mundial. Ambientado, especificamente, durante a Batalha da Normandia, França, a história fictícia dá origem a um filme, lançado em 1998, chamado *O Resgate do Soldado Ryan*. O longa acompanha a trajetória do capitão John H. Miller (interpretado por Tom Hanks) e outros sete homens que procuram por James Ryan, mais conhecido como soldado Ryan (interpretado por Matt Damon), que foi lançado em território francês para minar as forças alemãs e reforçar o ataque que, mais tarde, viria do mar. Porém, nem tudo sai como o planejado e muitos acabam morrendo nessa missão. James, no entanto, é dado como desaparecido, e

após o comunicado de que seus outros três irmãos haviam morrido, o alto comando do exército americano reúne uma equipe para resgatá-lo e levá-lo de volta a sua mãe. Todos sabiam que seria uma missão suicida, mas, apesar das dificuldades, o jovem soldado é resgatado com sucesso. Entretanto, o retorno sob fogo cruzado fez mais do que apenas tornar difícil a volta para casa, ele acabou por tirar a vida de mais pessoas ainda, dentre elas a do capitão John H. Miller, que, em seu último suspiro, aconselha o jovem resgatado: "Faça valer a pena". O filme termina com a cena de abertura do longa: o soldado Ryan já idoso, dizendo: "Eu fiz o melhor que pude e vivi da melhor maneira possível". Essa cena sempre me chamou a atenção. Com certeza porque chegar ao fim sem arrependimentos é um troféu que qualquer ser humano tem anseio de conquistar. Mas não só isso. O profundo sentimento de gratidão que aquele soldado tinha por seus amigos, fez com ele doasse tudo de si para viver de forma a valorizar o livramento que lhe fora proporcionado anos antes. Não podemos tomar o sacrifício de Cristo na cruz de forma leviana ou tratá-lo como algo desimportante. Gratidão e rendição são atitudes que se esperam daquele que foi salvo, pois foi salvo para atender ao chamado que recebeu de seu Salvador. A salvação é pela graça, mas custou a vida do Filho de Deus.

Todas as vezes que deixamos de viver com ousadia e intencionalidade o que Deus nos chamou para ser e fazer, deixamos que nossa covardia, mentalidade pequena e preguiça nos ditem o que é viver, como se soubéssemos o que é melhor para nós.

Quando vivemos nossa vida de maneira ordinária, apenas batendo cartão nos cultos de domingo, não podemos ter pretensão alguma de influenciarmos outros ou promover algum tipo de mudança para o Reino de Deus. Mas no instante em que nos posicionamos e decidimos viver integralmente a vida que Ele tem a nos oferecer, coisas extraordinárias acontecem em nós e através de nós. Deus usa pessoas comuns para realizarem feitos extraordinários se elas se deixarem conduzir por Ele para o *next level*. E o primeiro passo em direção ao alcance desse próximo nível vem por meio da nossa apresentação. Quando somos escalados pelo Senhor,

precisamos nos apresentar, e é isso que Paulo nos convoca a fazer em Romanos 12.1:

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.”

Você consegue se lembrar da época em que estava na escola, quando a professora pronunciava seu nome durante a chamada, e você tinha que responder: “Presente”? Naqueles momentos, o que estávamos dizendo para a professora e para todos que estavam na sala é que estávamos presentes naquele instante e prontos para participar da aula. E o que Paulo quer dizer nesse versículo é exatamente isso. Se você é cristão, está sendo chamado por Deus. Ele chama você pelo nome e espera que você se apresente, não apenas dizendo o seu nome, mas apresentando também o seu corpo como sacrifício vivo. Este é o nosso culto racional. E vejo nisso uma confirmação de que, muitas vezes, no Reino, para que algo aconteça, Deus requer de nós uma atitude no mundo físico. Paulo nos encoraja a não somente oferecer nosso coração, mas começa dizendo sobre os nossos corpos sendo apresentados.

A apresentação física pode ser, na maioria das vezes, um passo de fé intimidador no mundo terreno, justamente por parecer tão oposto a tudo que tínhamos sentido e escutado em nosso espírito. Mas é apenas questão de tempo até que esse passo de obediência torne concreto no físico, aquilo que já era verdade no espírito. Quando decidi seguir e viver inteiramente para Jesus, lembro que fiz um voto a Ele. Minha promessa foi a de fazer meus dias nessa Terra valerem a pena. Decidi gastar a minha saúde, mente, corpo e dias no cumprimento do Seu chamado, assim como um soldado faz com sua pátria e exército. Eu me gastaria de corpo, alma e espírito para o meu Rei e o Seu Reino!

Quando Jesus nos diz para ir a Ele como estamos, está pedindo que nos apresentemos. Porém, muitos estagnam nessa etapa e acham que o cristianismo é apenas se apresentar. Só vir para o altar. É claro que esses momentos de rendição perante o altar são

libertadores e inesquecíveis, mas a salvação não é o fim, ela é o início da jornada. No dia em que disse "SIM" para Jesus, você não cruzou a linha de chegada, mas deu a largada nessa caminhada espiritual.

As pessoas que enxergam a vida no Reino simplesmente como um Evangelho da salvação, tratam a decisão para Cristo como se isso fosse o final de tudo, como se nossa vida tivesse sido projetada apenas para trabalhar pela construção de algo que tem uma conclusão todas as vezes que alguém aceita o convite da salvação. Então a pessoa levanta a mão, vai para o altar, repete a oração do pecador, nasce de novo, e nós comemoramos. Mas não é assim. Esse, na verdade, é o momento em que o campeonato começa.

Contudo, muitas vezes, temos essa mentalidade porque não entendemos a diferença entre o Evangelho da salvação e o Evangelho do Reino. O Evangelho da salvação é a porta de entrada para o Reino. Mas, estando dentro do Reino temos a missão de trazer o céu para a Terra, de transformar a sociedade em um reflexo dos céus. "Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu" (Mateus 6.10).

Paulo, por outro lado, não para por aqui. Depois da apresentação vem a transformação. Primeiro nos apresentamos, nos destacamos da forma mundana, e deixamos claro que não temos mais parte com o que éramos antes, para que então, o processo de transformação comece a ganhar forma em nós.

"E não vos conformeis com este mundo, mas transformaivos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus." (Romanos 12.2)

Esse processo, que tem duração eterna, vem através da renovação do nosso entendimento ou, como muitas vezes gosto de falar, através da reciclagem de nossa mente. Só a partir dessa renovação de entendimento, de acordo com Paulo, é que estaremos aptos e prontos a acessar à experiência da boa, agradável e perfeita vontade de Deus. A palavra grega para essa experiência é *Gnoskis*. *Gnoskis* não é apenas uma experiência que vem por meio de um

entendimento racional ou de alguma sensação em nossa alma. E sim, literalmente, se adentrar ou incorporar uma experiência. Ou seja, se nos permitirmos passar por uma metanoia, uma mudança em nossa mentalidade, adentraremos em uma experiência: experimentaremos “a boa, perfeita e agradável vontade de Deus”.

Quando fomos salvos, mediante a fé, algo aconteceu em nosso espírito. Entretanto, todos somos feitos de corpo, alma e espírito. Após o novo nascimento nos tornamos uma nova criatura em nosso espírito, que é onde recebemos uma natureza completamente nova. Contudo, essa transformação precisa atingir todos os três níveis, do contrário, possivelmente, viveremos a vida inteira sendo salvos, mas sem termos nossas almas transformadas, o que além de desastroso torna nossa vida cristã um peso morto ou, no mínimo, pouco eficiente.

A alma, espaço no qual o processo de santificação deve ocorrer, é composta por nossos pensamentos, desejos e emoções. Ou seja, se queremos experimentar plenitude de salvação e, automaticamente, de uma vida vitoriosa, precisamos ter consciência de que tanto o nosso corpo, quanto nossa alma e espírito precisam de redenção. Sim, fomos salvos em nosso espírito quando tivemos o novo nascimento, mas não termina aí. Nós também estamos continuamente experimentando o poder da salvação em nossa alma, através da santificação e transformação; e seremos salvos, com o corpo glorificado na segunda vinda de Cristo ou quando formos para a glória. Nas primeiras duas fases, temos o poder de escolha para experimentarmos ou não a salvação. A glorificação dos nossos corpos, todavia, é consequência da graça salvadora quando sairmos desta Terra.

Sendo assim, uma vez que você entende que Deus tem a boa, perfeita e agradável vontade d’Ele para lhe oferecer, não seria óbvio concluir então que essa vontade é o melhor que Ele tem para você? Pela lógica a resposta é irrefutável, mas como a prática nem sempre acompanha a teoria, acabamos caindo no erro de agir baseados em nossa interpretação do que é melhor para nós. Temos nossas opiniões e desejos, e por mais ridículo que possa parecer, agimos

como se fossemos *experts* no que diz respeito à vida, dizendo para o Autor da Vida através de nossas atitudes: "Pode deixar que isso eu sei fazer. Se estiver em apuros, chamo o Senhor."

Em 2 Timóteo 1.8,9, Paulo escreve a Timóteo, seu filho na fé:

"Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes, participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos."

No momento em que escrevia, Paulo estava preso e lembra a seu pupilo Timóteo que sofrer por Jesus é motivo de orgulho e não de vergonha. Não só isso, mas expõe uma observação reveladora em seguida: ele atribui sua resiliência, diante de seus sofrimentos, ao poder de Deus que não existe apenas para salvar, mas para nos chamar com uma santa vocação. Em outras palavras, Paulo dizia que o mesmo poder que nos salvou, nos capacita a viver de forma a cumprir o nosso propósito. Para todos nós, que aceitamos o desafio de amadurecer e galgar novos patamares por meio da boa, perfeita e agradável vontade de Deus, sempre existirá um próximo nível, e é justamente esse próximo nível que nos levará cada vez mais para o centro dessa trina vontade de Deus.

Dessa forma, o que Paulo nos revela em Romanos e que reforça em 2 Timóteo é que, apesar da vontade de Deus ser a melhor e de termos sido chamados para uma santa vocação, temos a opção de viver sendo apenas salvos e não como chamados. Jesus não nos chamou para sermos apenas salvos, ainda bem, porque isso seria a coisa mais entediante de todas. Mas, pela graça de Deus, fomos resgatados para viver como chamados, e para que isso aconteça é indispensável que a metanoia tenha constante ação sobre nós. Precisamos mudar a nossa mentalidade, mudar a maneira como nos enxergamos, como enxergamos o nosso Criador e a nossa missão. Nesses quesitos necessitamos constantemente de evolução. O melhor de tudo, porém, é saber que o Reino do nosso rei Jesus é

tão rico, que as revelações que dizem respeito a nossa identidade, à identidade d'Ele e ao propósito que Ele já desenhou para nós nunca se esgotarão. E quando abraçamos esse crescimento contínuo nos tornamos uma metamorfose ambulante. Essa metanoia, portanto, produz uma transformação, que gera um *Gnoskis*, a incorporação da vontade que você foi criado para cumprir. Esse é o estilo de vida que Deus nos chama a encarnar.

Ainda sobre a natureza do nosso andar em transformação, em 2 Coríntios 3.18, Paulo continua nos ensinando como essa transformação pode acontecer de forma sustentável e progressiva:

“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.” (Almeida Revista e Atualizada)

Quando você olha diante do espelho, o que está lá? Você! E quando olha na frente do espelho, o que está na sua frente? O espelho! Nessa passagem, com um exemplo tão simples, Paulo revela uma dinâmica de como seremos transformados. Quando nos posicionamos perante a glória de Deus, como fazemos com um espelho, e deixamos que essa glória nos atinja e reflita a beleza de Deus, voltando tudo isso para nós, é que conhecemos na prática o que significa ir de uma glória para outra glória. É quando temos nosso rosto descoberto, quando estamos vulneráveis, transparentes ante o nosso Criador que essa glória vai lentamente penetrando as profundezas de nosso coração e expandindo nossa capacidade de ver o mundo, pessoas e situações como Ele vê. E não existe um ambiente mais propício para a combinação desses fatores do que quando estamos em uma atmosfera de adoração ao rei Jesus. No momento em que vamos além dos átrios de louvor, nos purificamos e posicionamos para ir ao lugar mais santo, em adoração profunda, experimentamos curas em áreas que nem sabíamos que necessitávamos, somos libertos de grilhões que nem sabíamos que existiam. A transformação é a evidência desse agir sobrenatural em nós.

Existe um *next level* para você. E, por razões maiores do que apenas nossa promoção e satisfação pessoal, Deus, mais do que nós, quer levar-nos a esse lugar. Entretanto, a porta do próximo nível só está aberta para os que se submetem a um convite de contemplação, afinal, nós nos tornamos parecidos com o que adoramos. Desse modo, Deus só poderá lhe entregar algo maior quando seu coração estiver no lugar certo, e isso acontece apenas quando nossos olhos contemplam diretamente Aquele que nos criou e quando nos alinhamos àquilo que contemplamos, assim como está escrito em 1 João 3.2b.

“Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos.”

Você já parou para pensar que talvez o que Deus mais queira seja confiar um dom maior em nossas mãos, mas pelo fato de vivermos nossa vida espiritual no piloto automático e não estarmos dispostos a passar pelo fogo purificador, Ele, por amor, nos priva dessa promoção para não correremos o risco de nos perder por causa do dom? Sem o caráter e preparo para suportar o peso da unção, nós, com certeza, sucumbiremos. Por outro lado, se você está andando na mesma glória que andava no ano passado, existe um equívoco bem grande na maneira como você pensa e vive Evangelho. Não encare isso como um fardo, mas seja intencional na busca por mais, porque a própria Palavra diz que parte do nosso processo de transformação é ir de glória em glória.

Agora, se não acredita que Deus tem mais para você do que aquilo que está vivendo neste momento, este livro não fará sentido algum para você. Se ser salvo é suficiente, se ter sido liberto dos erros passados está ótimo, se conquistar um emprego e uma família estável era tudo o que você queria, além de viver um Evangelho estático, sinto em lhe dizer, que você está longe de descobrir o que é viver de glória em glória. Porque se queremos um *next level*, precisamos abraçar o processo de jogar para ganhar, e isso, automaticamente, inclui ir de glória em glória.

Ao prestarmos atenção na trajetória de Gideão, percebemos que ele precisou encarar paradigmas sobre si mesmo para perder uma mentalidade de sobrevivente e conquistar uma mentalidade de guerreiro vencedor. Gideão precisava se posicionar e fazer algo que o levaria para o *next level*, e, para isso, teve que encarar alguns medos, assim como nós teremos de fazer se quisermos avançar e deixar de lado a mentalidade de jogar para não perder e nos apoderarmos da mentalidade que joga para ganhar.

Essa é a diferença entre o termômetro e o termostato. O termômetro serve para indicar a temperatura da atmosfera. Já o termostato é aquele que estabelece a temperatura da atmosfera.

Há alguns meses viajei para os EUA, e o frio estava muito intenso. Cheguei ao hotel e coloquei 72° *fahrenheit* no ar condicionado. Do lado de fora fazia uns 48° *fahrenheit*, e, embora estivesse frio, o termostato não permitia que a friagem penetrasse o local em que eu estava. Não importa se estará frio ou calor do lado de fora.; do lado de dentro estará 72° *fahrenheit*, porque foi a temperatura que eu designei para estar. Essa é a diferença de jogar para não perder e jogar para ganhar. Não temos que indicar a temperatura dos ambientes onde estamos, mas estabelecer a temperatura da atmosfera a partir do que existe dentro de nós.

Logo após o comissionamento de Deus, Gideão ainda tinha uma mentalidade de termômetro, que foi lentamente sendo quebrada mediante seu contato com a glória de Deus, como Paulo fala em 2 Coríntios. Deus, pacientemente, do mesmo jeito como faz conosco, o confrontava com Suas verdades a respeito da identidade dele, mostrando o real motivo para o qual ele havia sido criado e destinado. Assim, Gideão começou a perceber que existia um *next level*; que ele não tinha só que viver salvo, mas como alguém que havia sido chamado. E, após longos processos, Gideão passou de um covarde – que tinha apenas se apresentado – para um guerreiro valoroso que se engajou no processo de transformação através de uma metanoia, que o levou para um Gnoskis, a incorporação perfeita da vontade de Deus em sua vida; e essa perfeita vontade, ainda que ele não soubesse, era ir como estava, mas não ficar como veio.

CAPÍTULO 2

O MEDO DE SI

Marianne Williamson, escritora americana famosa por seus *best-sellers*, escreveu um pensamento com o qual concordo: “Talvez o nosso maior medo não seja o de sermos inadequados. Talvez o nosso maior medo seja o de sermos poderosos além do que podemos imaginar. É a nossa luz, e não a nossa escuridão, que mais nos assusta. Afinal, nos questionamos: Quem somos nós para sermos brilhantes, talentosos, lindos e fabulosos? Como ela mesma disse: “Quem somos nós para não ser?”. Somos filhos de Deus. Quando pensamos pequeno não ajudamos ninguém, pois não existe bondade em nos diminuirmos para que os outros não se sintam inseguros ao nosso redor. “Todos, continua Marianne, fomos feitos para brilhar, do mesmo jeito que as crianças fazem.” Nascemos para manifestar a glória de Deus, e isso não é privilégio de alguns de nós, mas um convite estendido a todos. E, conclui: “Enquanto permitimos que a nossa luz brilhe, inconscientemente, damos permissão para que os outros façam o mesmo; quando nos libertamos do nosso medo, nossa presença, automaticamente, libertará os outros.”.

Gideão era um alguém que trazia dentro de si muitas questões a serem resolvidas. Medos (inclusive de si mesmo), inseguranças, sentimentos de inferioridade e mentalidades que precisavam ser quebradas se ele, realmente, quisesse alcançar o novo e mais alto patamar que Deus tinha em mente quando o criou. E o primeiro desafio que precisou enfrentar, antes de qualquer outro, foi o medo de si mesmo.

Todos nós, em algum momento, temos que encarar o medo que temos de nós mesmos, essa espécie de bloqueio em nós. Por mais estranho que possa parecer, é muito comum o ser humano ter tanto medo de si que passa a sabotar a si mesmo, como um mecanismo de defesa contra a dor de possíveis fracassos ou frustrações. Algumas vezes isso é inconsciente, mas há ocasiões em que se trata de um comportamento racional, manifesto especialmente em momentos críticos da vida.

Esse tipo de medo faz que as pessoas não queiram ser protagonistas ou responsáveis por decisões cujo resultado não esteja totalmente sob seu controle. E é assim que o texto bíblico nos apresenta Gideão: escondido de seus opressores dentro de um lagar, o que, cá entre nós, não expressa o melhor ângulo de um líder que deveria ser ousado e destemido.

A Bíblia não nos dá tantos detalhes a respeito da vida de Gideão antes do encontro que teve com o Anjo do Senhor, mas o imagino como alguém que sofria com crises de ansiedade. Provavelmente isso tenha chegado a um estado crítico quando foi convocado para a gigantesca missão de liderar Israel numa guerra contra os midianitas. É bem verdade também que Gideão, consciente da possibilidade de fracasso daquela missão, passou a sabotar a si mesmo, dando vazão ao medo e afirmando ser incapaz de alcançar tamanha conquista, pois era proveniente de um lugar insignificante e pertencia a uma família medíocre.

O texto de 1João 4.18 nos ensina algo importante a respeito do medo:

“No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor.” (*Almeida Revista e Atualizada*)

O filho de Deus, que está seguro em sua identidade filial, não tem medo, pois está aperfeiçoado no amor. Na interação que teve com o Anjo, Gideão demonstra sua necessidade de amadurecimento no que diz respeito a sua identidade e valor.

Aqueles cujas raízes da identidade de filho de Deus não estão fincadas no amor incondicional do Pai, por mais que Jesus, o Filho Unigênito, tenha pago o preço para que eles também fossem feitos filhos, vivem sob jugo de uma mentalidade de órfãos.

Se quisermos avançar para o *next level* de Deus temos que ser intencionais em mudar nossa mentalidade de órfão para uma mentalidade de filho, porque o Senhor não convoca órfãos para o Seu exército, mas somente os Seus próprios filhos. Antes de ir para

a guerra e lutar contra os midianitas, Gideão teria que passar por um alinhamento em sua identidade, e o Senhor já havia começado a fazer isso desde o primeiro momento da conversa.

O que acontece nos versículos 14 a 16 de Juízes 6 é um dos embates clássicos que os possuidores da mentalidade de órfão precisam enfrentar antes de se apropriarem da mentalidade de filhos. Constantemente, nos julgamos de maneira equivocada, seja para mais ou para menos. Isso nos cega em relação à verdadeira identidade de Deus que carregamos. O que Deus diz a meu respeito é a única informação realmente importante.

“Então, o Senhor olhou para ele e disse: Vai nesta tua força e livrarás a Israel da mão dos midianitas; porventura, não te enviei eu? E ele lhe disse: Ai, Senhor meu, com que livrarei a Israel? Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu, o menor na casa de meu pai. E o Senhor lhe disse: Porquanto eu hei de ser contigo, tu ferirás os midianitas como se fossem um só homem.” (Juízes 6.14-16)

Temos opiniões formadas sobre como devem ser nossa aparência, origem, família e nossas qualidades. Opiniões que, na maioria das vezes, não são determinadas por nós nem por aquilo que Deus diz a nosso respeito, mas pela opinião que os outros têm sobre nós, e isso acaba ditando quem somos e até onde podemos chegar. Somos rápidos em fazer os cálculos e julgamentos sobre nós mesmos. Nos rotulamos e nos submetemos à visão preconceituosa que nutrimos em relação a nós. Porém, raramente paramos para perguntar a Deus o que Ele diz a nosso respeito. Não procuramos saber a razão de Ele nos ter feito exatamente do jeito que somos. Por que Ele nos fez vir a este mundo no país em que nascemos e dentro de uma determinada cultura? Por que Ele nos fez nascer exatamente na família que nos criou? Por que nascemos nessa época, e não anos atrás ou em qualquer outra época futura?

Nada do que Deus faz é por acidente. Ele não criou você da maneira como é por falta de criatividade ou por pensar que isso não era algo a que devia dar importância. Para tudo existe um porquê. E descobrir os porquês que se referem a você é algo relevante.

Geralmente tendemos a honrar o que as pessoas ou nós mesmos pensamos a nosso respeito, quando, na verdade, deveríamos fazer calar esses ecos e dar ouvidos somente à voz d'Aquele que nos fez, importando-nos apenas com quem somos aos olhos d'Ele, quem vamos nos tornar e para onde Ele, o nosso Mestre, quer nos lançar.

É impossível cumprir o que Deus tem para nós sem entendermos qual a nossa real identidade em Cristo. Gideão não sabia quem ele era, mas precisava descobrir. Era necessário que ele enfrentasse o medo que tinha de descobrir sua verdadeira identidade, quem ele era na realidade, para então estar habilitado a se tornar tudo aquilo que o Senhor o havia chamado a ser. Ele precisava encarar a si mesmo e passar a se enxergar como Deus o via.

É interessante o tipo de abordagem que Deus utilizou nesta história. Sem rodeio algum, logo no primeiro contato, Ele se dirige a Gideão de forma a revelar quem o jovem era aos olhos do Senhor, sua real identidade. A declaração "varão valoroso" (versículo 12) descreve quem era Gideão para Deus, mas o deixa confuso. Como ele poderia ser um varão valoroso? Estaria Deus, realmente, falando com ele? Mas, apesar de sua incredulidade a respeito do que acabara de ouvir, era exatamente como varão valoroso que Deus o enxergava. Além de fazer essa afirmação tão extraordinária, e parecendo não se contentar com isso, o Anjo declara profeticamente aquela verdade sobre ele; e, ainda hoje, faz o mesmo conosco.

Neste exato momento, se parar e aquietar seu coração apenas por um pouco de tempo, poderá ouvir o chamado do Senhor para você: "homem corajoso", "mulher virtuosa". São essas as palavras que Ele declara a seu respeito. Lembre-se de que Deus cria realidades com Suas declarações. Ainda hoje, Ele continua alinhando nossa identidade e, a partir daí, Suas verdades são manifestas em nós ao som de Sua poderosa voz. Ele não nos enxerga como estamos, permitindo que nosso estado atual defina nossa identidade para sempre, mas vê o resultado final, quando já teremos nos tornado tudo o que Ele nos chamou para ser. O que Ele sabe e diz sobre nós é a verdade, a única verdade; afinal, foi Ele quem nos criou, e isso é mais do que o suficiente.

“Então, o Anjo do SENHOR lhe apareceu e lhe disse: O SENHOR é contigo, varão valoroso.” (Juízes 6.12)

Tão logo Deus profetiza a identidade de Gideão e o comissiona para libertar Israel, o futuro libertador começa a se deparar com o medo de suas deficiências. Quantas vezes nós agimos de forma semelhante, colocando o foco nas áreas em que temos mais dificuldades em vez de repousar nossas lentes de aumento naquilo que Deus pode fazer, apesar de nossas deformidades?

Tempos atrás eu conversava com um pastor que passava por uma situação difícil em sua família e também em sua igreja. Enquanto conversávamos, ele listava todas as crises pelas quais passava. Suas crises eram realmente sérias e a situação bastante delicada. Naquele momento, porém, depois de ouvir o que ele tinha a dizer, senti em meu coração a direção do Espírito para trazer uma perspectiva do Reino de Deus a respeito de tudo aquilo que ele estava vivenciando. Então perguntei a ele: “Pastor, você consegue ver a mão de Deus aqui? Consegue enxergar a provisão de Deus ali? É capaz de perceber o milagre em tal momento? Sentiu o cuidado de Deus quando passou pela situação X?”. A resposta foi: “Eu nunca vi a mão de Deus como eu vejo a mão do diabo.”.

Há pessoas que são extremamente conscientes daquilo que o diabo está fazendo, mas não têm a mínima percepção de que as digitais de Deus estão em toda a sua trajetória. Se voltássemos os nossos olhos e tomássemos consciência daquilo que Deus está fazendo, no lugar de darmos tanta atenção e crédito ao diabo, não nos sentiríamos tão intimidados por esse inimigo.

Gideão estava agindo de forma egocêntrica e presunçosa, pensando que a vitória dependia exclusivamente dele e de suas habilidades como guerreiro. Essa ótica já o equipava para o fracasso. Como consequência dessa perspectiva e diante do desafio que era a opressão dos midianitas, ele não tinha outra opção além de focar em suas próprias deficiências. É claro que precisamos ter consciência de nossas fraquezas e pontos fracos, mas isso não pode nos paralisar. Entendo que, muitas vezes, não conseguimos jogar para ganhar

porque pensamos que a nossa vitória depende apenas de nós mesmos e não da parceria que Deus decidiu estabelecer conosco, então o que nos resta são o fracasso e nossas deficiências. Diante desse cenário, o melhor que podemos fazer é jogar para não perder. Essa é uma mentalidade que precisa ser eliminada de nossa vida, pois ela é capaz de nos impedir de alcançar o *next level* que Deus tem para nós.

Tempos atrás, enquanto lecionava em um dos treinamentos da JOCUM (Jovens com uma Missão), um rapaz levantou a mão e perguntou: “Teo, se eu estiver ministrando cura para alguém e Deus me revelar uma raiz de algo maligno na vida dessa pessoa, o que eu faço? Devo dizer isso a ela ou não?”. Minha resposta foi: “Se estiver em posição de liderança em relação a essa pessoa, seu dever é tratar e cuidar dela; mas se for apenas uma ministração, profetize libertação. Por intermédio da declaração você começa a criar uma nova realidade para aquela pessoa, passando a chamá-la para o seu desenho original”. E foi exatamente o que Deus fez com Gideão. A declaração “varão valoroso” pronunciada pelo Anjo, por si só já começou a gerar algo dentro dele. Deus estava chamando Gideão para assumir o seu desenho original e, mesmo diante de suas desculpas e fraquezas, Gideão teve que tomar algumas decisões.

Fraquezas e limitações são próprias da humanidade. Não há ser humano que não as tenha ou não as manifeste em algum momento ou circunstância da vida. Todos, sem exceção, passamos por momentos de vulnerabilidade, mesmo os que são do Senhor e trabalham em Seu Reino. Contudo, independentemente de nossas deficiências, a graça de nosso Deus nos basta e possibilita o aperfeiçoamento dEle em nós, apesar das fraquezas e limitações presentes em nossa vida. É o que Paulo ensina em 2 Coríntios 12.9:

“E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo.”

Gideão percebeu que para encarar o medo de si mesmo precisaria aprender a lidar com suas deficiências. Porém, essa

verdade não é a mesma no que diz respeito aos nossos pecados. Sabemos que a luz não tem comunhão com as trevas. Portanto, o poder divino é aperfeiçoado em vasos limitados, mas não em vasos impuros.

Todos temos fraquezas e pecados, mas Deus espera de nós uma proatividade intencional no tratamento dessas duas coisas. Foi justamente por isso que Deus, mesmo vendo a limitação e a pequenez de Gideão, não abriu mão da santificação no tocante à idolatria presente nele mesmo e em sua família. Temos que lidar com ambos – fraquezas e pecados –, mas de maneiras diferentes. Os dois são problemas que podem ser comparados ao lixo: o pecado é um tipo de lixo que jogamos fora para não mais ser utilizado. Já a fraqueza, é um lixo reciclável. Nós colocamos as nossas limitações nas mãos de Deus e perguntamos: “Senhor, o que pode ser feito com isso?”. E então, Ele transforma a nossa fraqueza em algo positivo. Quando isso acontece, a fraqueza se torna uma plataforma para o poder de Deus se aperfeiçoar.

No entanto, durante esse processo, experimentaremos tribulações e provações que, na maior parte das vezes, atuarão na área das nossas fraquezas. Essa área é um lugar em que somos vulneráveis, e é nessa região de vulnerabilidade que seremos provados e atribulados, mas isso produzirá em nós esperança, quando levadas para o processo de reciclagem divina.

“E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança. E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (Romanos 5.3-5)

Quando entendemos que nossas fraquezas são uma área onde Deus pode manifestar Seu poder e as entregamos aos Seus cuidados, Ele, zelosamente as recicla, usando a tribulação para produzir em nós a paciência que gera experiência, e esta, por sua vez, dá lugar à esperança. Nisso também se manifesta a graça de Deus em nosso favor.

O pecado, contudo, precisa ser eliminado, e Gideão tinha essa verdade muito firme dentro de si. Tanto que, logo em seguida, assume a necessidade de se alinhar com o propósito de Deus, consumando essa decisão através da destruição do altar dedicado a Baal. Ali, ele se posiciona e decide extirpar completamente a idolatria de sua vida, da sua família e dos vizinhos. Sua atitude torna explícito o que já era uma verdade em seu coração.

O tempo todo vejo que o povo de Deus tem tido encontros com Ele e percebo que muitos têm ouvido a Sua voz; inclusive, um número significativo dessas pessoas se apresentam e recebem algo especial que vem do céu, mas quando chega o momento de se alinharem, saem da presença do Senhor, por não entenderem que precisam tomar atitude. Diante do que Deus estava dizendo, Gideão entendeu que precisava destruir o que ofendia ao Senhor e discernir entre o que era fraqueza e o que era pecado em sua vida. Idolatria é pecado, então precisava ser eliminado. Já o sentimento de inferioridade e autocomiseração eram limitações humanas que, se entregues ao Todo-poderoso seriam transformadas. E foi justamente a partir da entrega de Gideão que Deus pôde trabalhar em suas debilidades e, através delas, demonstrar a magnitude de Seu poder.

Ao longo da história, é notória a graça e a misericórdia de Deus sobre Gideão, que, mesmo com suas deficiências, dúvidas, inseguranças e medos, foi usado para cumprir um papel crucial na trajetória do povo de Israel. Aos poucos, com confirmações após confirmações, Deus conduziu Gideão a novos níveis. Tudo, porém, só fluiu graças às pequenas respostas positivas que ele deu a Deus. Ao dizer sim, Gideão abriu-se para a ação divina, criando condições para que o alinhamento acontecesse. Sem essa concessão, o Senhor não teria como atuar.

Em uma das longas viagens de avião que fiz, assisti a um documentário sobre a Fórmula 1 que contava a história dos *pit stops*. Inicialmente, eles não existiam, mas foram introduzidos gradualmente como uma estratégia para vencer a corrida. Um dos chefes da Brabham, que era a equipe do Nelson Piquet em 1972, começou a entender que se calculasse o peso ideal do carro com

gasolina e um tipo específico de pneus conseguiria ter uma estratégia que levaria seu piloto a ganhar a corrida. Ou seja, à medida que assistia ao documentário comecei a compreender que existia uma quantidade de gasolina ideal. Se colocarmos muita gasolina, o carro fica pesado demais; conseqüentemente, ele fica lento e o piloto não consegue terminar a corrida em primeiro lugar. Foi quando Deus me disse que há coisas em nossa vida que precisamos eliminar, pois do contrário ficamos muito pesados e lentos, o que tornará impossível a nós cumprirmos o que Ele tinha em mente ao nos criar. Veja o que diz o texto de Hebreus 12.1:

“Portanto, nós também, pois, que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta.”

Enquanto eu absorvia tudo aquilo, Deus continuou falando comigo: “É desta forma que você deve lidar com suas deficiências.”. Nós temos um tanque que precisa ser abastecido com combustível, e, muitas vezes, esse combustível contém deficiências, porque essa é a maneira que Deus escolheu para trabalhar em nós. Assim, podemos entregar nossas fraquezas nas mãos do Senhor e deixar que Ele as transforme em algo proveitoso. Quanto ao pecado, porém, devemos confessá-lo e abandoná-lo (Veja também Provérbios 28.13; 1João 1.9). Você e eu estamos em uma corrida, e se não abrirmos mão do pecado, ele será para nós um embaraço, irá nos prender e tornar lentos.

Obviamente, se fosse possível, todo ser humano preferiria viver sem fraquezas. Olhando por essa perspectiva, podemos questionar a razão de termos essas deficiências em nós ou a razão de Deus simplesmente não removê-las de vez. A verdade é que, se isso acontecesse, seríamos como um carro sem gasolina. Precisamos de um pouco de peso em nossos tanques de combustível para nos mantermos centrados. Geralmente, quando estamos vivendo e sendo o que Deus planejou, e estamos fazendo isso em alta velocidade, tudo está indo bem, temos o favor de Deus e dos

homens, as fraquezas são o meio de o Senhor nos chamar a atenção: “Lembra do seu espinho na carne? Não saia viajando desenfreadamente assim. Você é humano! Minha graça te basta”. É o peso do tanque que nos mantém centrados. A graça de Deus é tão escandalosa que até mesmo as deficiências são usadas para nos proteger. Ainda que o pecado seja eliminado, as fraquezas são permitidas para garantir que vamos correr e nos manter na pista até o final.

Deus, em Sua soberania, mantém o nível certo de combustível de deficiência em nossos tanques; não o bastante para nos deixar lentos demais, mas o suficiente para nos manter centrados. E, naquela conversa, Gideão, consciente de sua pequenez, ouviu as declarações do Anjo do Senhor a respeito de sua identidade e teve que lidar com isso.

Gideão passa por um alinhamento, e o Espírito de Deus se apodera dele. Quando decidiu dar esse passo, o recém-convocado guerreiro entrou em uma nova fase e começou a experimentar tudo o que Deus tinha reservado para ele no próximo nível. Quando nos alinhamos à visão de Deus, entendemos que nela há provisão, proteção e capacitação. Desse modo, a única coisa necessária é que nos alinhemos com a visão de Deus. Foi assim com Gideão e é assim conosco também.

Lide com suas deficiências à maneira de Deus, confesse e elimine os pecados em sua vida, apresente suas fraquezas ao Senhor e deixe que Ele lhe traga a provisão, a proteção e a capacitação.

Ao serem chamados por Deus, há muitos que não estão dispostos a se apresentar de prontidão, querem conhecer antecipadamente o plano completo antes de se comprometer, mas as coisas não funcionam desse jeito. A cada sim que damos a Deus, Ele nos revela mais uma etapa do seu plano. Um passo de cada vez. Um sim de cada vez. Uma revelação a cada sim. E é no trajeto de um sim para o outro que aprendemos a viver a perfeita vontade de Deus. Ela é que nos levará para o *next level*.

CAPÍTULO 3

O MEDO DAS PESSOAS

O medo paralisa. Ele tem efeito anestésico sobre as pessoas. O problema é que quem padece desse mal não consegue avançar, ir para frente, pois sempre haverá algo que irá puxá-lo para trás, dizendo que seu lugar não é ali nem na companhia daquelas pessoas.

O medo é descaradamente mentiroso e igualmente traiçoeiro. Aos poucos ele vai se disseminando, como um vírus, até tomar o controle de todo o nosso corpo e, quando nos damos conta, o que era tão insignificante tomou proporção tal que passou a ditar completamente quem somos, o que pensamos e o jeito como fazemos as coisas.

De acordo com um estudo de 2015, realizado pelo jornal britânico *Sunday Times*, o medo de falar em público, dentre todos, é o maior que existe, atingindo 41% dos entrevistados. Nem mesmo o medo de morrer é tão forte assim, pois atingia apenas 19% dos que responderam à pesquisa.

Falar em público não é fácil mesmo. Alguns tem uma maior desenvoltura que, associada ao preparo, talvez soe realmente descomplicado. Mas a verdade é que, de alguma maneira, todos sempre queremos saber o que as pessoas pensam a nosso respeito, ao mesmo tempo em que tememos tomar conhecimento dessa informação. Assim, quando temos de nos expor diante do público, o coração acelera e a boca fica seca, afinal o que falamos e como falamos determinará o que as pessoas pensarão a nosso respeito.

Na ânsia de ostentar uma perfeição plástica é que minamos a nós mesmos. Nossa necessidade de sermos aceitos nos impede de jogar para ganhar. Gideão teve que enfrentar esse medo, e nós também temos de encará-lo se quisermos seguir em frente, rumo ao *next level*.

É possível que a ideia de muitos a respeito de Jesus, enquanto Ele andou nesta Terra, possa ser representada pela imagem de uma

pessoa excessivamente educada e doce. Certamente Ele era assim mesmo e ainda mais. Contudo, Jesus era focado. Não conduzia Sua vida e ministério com base na opinião popular. Muitos não cumprem o chamado que receberam, porque estão preocupados demais em viver uma vida inofensiva e que agrada a todos. É mais importante estarmos focados no que Deus diz a nosso respeito que demonstrar uma cortesia, gentileza e polidez que não provém de um coração bom, mas do medo da opinião alheia.

Se o temor dos homens estiver acima do temor de Deus em nossa vida, sempre daremos maior importância às opiniões dos outros em lugar de guiarmos nossa caminhada pelo que Deus pensa e diz a nosso respeito. Temos que escolher a quem daremos ouvidos, pois de maneira explícita ou não, somos confrontados o tempo todo com situações em que precisaremos fazer escolhas, e isso determinará se conquistaremos ou não o que Deus tem pra nós.

No início de 2017, eu estava ministrando na cidade de Blumenau-SC quando, ao final da reunião, um jovem me procurou para conversar, buscando obter clareza em relação ao seu chamado. Depois de ouvi-lo, entendi que a vontade de Deus para ele já estava clara, porém esse rapaz estava preso ao medo de ofender algumas pessoas de seu convívio que não entendiam o seu chamado. Com toda sinceridade disse a ele: “Esqueça qualquer possibilidade nesta Terra de cumprir o propósito de Deus sem ofender pessoas. Você precisa abrir mão da necessidade de ser entendido”. Ele me olhou surpreso e, depois de alguns segundos processando o que eu acabara de lhe dizer, finalizou: “Você está certo. O medo está me paralisando, e isso me deixa com um terrível sentimento de frustração”. Em seguida, oramos para que o medo dos homens fosse quebrado e para que o temor de Deus tomasse o espaço que lhe pertencia por direito.

Todas as vezes que me deparo com situações assim, me lembro do meu avô. Vindo de uma família nobre japonesa, o clã Samurai Hayashi, da época do feudalismo, meu avô, o Reverendo Hiroyuki Hayashi, aprendeu com seus pais a honrar o próximo, valorizar as pessoas e cultivar sempre o apreço pelo ensino. Sua mãe foi uma

das primeiras mulheres a frequentar uma universidade no Japão. Os dois, inclusive, eram muito ligados, mas com apenas 17 anos de idade ele a perdeu. Alguns anos mais tarde, enquanto andava pela rua, ele avistou um anjo com a mesma fisionomia dela, e ao iniciar uma perseguição, exclamava: “Mamãe!?”. O anjo, de repente, sumiu, mas, milagrosamente, o meu avô se encontrou de frente para uma banda de evangelismo formada por discípulos do missionário Buxton. Naquele dia, ele entregou sua vida a Jesus.

Sua conversão teve um alto preço, já que era de uma família tradicional de samurais shintoístas. Sua decisão por Cristo lhe custou sua herança e família, já que acabou sendo deserdado após sua decisão de ouvir a voz de Deus.

Tempos depois conheceu sua esposa Kaoru, mulher que representava a terceira geração de uma família de cristãos no Japão. Recém-casados, Deus deu um sonho idêntico aos dois: Uma visão de um povo em meio ao mato e uma voz que dizia: “você pregarão o evangelho a estas pessoas.” Logo conheceram um senhor que sonhava ser missionário no Brasil e coletava informações e imagens sobre a Amazônia. Ao olharem a imagem, entenderam que se tratava da visão que tinham tido. A palavra final foi dada quando reverendo Hayashi caminhava pela praia. Novamente aquela voz surgiu: “Você pregará o evangelho para estas pessoas.”. No mesmo momento, um navio atracou no porto. Hiroyuki saiu correndo para ver de onde ele vinha. “Santos, Brasil”, foi o que responderam.

Em 1934, Hiroyuki Hayashi e sua esposa, com um bebê de oito meses no colo, desembarcaram na Amazônia, onde ficaram por alguns anos até se mudarem para São Paulo. Na capital paulista, o reverendo Hayashi foi incumbido de desenvolver a Igreja Metodista Livre no Brasil, nos anos 1930. O culto inicial foi realizado na Rua Conde de Sarzedas para vinte pessoas. Com seu trabalho missionário estava a visão para educação, uma das premissas das igrejas Metodistas desde a época de John Wesley.

Constantemente, embora a passos lentos, com outros japoneses missionários, a família Hayashi traçava planos de evangelismo para São Paulo e região, como a fundação da Fazenda Evangélica de

Itapevi, um centro de educação e missão que visava alcançar não só os imigrantes japoneses, mas brasileiros também. Os anos 1940 foram conturbados, com período de guerra e grande opressão ao povo japonês, no entanto, ainda assim Hiroyuki Hayashi continuou experimentando o favor de Deus e dos homens.

No final dos anos 1950, já havia mais de quinze igrejas Metodistas Livres estabelecidas, com mais de mil membros. Em 1963, foi fundada a Igreja Metodista Livre de Pinheiros, da qual ele permaneceu cuidando e pastoreando até o fim de sua vida. A Igreja Metodista Livre do Brasil tem, atualmente, mais de dez mil membros no país, mais de sessenta igrejas, escolas fundamentais, faculdades e projetos sociais espalhados pelo Brasil e pelo mundo, abrangendo EUA, Inglaterra, Japão, Paraguai, Argentina e Portugal.

O meu avô é um exemplo de coragem, determinação, fé e obediência a Deus. E, apesar das renúncias que precisou enfrentar, seu legado missionário e na área da educação permanece vivo até hoje. Por isso, abra mão de ser compreendido.

Quem é chamado por Deus e enfrenta oposição de pessoas, uma hora ou outra, terá de tomar uma difícil, mas importantíssima decisão: agradar a homens ou obedecer a Deus. Quando alguém decide atender ao convite do Senhor, deve ter em mente que nem sempre poderá contar com o apoio de outras pessoas. Pode acontecer de encontrar oposição, inclusive, entre aqueles a quem mais ama.

Abra mão da necessidade de ser entendido. Foi o que Gideão fez. Para cumprir a missão que Deus lhe havia confiado, ele não teve outra alternativa senão enfrentar o medo que tinha das pessoas e das opiniões que elas nutriam sobre ele. E Deus é tão gracioso que, sabendo da insegurança no coração dele, utilizou-se de um processo de alternância entre amostras da veracidade e sinais da fidelidade de Sua palavra através do sobrenatural. Finalmente, com essas demonstrações divinas, o temor que Gideão tinha dos homens foi, lentamente, sendo eliminado.

Em Juízes 6.21, Deus lhe dá o primeiro sinal sobrenatural.

“E o Anjo do SENHOR estendeu a ponta do cajado que estava na sua mão e tocou a carne e os bolos asmos; então, subiu fogo da penha e consumiu a carne e os bolos asmos; e o Anjo do SENHOR desapareceu de seus olhos.”

Ali, o Anjo toca no sacrifício e o consome com fogo, que vinha de dentro da rocha sobre a qual a oferta havia sido depositada e preparada por Gideão. Após o episódio, tanto o sacrifício como o Anjo desaparecem de diante de seus olhos. Foi esse sinal sobrenatural, imagino eu, que deu ao rapaz um pouco mais de fé para fazer o que seria determinado logo em seguida:

“E aconteceu, naquela mesma noite, que o SENHOR lhe disse: Toma o boi de teu pai, a saber, o segundo boi de sete anos, e derriba o altar de Baal, que é de teu pai, e corta o bosque que está ao pé dele. E edifica ao SENHOR, teu Deus, um altar no cume deste lugar forte, num lugar conveniente; e toma o segundo boi e o oferecerás em holocausto com a lenha que cortares do bosque.” (Juízes 6.25,26)

A destruição do altar de Baal, propriedade de seu pai, no fundo era um confronto ao temor dos homens que ainda existia em seu coração. Sua família, os amigos de seu pai e seus vizinhos eram adoradores de Baal. E, mesmo não tendo coragem para destruí-lo durante o dia, ele e outros dez servos realizaram a missão no decorrer da noite. Alguns podem pensar que Gideão continuou sendo covarde, mas foi justamente ali que Deus começou um processo de eliminação do medo que ele sentia em relação aos homens.

Gideão se alinha ao que Deus havia dito sobre o pecado e age com base na Palavra do Senhor, mesmo sendo algo difícil e indo contra o *status quo* da época. Sua fidelidade em confrontar o temor que tinha dos homens e destruir a idolatria, começando pela sua casa, faz que ele seja tomado pelo poder de Deus e receba uma unção de convocação. É nítido que um simples alinhamento com o Senhor fez que a graça caísse sobre seus ombros, a fim de realizar o propósito para o qual ele havia sido chamado. A partir de seu posicionamento, o Espírito do Senhor veio sobre Gideão, que tocou a

trombeta, convocando outros a se juntarem a ele. Veja o que diz Juízes 6.34,35:

“Então, o Espírito do SENHOR revestiu a Gideão, o qual tocou a buzina, e os abiezritas se ajuntaram após ele. E enviou mensageiros por toda a tribo de Manassés, que também se convocou após ele; também enviou mensageiros a Aser, e a Zebulom, e a Naftali, e saíram-lhe ao encontro.”

Ao longo das Escrituras é possível ver, com clareza, que quando há uma missão de caráter nacional, Deus levanta homens e mulheres que são capacitados com uma unção de convocação específica para executá-la. Foi o que aconteceu com Gideão. Ele aceitou o chamado divino, alinhou-se com Deus e, em consequência disso, mesmo que também adorassem Baal, o povo se levantou para lutar contra aqueles que os oprimiam havia sete longos anos. Foi algo genuinamente sobrenatural. Uma unção veio sobre Gideão para despertar aquela nação, cujo desenho original era triunfar, mas que por estar sob o jugo da injustiça, estava inerte, sem reação. Ao ler o relato bíblico desse episódio, temos a impressão de que uma paralisia foi quebrada de sobre o povo de Israel. A unção que quebra o jugo foi derramada sobre eles.

A Bíblia é bem transparente quanto aos números. Inicialmente foram convocados 32 mil homens, que se resumiram a um pequeno exército de 300 homens apenas. Humanamente não fazia e nem faz sentido. Acredito que o próprio Gideão tenha ficado surpreso. Mas a história continua, e mesmo com seus medos, ele permanece decidido, e pede outro sinal: o da lâ e o do orvalho (versículo 37). A Palavra diz que, quando espremeu a lâ, o orvalho que nela estava encheu uma taça de água. Embora já tivesse provado mais um pouco do sobrenatural, como se aquilo não fosse suficiente, ele pede outro sinal. Os versículos 39 e 40 nos contam que naquela mesma noite o chão apareceu molhado enquanto a lâ estava seca.

Deus estava trabalhando em Gideão a capacidade de discernir o que Ele estava fazendo, com todos aqueles sinais sobrenaturais em sua vida. É difícil ver o agir de Deus em nossa história, se a única coisa que enxergamos é o espírito do devorador, o espírito de

Jezabel, o espírito disso ou daquilo. É natural que tenhamos olhos para enxergar com mais facilidade aquilo em que mais focamos. Há crentes que, uma vez que enxergam o mundo espiritual, só conseguem ver o agir demoníaco. Uns são tão intensos nessa fase que enxergam sinais do diabo nos mínimos detalhes da vida. Na maior parte das vezes isso não é saudável, pois começamos a magnificar aquilo que um ser já derrotado está tentando fazer no pouco tempo que lhe resta. É necessário começar a focar mais naquilo que Deus está fazendo do que naquilo que o diabo está fazendo. Nosso Deus sempre está agindo e tem novidade de vida para nós. Quando Deus permite que Gideão testemunhe sinais sobrenaturais, Ele está estendendo a ele um convite para enxergar as circunstâncias sob Sua ótica. Por mais que algo pareça impossível, para Deus tudo é possível.

Nesse momento, Gideão está em um processo de alinhamento, e, por isso, começa a enxergar que tudo o que estava acontecendo, inclusive as ocorrências sobrenaturais, não eram fatos aleatórios, mas parte de um processo de Deus para mostrar a ele o Seu caráter e Sua natureza.

O objetivo divino era que Gideão entendesse que o agir sobrenatural não é só um evento, mas um portal. Por exemplo, você está doente e precisa ser curado, mas os recursos da medicina não são suficientes para resolver seu problema. Então alguém ora por sua situação, e Deus opera um milagre, curando você de forma sobrenatural. Deus quer que você tenha saúde? Sim! Deus demonstrou Seu amor através dessa cura sobrenatural? Sim! Deus usou a pessoa que orou por você? Sim! Mas será que é só isso ou será que a cura é algo mais que um evento? Será possível que através dessa cura Deus esteja estendendo a você um convite para experimentar essa "invasão do céu na Terra", como um estilo de vida e não apenas como um acontecimento esporádico? Será que podemos deduzir que a cura é um convite divino para viver sob esse portal de convergência entre o sobrenatural e o natural?

Ao passar por uma experiência de cura ou vivenciar algum outro milagre, nossa atitude deve ser de gratidão, mas precisa ir além

disso. É necessário perguntar ao Senhor: O que mais o Senhor está querendo me dizer com esse acontecimento? Para o que mais o Senhor está me convidando?

Ele não está queimando um sacrifício na pedra só para provar que Ele é "o Anjo do Senhor" (Juízes 6.21). Ele não está colocando orvalho ora na lã ora no chão simplesmente para mostrar que era Ele quem estava falando com você. Deus estava fazendo algo em Gideão que nem mesmo ele sabia: eliminando o temor que ele nutria dos homens e das opiniões deles. Deus nunca trabalha em apenas uma dimensão. Ele é multidimensional, por isso você tem a obrigação de perguntar: "Deus, o que mais o Senhor está fazendo?". Precisamos aprender a olhar além do natural, do temporal. Além do óbvio. É necessário aprender a discernir as coisas espirituais, e elas só podem ser discernidas espiritualmente.

"Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1Coríntios 2.14)

A essa altura, o recém-convocado guerreiro já começara a entender que Deus estava trabalhando com ele por meio de um processo. A atenção e exposição ao sobrenatural estavam preparando Gideão para um desafio muito maior no campo de batalha. Talvez hoje você esteja passando por algumas situações para as quais precise de livramento, e Deus traz esse livramento. Mas, Ele traz o livramento, o milagre, a provisão, o sobrenatural, porque está preparando você para algo maior. O que estamos enfrentando hoje nem se compara com as conquistas que o Senhor tem preparado para nós no futuro. Se não mudarmos nossa mentalidade, deixando de jogar apenas para não perder e passando a jogar para ganhar, não seremos capazes de entender isso. Começamos apenas enxergando nossa necessidade de livramento, mas quando mudamos a perspectiva, e não somos tão imediatistas e míopes, quando enxergamos o que Deus quer fazer no longo prazo, passamos a entender que Ele está nos preparando para uma vitória que é imensamente maior do que essa que recebemos agora.

Muitas vezes precisamos visitar os momentos passados em nossa história, quando experimentamos o agir de Deus de maneira poderosa. Quando voltamos ao nosso arquivo histórico de experiências com Deus (Veja Lamentações 3.21), conseguimos ver a Sua fidelidade ao longo dos anos. Você consegue se lembrar de episódios em 1998, em 2003, 2008 ou em 2015, em que via claramente o agir divino em sua vida? Tudo o que passou é incrível, mas o que o Senhor está construindo é ainda melhor. Prepare-se, pois a partir de agora Ele o levará a um patamar muito mais alto.

Contudo, se tivermos uma mentalidade de jogar só para não perder, pensaremos: "Ufa, Deus me livrou de uma ontem.", "Ufa! Ele me livrou mais uma vez! E outra! Nossa, como Deus é bom!". Essa mentalidade é a de um assistencialismo espiritual. Com essa atitude você está pedindo apenas o pão e o peixe para hoje, enquanto Deus quer suprir nossa necessidade do momento, mas nos convida também a aprender a fazer pão e a pescar. Ou seja, Deus quer tornar esse mover sustentável dentro de nós, e somente os que começam a jogar para ganhar são capazes de enxergar isso.

CAPÍTULO 4

O MEDO DE PERDER

Ninguém gosta de perder. Quando abraçamos um desafio – seja uma luta, jogo ou competição – todos sonhamos com a vitória. Verdade é que nem sempre alcançamos êxito, mas o que vale é a tentativa e o aprendizado durante o processo. No entanto, muitos de nós temos tanto medo de perder que ficamos na defensiva apenas para garantir algum tipo de resultado, mesmo que seja medíocre. Ao longo da vida encaramos algumas derrotas, mas devemos lembrar que, apesar de algumas coisas não saírem exatamente como planejamos, enquanto estivermos com Jesus, nosso time já venceu. Precisamos parar de encarar as situações como derrota. Já conhecemos o final da história e, sem querer ser estraga-prazeres, ele é totalmente favorável a nós. Somos mais que vencedores. Se parece que estamos perdendo é só porque o fim ainda não chegou. O time de futebol que entra no vestiário depois do primeiro tempo, aparentemente, perdendo, com um placar de 1 x 0, não perdeu o jogo. Esse time ainda tem uma outra metade do jogo para reverter a situação. Muitos entregam os pontos antes mesmo do apito final. O jogo ainda não terminou e ainda veremos o cumprimento da palavra de encorajamento que Paulo falou aos filipenses:

“Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo.” (Filipenses 1.6)

Se estamos debaixo da vontade do Senhor, as coisas só acontecem porque existe um propósito mais alto, que talvez não entendamos no momento e nem enquanto estivermos nesta Terra, mas que nos trará um peso eterno de glória (Veja 2Coríntios 4.17). Gideão entendeu isso. O medo de perder, e pior, de ser eliminado, é algo que nos aprisiona à derrota. Ele paralisa e impede de enxergar além do desafio e crise evidente. Gideão precisou enfrentar esse medo para chegar ao próximo nível.

Nesse processo, ainda sendo tratado por Deus, além dos três sinais que havia recebido, Gideão ainda não tinha confiança plena, por isso na véspera da guerra, enquanto estava no acampamento com seu servo, alguém tem um sonho (Juízes 7.13). E só após esse sonho é que ele tem a certeza de que Deus era com ele.

Pouco antes, Gideão convoca 32 mil homens. Para quem pensava que era um pobrezinho, o menor da sua família e tribo, ele até que estava bem. A partir do momento em que passa a se enxergar como um jovem valoroso, exatamente como era em seu desenho original, ele também começa a experimentar o que a unção de Deus era e é capaz de fazer. Gideão sai de um lugar de completa dúvida e insegurança a respeito de si mesmo em direção a um lugar aonde, de repente, suas palavras têm poder, pessoas abraçam sua visão e a mobilização de milhares acontece ao som de apenas um comando seu. Era algo inacreditável aos olhos de Gideão e das pessoas que o conheciam de perto. Subitamente, ao olhar os 32 mil homens, ele não se sentia tão pequeno e insignificante. E é nesse ponto que Deus dá prosseguimento ao que havia começado: o processo de aperfeiçoamento. Dizer que Gideão seria completamente dependente de Deus com tanta vantagem seria difícil de acreditar. O Senhor de Israel queria mostrar que Ele é quem traria a vitória ao Seu povo, e não os milhares de soldados. Portanto, Deus reinicia o processo de eliminação do medo da perda ao reduzir o número dos homens que o acompanhariam na batalha. O que Deus queria era levar Gideão a um lugar de dependência plena d'Ele. Os 32 mil, então, se tornaram 10 mil, e acabaram em 300.

Naquele momento, Deus estava comprovando se Gideão realmente conseguiria dispensar aqueles homens para que Ele entrasse na equação. Do jeito que as coisas estavam caminhando, o triunfo viria sem que fosse necessário eles trabalharem com Deus. A vantagem humana era grande e óbvia. Não havia espaço para o Deus de Israel na maneira como eles estavam planejando guerrear. Deus precisava de espaço para entrar em cena e a oportunidade surgiu com a lacuna de 31.700 homens.

Às vezes, nos deparamos com uma situação intensa de embalo, em que a unção vem por conta do nosso alinhamento, e, de repente, em meio a tudo isso, quando temos convicção de que a vitória é certa, ouvimos Deus nos pedindo espaço. São nesses instantes que Ele, na maioria das ocasiões, nos pedirá para abrir mão daquilo em que estamos nos apoiando para voltarmos a nos escorar n'Ele. Porque grande parte das vezes tudo o que era para ser um meio acaba se tornando um fim dentro de nós. A unção da convocação vem sobre nós, convocamos um exército, e alcançamos vitórias. De repente, percebemos que o que Deus nos deu como ferramenta se tornou um fim em si mesmo. Antes de termos essa unção confiávamos em Deus, mas então passamos a confiar naquilo que Deus nos deu. Logo, o processo de alinhamento recomeça. É um ciclo pelo qual a maioria de nós já passou e, ao longo da estrada, precisamos sempre lembrar a nós mesmos: A ferramenta e a bênção que Ele nos dá, sempre serão meios, nunca podem se tornar um fim em si mesmas.

Justamente por esse motivo, Gideão passa a questionar a Deus com o seu medo de perder. Obviamente com 32 mil ele sabia que tinha grandes chances de ganhar, mas com 300? Isso já era demais. E apesar de nos colocarmos na cadeira de juiz quando nos deparamos com situações como essa, é exatamente assim que agimos quando Deus nos pede espaço para entrar em campo.

Ali, o que Deus estava pedindo era justamente isto: "Gideão, me dê espaço para trabalhar em seu favor. Não olhe para o dom ou a unção, olhe para mim". E, ao confiar nas coordenadas divinas, Gideão vence a batalha com apenas 300 homens, trombetas e jarros nas mãos. Essa era a estratégia de Deus, porque agora Ele tinha uma lacuna.

Se algum dia você visitar Londres, capital da Inglaterra, e pegar o metrô, enquanto estiver andando pelas plataformas notará um aviso constante que diz: *MIND THE GAP*, que quer dizer "preste atenção no vão". Da próxima vez que pegar o metrô aqui no Brasil, olhe para aquele vão, e pense em Gideão. Pense em si mesmo. Esse *gap* é o

espaço em que Deus entra. E, continuamente, Deus está nos aconselhando a aumentá-lo para dar mais espaço para Ele agir.

O *gap* é o espaço de um degrau entre seu nível atual e o seu próximo nível. Deus quer levá-lo ao próximo nível, mas para isso Ele precisa de um degrau. Quando andamos com Ele sempre somos esticados a cada passo de fé. Quanto mais prazer temos em andar com o Senhor mais enxergamos a necessidade de aumentar esse vão para que Ele o preencha. Não é um andar confortável. Não existem garantias e, muitas vezes, não nos sentiremos totalmente seguros, mas graças a Deus que o andar com Cristo não é uma caminhada respaldada por sentimentos, e sim por fé.

“... o justo viverá da fé.” (Gálatas 3.11)

O andar do justo sempre será pela fé e incluirá Deus na equação. Não é um caminho com muitas garantias, mas com toda a certeza é o melhor. A pergunta é: Você vai dar um *gap* ou ainda tem medo de perder? Se Gideão e o povo tivessem vencido a batalha com 32 mil homens, eles não teriam ido para o *next level*.

Durante sua corrida, Gideão teve, de forma gradual, seus medos confrontados e tratados, ao mesmo tempo em que sua fé era fortalecida. Ao se posicionar perante a sua família, e os 32 mil homens, ao final, ele experimentou mais uma conquista. Tudo no Reino de Deus é progressivo.

Alguns precisam destruir os templos de Baal de suas vidas. Outros, se livrar da necessidade de serem sempre entendidos. Outros ainda, precisam se posicionar diante de suas famílias. Nem todos entenderão o que você foi chamado para fazer, e não é para todo mundo entender mesmo. Hoje você tem uma escolha: Temer aos homens ou a Deus. Sempre há uma escolha.

Gideão preferiu alinhar sua vida com Deus. Ainda que seus pais, vizinhos e as pessoas próximas não entendessem o que ele havia feito ao derrubar o altar de Baal, quando retornou vitorioso da guerra, todos estavam gratos por seu posicionamento, mesmo sem

entender exatamente o que ele havia sido chamado a fazer. Foi o posicionamento de um homem que salvou toda a nação.

Confesso que depois de alguns anos trabalhando com universitários, tenho ficado bastante cansado de ver jovens que não vivem o chamado de Deus por medo do que seus pais, mesmo sendo cristãos, vão pensar a esse respeito. Jovens que não vivem seu chamado por medo do que a sociedade ou a tribo a que pertencem vai pensar, do que a tradição de suas famílias vai dizer.

Há alguns meses, eu estava em meu carro, acompanhado de um jovem que era filho de presbítero. Ele começou a me contar que o pai sabia sobre seu chamado, mas não o apoiava. Ao pedir meus conselhos, disse a ele que essa atitude era de uma hipocrisia sem tamanho. O pai do rapaz era quem o levava para a escola dominical, que o ensinava as verdades sobre Cristo e, mesmo assim, parecia que não havia entendido nada do que estava fazendo. Ele havia instruído o filho a seguir a Jesus, e quando Este lhe pediu para que o jovem tomasse a sua cruz e O seguisse, o pai muda de ideia? Isso soa contraditório para mim. Disse ao jovem que, em algum momento, ele precisaria cortar o cordão umbilical e seguir o que Deus havia preparado para sua vida, pois um dia Deus iria trazê-lo de volta do seu chamado, e seus pais seriam gratos por sua obediência, que teria feito com que tanto ele quanto seus pais chegassem ao *next level*.

Não haveria família de Gideão se ele não tivesse se posicionado contra Baal, contra o medo de si, o medo das pessoas e o medo de perder. Jogue para ganhar.

“Chegou, pois, Gideão e os cem homens que com ele iam ao extremo do arraial, ao princípio da vigília da meia-noite, havendo-se já posto as guardas; e tocaram as buzinas e partiram os cântaros que tinham nas mãos. Assim, tocaram os três esquadrões as buzinas, e partiram os cântaros, e tinham nas suas mãos esquerdas as tochas acesas e nas suas mãos direitas as buzinas, que tocavam; e exclamaram: Espada do Senhor e de Gideão. E ficou-se cada um no seu lugar ao redor do arraial; então, todo o exército deitou a correr, e, gritando, fugiram. Tocando, pois, os trezentos as buzinas, o Senhor tornou a espada de um contra o outro, e

isto em todo o arraial; e o exército fugiu para Zererá, até Bete-Sita, até aos limites de Abel-Meolá, acima de Tabate. Então, os homens de Israel, e de Naftali, e de Aser, e de todo o Manassés foram convocados e perseguiram aos midianitas. Também Gideão enviou mensageiros a todas as montanhas de Efraim, dizendo: Descei ao encontro dos midianitas e tomai-lhes as águas até Bete-Bara, a saber, o Jordão. Convocados, pois, todos os homens de Efraim, tomaram-lhes as águas até Bete-Bara e Jordão. E prenderam dois príncipes dos midianitas, Orebe e Zeebe; e mataram Orebe na penha de Orebe, e Zeebe mataram no lagar de Zeebe, e perseguiram os midianitas, e trouxeram as cabeças de Orebe e de Zeebe a Gideão, além do Jordão.” (Juízes 7.19-25)

O que Deus quer fazer na sua vida nem sempre faz sentido. E não precisa fazer.

Como se vence um exército quebrando jarros e tocando trombetas? Pode parecer loucura, mas não é. Tudo o que você está fazendo é aumentar o *gap* para que Deus entre e o leve para o *next level*. Chega de ter medo de perder. Chega de ter medo dos homens e de si mesmo. Hoje é dia de nos posicionarmos contra tudo isso e encararmos de frente as questões que precisamos resolver. Precisamos nos posicionar em campo e jogar para ganhar.

CAPÍTULO 5

DEFININDO A VISÃO

A visão nos traz um norte. Ela permite que nos mantenhamos firmes na caminhada até os próximos níveis, e, conseqüentemente, até o nosso destino final. No livro de Provérbios, o rei Salomão nos lembra da máxima do propósito da visão.

“Não havendo profecia (visão profética), o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é bem-aventurado.” (Provérbios 29.18)

Nesse texto, o autor do provérbio nos mostra que a visão tem a função de nos manter focados e não distraídos. Em algumas versões, a corrupção, como consequência da ausência de visão, é traduzida como desvio:

“Onde não há revelação divina (visão profética), o povo se desvia; mas como é feliz quem obedece à lei!” (*Nova Versão Internacional, NVI*; grifo e acréscimo do autor)

A visão clara e contundente nos protege de sair do enfoque original. É justamente por isso que uma das qualidades mais importantes de um líder é a habilidade de comunicar a visão de maneira clara e convincente.

O zelo jovem, genuíno, porém imaturo, é muitas vezes exposto no ímpeto de executar, mas com ausência de clareza do propósito da ação. O coração jovem que é sonhador, que se apaixona intensamente, que é pleno e não mede esforços, é um coração que bate forte por um desafio, mas ao mesmo tempo é impaciente para calcular o que é necessário para o êxito da missão. Há vontade em doses generosas, mas o processo profundo e, muitas vezes moroso, é visto como contraditório ao compromisso; como algo frio e até entediante.

Muitos de nós além de sermos consumidos pelo entusiasmo de galgar novos territórios, nos julgamos prontos para o próximo nível, ainda que nem saibamos que próximo nível será esse. E por se

alegrar com essa paixão e entrega, Deus aproveita para alargar a nossa visão, uma vez que estamos compromissados inteiramente com essa aventura. O texto de Isaías 43.19 retrata bem essa realidade.

“Vejam, estou fazendo uma coisa nova! Ela já está surgindo! Vocês não o percebem? Até no deserto vou abrir um caminho e riachos no ermo.”

Quando, em nome de Deus, Isaías diz: “Vejam!”, o próprio Deus nos aponta uma visão. Uma visão de que Ele está fazendo uma coisa nova, sem semelhança alguma com a velha. Em outras palavras, Ele diz: “Veja o que mostro a você. Observe. Em nada se parece com aquilo que você esperava”. O nosso Deus é Deus de novidade de vida; Ele nos pergunta se, por um acaso, temos olhos para ver, olhos que consigam enxergar o que está acontecendo, que tenham, ao menos, uma pequena noção de que Ele está fazendo algo inédito. Ele nos convoca a enxergar as coisas como Ele as vê. Mas para isso é necessário que quebreemos padrões de visão viciados, que só enxergam aquilo que já esperamos ver e não aquilo em que o Senhor está enfocando.

O tempo todo Deus está fazendo coisas novas, e Sua palavra, a mesma que criou o céu e a Terra, ainda não parou de criar. Até hoje ela está criando novas realidades. Portanto, se nós, cristãos, nos queixamos de uma vida espiritual entediante, talvez a culpa nessa história seja nossa, por não estar acessando as novidades que Ele tem a nos oferecer e as experiências inéditas que estão ao nosso dispor. Se nós, simplesmente, conseguíssemos enxergar que Ele está fazendo uma coisa nova, talvez a nossa opinião sobre um Cristianismo puro, simples e poderoso, fosse diferente. E, aqui, diferente significa próximo, palpável, interativo e atual.

O melhor é que essa coisa nova já está surgindo. Ele faz tantas coisas novas que continuamente elas estão para acontecer, e isso já é uma realidade e não apenas promessa. Sempre há um lançamento no Reino de Deus. Sempre existe uma novidade chegando. Algo inédito. “Veja!”, Deus está falando: “Eu estou fazendo uma coisa nova. Será que vocês não a reconhecem?”. Além de cobrar que

enxerguemos, Deus também nos instiga a respeito do nosso discernimento, nos mostrando que enxergar é bom, mas perceber é ainda melhor. Não basta apenas ter visão, precisamos ter percepção. Ver não é suficiente. É necessário perceber. Há coisas que Deus está fazendo que só serão experimentadas de forma plena se forem percebidas. Ver não basta quando o assunto é o novo que o Senhor está fazendo.

Talvez a visão seja suficiente para nos proporcionar uma experiência poderosa, porém, ainda assim, ela continuará sendo externa. Um passo para dentro da percepção consolida a experiência em uma verdade interna. Não apenas ver. As perguntas que ficam então são: Como é possível percebermos aquilo que enxergamos no âmbito do espírito? Quando vemos o mundo espiritual, tanto o lado da luz quanto o das trevas, qual é a nossa resposta? Qual é, e qual deve ser, a nossa leitura do que vemos? Será que seremos influenciados por fé e esperança, ou por um sentimento fatalista que dá destaque ao que as trevas fazem ao invés de destacar o que a luz representa?

Algumas pessoas têm a capacidade de perceber muito mais a presença e a ação do diabo e dos demônios do que o agir poderoso de Deus e os Seus anjos.

Certa vez ouvi alguém explicar, de maneira simples, o que seria uma pessoa que sabe utilizar de modo equilibrado o dom de discernimento dos espíritos. A explicação começou com uma pergunta extremamente fácil: "Quem eram os demônios?". A resposta manteve o mesmo nível de facilidade: "Anjos caídos". Seguiu-se outra pergunta: "Quantos anjos caíram?". A resposta veio de prontidão: "Um terço dos anjos do céu". "Pois bem" – continuou – "então, a cada demônio que você enxerga, certifique-se de que esteja enxergando dois anjos. Equilibre sua percepção espiritual".

Ou seja, se estamos com a visão embaçada ou desequilibrada, ainda que Deus aja sobrenaturalmente em nosso favor, somos bloqueados de enxergar e incapacitados de perceber essas novidades que Ele criou para nos possibilitar a entrada nos próximos

níveis. E foi exatamente isso que aconteceu com o povo de Israel em Êxodo 14.

Nesse momento, eles marchavam rumo à terra prometida, estavam cansados e com medo, e os egípcios os perseguiram. Simultaneamente, começaram a questionar Moisés sobre a razão daquela libertação, pois, em meio ao desespero, era melhor ter continuado no Egito e terem um sepulcro em suas mortes do que enfrentarem a morte no deserto. Pouco tempo antes disso, na visão dos israelitas, Moisés era o libertador e o herói. Isso, porém, durou pouco, só até que uma situação adversa passasse a impedi-los de enxergar a visão inédita que Deus lhes estava mostrando e eles passassem a descartar aquilo que estavam prestes a perceber.

A mentalidade de sobrevivência tinha uma raiz tão profunda no coração deles que, mesmo depois de terem visto o mar se abrir, as provisões chegarem diariamente em forma de maná (imagine o seu café da manhã caindo na porta da sua casa todos os dias) e o favor de Deus sendo derramado sobre eles, o povo continuava duvidando, questionando e se voltando contra Deus. Havia dentro deles um instinto escravo tão forte que nem os eventos miraculosos e sobrenaturais foram capazes de erradicar tal natureza. Bastava uma crise aguda para que o gatilho fosse acionado e trouxesse à tona todo o comportamento que deveria ter ficado para trás. Esse padrão lhe soa familiar? Quantas vezes não experimentei esse mesmo comportamento, só que numa escala menor?

Eles haviam sido libertos da escravidão, mas a mente e o coração deles ainda eram de escravos. A mediocridade de suas visões era tão extrema que não conseguiam perceber o processo de Deus para levá-los ao próximo patamar. E assim como o povo de Israel, muitos ainda não entendem o conceito. Uma coisa é sair do Egito, outra é entrar na terra prometida. Sair do Egito não significa que, automaticamente, entrará na terra prometida. Entre esses dois pontos, existe um deserto em que todos nós teremos que passar, se estivermos dispostos a abraçar o ineditismo da terra prometida.

Eu me lembro da época em que estava servindo o meu pai espiritual, o Dr. Fletcher, na Carolina do Norte, EUA. Ao término de

mais um culto, eu estava ao seu lado, andando em direção ao carro, quando ele foi abordado por um membro da igreja que buscava conselho para uma situação bastante difícil. Aquele homem pareceu não se importar com a minha presença, e foi logo abrindo o assunto, contando como tudo estava dando errado e conspirando contra ele. Ele reclamava: “Estou passando por essa situação e é horrível! Dr. Fletcher, o senhor não entende! É fácil para você falar que tudo vai ficar bem, que Deus sabe de tudo!”. Calmamente, após cada reclamação, o Dr. Fletcher dizia: “Fique calmo, você precisa ter esperança! Precisa ter mais fé! Seja mais positivo, não fale desse jeito!”. Foi quando, de repente, aquele homem chegou a tal ponto em sua irritação, que começou a se alterar: “VOCÊ NÃO ESTÁ SENTINDO A MINHA DOR! VOCÊ NÃO ESTÁ ENTENDENDO! EU ESTOU PASSANDO PELO INFERNO!”. Então o Dr. Fletcher, disse: “EXATAMENTE! Passe pelo inferno, mas não fique no inferno!”.

Alguns estão passando pelo inferno, mas parecem querer continuar lá. Se você está passando pelo inferno, saiba que isso acontece e que todos estamos suscetíveis a acontecimentos assim. No entanto, o importante é que você continue passando e nunca estacione naquele lugar. Lá não é um ambiente para armar a sua barraca, fazer a sua cama, criar seus filhos e envelhecer. Todos estamos vulneráveis a passar por crises e enfrentar momentos difíceis, mas foi justamente devido à uma visão míope e por focar no inferno que era a situação do momento, que o povo de Israel permitiu que sua visão ficasse nublada a tal ponto que a única coisa que lhes restou foi render-se ao instinto de sobrevivência que ainda carregavam. O inferno é um lugar de passagem e, mesmo enquanto passamos por ele, é imprescindível continuar olhando para o que Deus nos mostra. Mesmo no deserto é fundamental sermos capazes de perceber e discernir além do que é óbvio e natural. Existe algo mais alto, um lugar mais excelente onde Ele nos convida a entrar, e esse lugar é alcançado através do vale. O próprio salmista nos consola com as palavras do Salmo 23.4 quando diz:

“Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.”

Nunca houve garantias de que não iríamos passar por vales, desertos e situações que se assemelhassem ao inferno, de tão críticas que seriam. O nosso grande consolo e garantia é a presença do Senhor por todo o trajeto.

A questão é que, quando perdemos a visão, perdemos também a noção das proporções, dos pesos das nossas escolhas e das ramificações de todas as nossas ações imediatas. Com isso, acabamos lidando com circunstâncias e situações temporais como se elas tivessem o peso de algo eterno. E foi exatamente o que os israelitas fizeram. Eles estavam tomando decisões eternas baseadas em circunstâncias temporais.

Diante desse cenário, comecei a entender o que estava escrito em Gênesis 15. No capítulo anterior, Abrão resgata seu sobrinho Ló, que havia sido feito refém de alguns exércitos inimigos. Ele extermina os adversários e, sem saber, acaba matando os inimigos do rei de Salém, que atendia pelo nome de Melquisedeque. Ao tomar conhecimento do que havia acontecido, o rei de Salém, oferece numerosas recompensas a Abrão. Entretanto, ele recusa, e já no capítulo seguinte, Deus dá início a uma conversa com ele, que vem em forma de visão. Abrão tem uma visão dentro de uma visão.

Ao lermos o capítulo 15 podemos fazer algumas deduções sobre aquela situação: A primeira coisa que Deus diz é: "Não temas, Abrão, Eu Sou o teu escudo". Ali, é muito provável que Abrão estivesse com medo. Talvez estivesse preocupado com a retaliação do exército inimigo. Ou talvez com a possibilidade de uma nova captura, já que alguns reis estavam em guerra naquele período. Em seguida, Deus completa: "a tua recompensa será infinitamente grande" (*Tradução Brasileira*). Será que ele deveria ter aceitado a recompensa que o rei de Salém lhe havia oferecido no capítulo 14?

O ponto principal de todo esse diálogo, porém, é justamente a sua primeira frase: "Não temas, Abrão". Essa frase foi essencial para o restante de tudo que se seguiu, pois demonstra um padrão do agir de Deus todas as vezes que Ele está prestes a intervir de maneira sobrenatural. Para que aconteça o agir miraculoso, primeiramente, é necessária uma atmosfera livre de todo medo, dúvida e

incredulidade, pois a presença de uma dessas três realidades é capaz de bloquear os milagres em nossa vida.

Nós enxergamos e entendemos esse mundo, que está preso ao tempo e espaço, como um mundo de três dimensões. Mas há o mundo espiritual, que é muito mais real que o mundo físico. Sabemos disso, simplesmente, porque o mundo espiritual existia antes do mundo físico, ou seja, o mundo físico veio como consequência do que foi ditado no espiritual.

Paul Yonggi Cho, um pastor coreano, talvez um dos maiores deste último século, escreveu uma obra clássica chamada *A quarta dimensão*, em que ele explica como a declaração de fé tem a capacidade de alterar as manifestações no mundo físico. Em outras palavras, essa quarta dimensão é onde o miraculoso, ou o mundo espiritual, sobrepuja o mundo tridimensional, ou físico. É exatamente o que aconteceu com Pedro quando ele andou sobre as águas. Enquanto dava aqueles passos sobre as águas, o apóstolo pisava em algo físico; aquela água era real, molhava seus pés. A passagem nos conta que era madrugada e que ventava, ou seja, mais contatos com o mundo físico. No entanto, ainda assim ele estava andando sobre as águas. Sobrenatural. É o mundo espiritual vindo sobre o mundo físico. Mas, poucos segundos mais tarde, o evangelho de Mateus menciona que, ao sentir a violência do vento, Pedro sai daquele estado sobrenatural e começa a afundar, ou seja, a se submeter ao mundo tridimensional, pois permitiu que dúvida e incredulidade o tirassem da quarta dimensão, onde o miraculoso estava acontecendo. O que fez Pedro parar de andar em direção ao milagre em andamento foi que ele permitiu a entrada do medo em sua vida.

Quando Jesus estava para realizar algum milagre Ele sempre bloqueava a atmosfera contra o medo. Certa vez, Ele ia em direção à casa de um homem chamado Jairo, cuja filha estava à beira da morte (Lucas 8.40-56). No percurso, Jesus para porque sentiu que alguém havia tocado nEle. Uma mulher que padecia com um fluxo de sangue havia 12 anos é imediatamente curada, simplesmente por tocar nas vestes do Senhor. Ela recebe cura sem que Jesus sequer

tivesse orado ou pensado em fazer uma oração. Porém, enquanto Jesus ainda falava com a mulher, chegaram os servos da casa do chefe da sinagoga, dizendo que não era mais necessário incomodar o Mestre, pois a menina já havia morrido. No mesmo instante, voltando-se para aquele pai aflito, Jesus diz: “Jairo, não temas”. Em seguida, algo curioso acontece. Diante do provável choro, desespero e choque de Jairo, Jesus proíbe que todas as pessoas que concordavam com a sentença de morte prosseguissem no caminho até a casa do chefe da sinagoga. Apenas Pedro, Tiago e João O acompanharam. Ali, com sua imensa inteligência e uma simples ação, Jesus estava blindando Jairo contra o medo e protegendo o seu coração fragilizado contra a incredulidade. É provável que Jesus tivesse consciência de que o pouco de fé que restava no coração de Jairo, se não fosse protegido, talvez não resistiria até o encontro d’Ele com sua filha. E, novamente, esse padrão de bloqueio acontece, quando, chegando ao local em que sua filha estava, um aglomerado de pessoas zomba de Jesus por Ele ter dito que a menina apenas dormia. Rapidamente Ele os expulsa de lá. E, com a casa completamente livre de medo e incredulidade, Jesus realiza o milagre. Todas as vezes que Deus for trazer o sobrenatural, Ele blindará o ambiente contra o medo, a incredulidade e a dúvida.

Com Abrão não foi diferente. Ele recebe a palavra do Senhor: “Não temas, Abrão, Eu Sou o teu escudo; a tua recompensa será infinitamente grande.” (*Tradução Brasileira*). Abrão, contudo, aproveita a circunstância e questiona até que ponto essa proteção teria alguma serventia, já que estava velho e aquilo de que ele mais precisava O Senhor ainda não lhe havia dado. Abrão precisava de um herdeiro, caso contrário, se morresse naquele momento, tudo o que tinha ficaria para seu servo Eliézer. A Bíblia não fala tanto a respeito disso, mas, muito provavelmente, Eliézer era o chefe de todos os seus funcionários. Como resposta, todavia, Deus não apenas lhe promete um filho de sangue, como também lhe dá uma visão. Dentro disso, é importante atentarmos para três arquétipos presentes na vida de Abrão e que nos darão um norte sobre como

receber e o que fazer ao recebermos a visão que Deus quer nos entregar.

CAPÍTULO 6

POSICIONE – SE PARA RECEBER A VISÃO

Se há algo que passou por uma transformação radical ao longo dos anos foi o modo como a fotografia passou a fazer parte intimamente de nossas vidas. Vinte e quatro horas por dia tiramos fotos, fazemos vídeos e os postamos, contando onde estamos, o que estamos fazendo e quem está nos acompanhando. As *selfies*, cada vez mais, passaram a invadir os *feed's* dos que decidiram dar e receber *likes*. Por isso, em quase todos os casos, a competição pela foto perfeita é cada vez mais alimentada pela recompensa que vem através do progresso no número de seguidores. Entretanto, para fotógrafos profissionais ou amadores a lógica é a mesma: Se quiserem eternizar o momento em forma de fotografia terão que posicionar suas câmeras para a direção desejada e ajustar o foco corretamente. Da mesma maneira, se quisermos definir a visão de Deus para nós, precisamos nos posicionar para receber essa visão e focar naquilo que Ele aponta. Esse é o arquétipo número um.

O versículo 5 de Gênesis 15 descreve uma cena interessante entre Deus e Abrão. Deus o leva para fora da tenda e lhe apresenta a um outro mundo diferente daquele a que estava acostumado. Vale lembrar que a essa altura, Abrão já carregava dentro de si a promessa de que um dia seria pai de multidões. Todas as circunstâncias visíveis ao seu redor diziam o contrário, porém, há anos ele se agarrava a essa promessa que havia recebido de Deus e que, um dia, se concretizaria no mundo físico. Deus, então, o leva ao ar livre, um lugar sem os limites que o prendiam, e direciona o seu olhar para o alto. Uma vez que Abrão está posicionado na direção certa e com o foco naquilo para onde Ele apontava, o Senhor pede que ele conte as estrelas dos céus. Obviamente, Deus não estava precisando da ajuda de um patriarca para saber a quantidade de estrelas no céu. Ele estava tentando ensinar algo ou apresentá-lo a algo inédito.

Semelhanamente, há momentos em nossa vida em que Deus nos pega pelas mãos, nos leva para fora da tenda, nos coloca debaixo de um céu estrelado, aponta o dedo para cima e, enquanto olhamos para o alto, Ele fala a respeito de nossa posteridade, de nosso legado, futuro e destino. Quando, por muito tempo, ficamos presos em uma caminhada sem intencionalidade a respeito de deixar um legado ou marca, o Senhor nos tira da nossa zona de conforto. Muitas vezes essa zona de conforto é enxergar a mesma coisa todas as noites enquanto refletimos sobre o dia que acabamos de ter. Outras são os nossos olhos acostumados a perceber sempre a mesma coisa que não mais nos instiga a um andar pela fé. Outras ainda o hábito de simplesmente olhar e se limitar ao teto de uma tenda. Em momentos como esses é que ouvimos a voz de Deus nos chamando para o crescimento, para fora da nossa zona de conforto, ao som de: "Saia da sua tenda."

Imagino que talvez Abrão se deitasse todos os dias e questionasse aquela promessa que lhe havia sido feita em Gênesis 12. Ele já sabia que seria pai de multidões, mas, mesmo carregando a promessa consigo há anos, dia após dia e ano após ano ele se deitava e tudo o que via era o teto da sua tenda. Depois de anos, experienciando a mesma coisa, há momentos em que, simplesmente, nos acostumamos com promessas sendo só promessas; promessas talvez jamais se tornarão realidade, promessas que parecem estar inativas ou adormecidas. Eu já estive no lugar de Abrão, e não foram poucas as vezes. Acho que todos nós já estivemos.

Contudo, aquela conversa carregava uma novidade, Abrão foi levado para fora de sua tenda. Pode ser que "sair da tenda" seja para nós nos livrarmos daquilo que nos confina, nos limita. Talvez seja sair do nosso lugar seguro, onde todos os fatores são mais controláveis. Deus quer nos levar para um lugar vasto, aberto, muito maior do que o nosso senso de controle é capaz de alcançar. Muitos não dão um passo de fé porque têm medo do desconhecido, enquanto outros não o fazem porque são viciados em controle; preferem ter coisas pequenas que possam controlar a obterem

coisas grandes que não possam estar sob seu controle. Em inglês há um termo que define esse tipo de pessoas: *control freak*. Pessoas que, uma vez sem o controle dos fatores que o cercam, são tomadas por uma imensa insegurança a ponto de não conseguirem funcionar. Nesse caso, o controle se torna um apaziguador de ânimo, tal qual a nicotina para o fumante.

É compreensível afirmar que, quando sabemos, controlamos os fatores ou o resultado final de uma equação, nos sentimos mais tranquilos, pois podemos prever o desenrolar das coisas. Porém, quando escolhemos correr a carreira que nos foi proposta por Ele, devemos entender que o crescimento, além de dolorido, não pode ser encontrado nas zonas de conforto que insistimos em governar; porque o fato de serem acolhedoras não quer dizer que sejam saudáveis, e sim familiares.

Para sermos transformados e alcançarmos o próximo nível, automaticamente, necessitamos de pessoas e situações na vida que nos estiquem. Às vezes, essas situações são temporadas de escassez e outras podem até ser pessoas com as quais temos que conviver ao longo da vida. Creio que muitos já ouviram o dito popular: "Algumas pessoas entram na sua vida para serem bênção, outras para serem lição". Independentemente de serem bênçãos ou lições, o fato é que, quando entendemos que pessoas são usadas por Deus para nos impulsionar para nossos destinos, devemos ter atitudes positivas e não assumir papel de vítimas diante do que estamos vivendo; isso fará que até mesmo o relacionamento com pessoas difíceis ou complicadas sirva de lição, seja mola propulsora que nos impulsionará ao *next level*.

O crescimento só tem espaço para começar a agir quando o seu conforto tem um fim, uma vez que os dois não podem coexistir. O melhor jeito de viver, portanto, é encontrando conforto no desconfortável, e isso só é possível quando a sua visão está bem definida e o seu entendimento do porquê é maior e mais forte do que sua percepção do agora. Só será capaz de perseverar na travessia dos desertos e vales da vida aquele que tiver sido engravidado por uma visão latente em suas entranhas e cuja

determinação pelo cumprimento da visão seja maior que o desconforto causado pelo processo.

Ao completar a maioridade, como qualquer jovem dessa fase, estava ansioso para tirar minha carteira de habilitação. Uma ou duas semanas após passar na prova e receber minha carteira, saí com um dos meus primos que já dirigia há bem mais tempo que eu. Enquanto segurava o volante não conseguia parar de pensar no passo a passo que havia aprendido recentemente: “primeira marcha; agora reduz; ponto morto”. Só conseguia pensar: “Não posso deixar o carro morrer para não passar vergonha”. Mesmo que eu estivesse devagar, todas aquelas coisas não saíam da minha mente. Quando estamos em baixa velocidade, não sei se já reparou, mas nossa tendência é dirigir com o corpo bem próximo do volante. Concentrado demais para prestar atenção nisso, ouvi meu primo dizer: “Nossa, você parece uma *obaasan* dirigindo”. *Obaasan* é a palavra japonesa para avó ou senhora. Obviamente, ele estava me zcando, mas já reparou em como as senhoras mais idosas dirigem? Elas sempre estão com o assento o mais próximo possível do volante, com a cabeça quase tocando no para-brisa e, logicamente, sempre em baixa velocidade.

Essa, com certeza, será também a nossa reação se estivermos dirigindo em um dia de chuva forte e o limpador de para-brisa estiver quebrado, ou se estivermos dirigindo em uma noite escura sem o farol alto. Imagine-se dirigindo em uma estrada cujo limite de velocidade é 100 km/h com um carro que não tem farol alto, só o baixo. Nesse caso, provavelmente, você ligaria o farol baixo, pegaria a pista da direita, reduziria para 60 ou 50 km/h e seguiria seu caminho. Igual a uma *obaasan*. E tudo isso por um motivo: você não pode passar da distância que a sua visão lhe permite enxergar. Se o farol do seu carro só consegue iluminar o trajeto 20 metros adiante, você reduzirá a velocidade para manter a aceleração dentro daquilo que consegue ver.

Agora, se o carro tem farol alto, você pode ir para a pista da esquerda e acelerar até 100 km/h, não apenas porque consegue enxergar 100 metros à frente, mas também porque se sente seguro

com aquilo que a sua visão lhe permite enxergar. Ou seja, a sua vida e as suas ações vão de acordo com a sua visão. Nunca devemos acelerar rumo ao destino além daquilo que estiver em nosso raio de visão.

Infelizmente, muitos cristãos estão dirigindo como *obaasan*; se contentam com o farol baixo e, por isso, ralentam sua vida dirigindo com o corpo colado ao volante, quando o que Deus quer é alargar a nossa visão e nos dar permissão para pisar no acelerador. Aquele que quer fazer grandes proezas e viajar longas distâncias precisa ter um farol que lhe dê muita visão. Esse farol é o foco e a entrega de um coração cheio de fé, que diz sim a tudo aquilo que o Espírito Santo mostra, e por isso, pode avançar rumo ao destino traçado por Ele.

Não apenas isso, mas em Marcos 8.23, Jesus toma um cego pela mão e o leva para fora do povoado. A Palavra diz que Ele cuspiu nos olhos desse homem, impôs as mãos sobre ele, e então perguntou se ele conseguia ver alguma coisa. Ao que o cego respondeu: "Eu vejo pessoas e elas parecem árvores andando". Ele via, mas não tinha certeza se eram pessoas ou árvores; não sabia se as pessoas é que andavam como árvores ou se as árvores eram as pessoas. Por mais que haja uma grande quantidade de evangélicos em nosso país, é notório que o estado atual da nação não condiz com o volume de cultura evangélica presente. Não basta apenas ser evangélico. É necessário ser um discípulo de Cristo que paga o preço, carrega a sua cruz, tenha convicção a respeito de sua nova identidade em Cristo e certeza de para onde está indo. Uma massa evangélica não compromissada com a Grande Comissão e com o Grande Mandamento não está sendo efetiva, independentemente de sua quantidade. Por isso, não é tão diferente desse cego de Marcos 8. Acheam-se a Jesus, experimentam os milagres e o toque do Salvador, porém a mentalidade fica aquém, não experimenta a *metanoia*. "Ah, eu nem sei o que estou fazendo nesta igreja, só sei que tenho que ir". "Eu estou olhando para frente, mas nem sei o porquê devo seguir ou qual é o meu destino". "Eu sirvo a Deus, mas às vezes nem sei que tipo de Deus Ele é. Em alguns momentos O

considero um Deus bom, em outros, penso que Ele é ruim". Diante de manifestações e desabafos como esses, característicos de uma mente dividida, a pergunta que surge é: O que mais você quer? Jesus já o pegou pela mão, cuspiu em seus olhos, impôs as mãos sobre sua vida, e a única coisa que Ele lhe pergunta é: "O que você está vendo?". É hora de você e eu, como igreja, amadurecermos, abraçarmos nossa parcela de responsabilidade e focarmos na nossa visão. Será que nós, filhos de Deus, que carregamos o Reino dentro de nós, temos uma resposta rápida e convicta para perguntas como:

- Qual é a sua visão a respeito do seu crescimento espiritual?
- Qual é a sua visão sobre a sua família?
- Por que você frequenta a igreja em que está?

Espero, sinceramente, que nossa resposta não seja algo como: "Não penso muito sobre essas coisas." ou "Não faço planos a respeito da minha vida. Estou curtindo e deixando a vida me levar", ou ainda "Ah, eu vou para a igreja porque sou evangélico, e é isso que evangélicos fazem.". Por favor, não. A minha esperança é que todos os finais de semana estejamos nos reunindo em nossas respectivas igrejas porque há um propósito para a nossa vida; e ali, juntos como um corpo, estamos sendo preparados, equipados e afiados para viver não só como salvos, mas como chamados, indo de glória em glória.

Necessitamos ser mais intencionais, passar mais tempo meditando no porquê de nossas atitudes, pensando além do agora e nos posicionando para um impacto a longo prazo. É tempo de alinharmos a nossa visão e percebermos que o nosso Deus nos mostra algo novo; Ele chama cada um de nós para discernir algo novo, através de um convite para um mergulho nessa busca de maneira plena. Estamos passando por um processo de transformação. E quando abraçamos esse processo temos nossa mente renovada constantemente. Isso é estar focado. Ao crescermos nesse foco, não confundiremos mais homens com árvores; mas teremos uma visão clara e nítida, maximizaremos o toque de Deus para, em seguida, ficarmos grávidos da visão nítida e da perceptiva que Ele nos dará.

Nosso segundo filho, Koa, acabou de nascer. Quando minha esposa estava grávida, constantemente orávamos perguntando qual era a visão de Deus a respeito dele. Tínhamos feito o mesmo durante a gravidez do nosso primeiro filho, e o Senhor havia nos falado que ele carregaria o favor de Deus, um carisma único, e teria um relacionamento especial com Ele. Diante de tudo isso, entendemos que ele deveria ser chamado Zach, um nome hebraico que significa “lembrado e favorecido por Deus”. Repetimos a experiência com o nosso segundo filho e sentimos que ele seria corajoso, empreendedor e um líder nato. Escolhemos, por isso, um nome havaiano, Koa, que significa guerreiro destemido.

A Palavra de Deus fala a respeito do valor de um bom nome:

“Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas...” (Provérbios 22.1)

Essa amostra de sabedoria, que Salomão divide conosco, fala que mais que ganho financeiro, vale um bom nome. A criança que recebe um nome que o aponta para um destino profético de Deus já larga na corrida da vida com uma clareza de visão. Mais do que garantir riquezas e heranças para a próxima geração, Salomão, um homem extremamente rico, diz que é ter um nome que seja capaz de impulsioná-lo rumo a sua identidade e propósito.

Especialmente no mundo ocidental, vivemos numa sociedade que nos encoraja a pautar todas as nossas decisões no dinheiro. Isso está na contramão do que Jesus ensinou. Em Mateus 6.24, Ele nos deu o seguinte alerta:

“Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.”

Com frequência aconselho jovens que se casaram recentemente ou que estão para se casar. Digo a eles que orem não só pedindo a bênção de Deus para essa nova fase da vida, mas também que O honrem, perguntando qual é a visão d’Ele a respeito de sua família e de seu casamento. Direções sobre: onde morar, qual deve ser a

cultura e tradição que serão estabelecidas nesse novo lar, quantos filhos o Senhor quer que tenham e como esses filhos devem ser criados. Essas são decisões que não podem ser tomadas com base em quanto dinheiro temos. Por mais agressivo que possa soar, precisamos escolher quem terá a palavra final em nossa vida e em nossa casa, se será Jesus ou Mamom. Se Deus disse que você terá dois filhos, Ele proverá o necessário para os dois. Se forem três, Ele proverá também. Se forem quatro, cinco ou meia dúzia, Ele permanecerá fiel a Sua palavra. O ponto fundamental é ouvirmos e dar ouvidos ao que Deus diz; afinal a palavra final vem d'Ele.

Infelizmente, estatísticas apontam ser irreversível a conversão da Europa ao islamismo. O continente velho, conhecido como o berço do protestantismo, já foi invadido pelo islamismo e é questão de tempo até vermos países que enviaram missionários cristãos para diversas partes do mundo se tornarem novos domicílios muçulmanos. É difícil pensar em como a Inglaterra de John Wesley e Smith Wigglesworth, a França de Calvino ou a Suíça de Zwinglio podem se tornar países discipulados por uma cosmovisão e cultura islâmica. Se um avivamento ou um despertar não acontecer nos próximos anos, as estatísticas apontam para um domínio anticristão na Europa nas próximas duas décadas. Diante disso, é natural nos perguntarmos: Como é possível um continente como a Europa, tão influenciado por valores cristãos em tantas esferas da sociedade durante tantos séculos, ser subjugada por algo tão contrário aos seus valores de origem? Não quero ser simplista, não há como ignorar fatos óbvios. Os europeus, assim como o mundo ocidental de maneira geral, passaram a ter o capitalismo como a palavra final para tomar todas as suas decisões.

O alerta de Jesus nunca foi tão real: É impossível servir a Deus e a Mamom, o deus do dinheiro. Enquanto Mamom é quem define quantos filhos muitos em nossa sociedade terão, a fé islâmica ensina a seus seguidores que eles devem se multiplicar para dominar através da fertilidade e, com isso, o quadro de domínio islâmico no mundo, principalmente na Europa, tem se instalado. Esse quadro é um alerta para voltarmos a colocar Cristo no centro de tudo o que

fazemos e não apenas no centro do departamento evangélico de nossa vida.

Em qualquer área, se quisermos andar com Jesus, temos que confiar n'Ele e nos alinhar com a visão que Ele tem para nós. Mas essa não é uma tarefa fácil, justamente por não parecer tão palpável. Sempre sou lembrado por um dos meus mentores que "a visão vaza". Ao longo do tempo é o curso natural esquecermos aquilo que ouvimos e nos foi entregue. A visão vaza, ela escoia pelo ralo do esquecimento. É necessário estarmos constantemente declarando e lançando a visão para mantermos o tanque sempre cheio. Por isso, a qualidade de boa liderança está também atrelada à boa comunicação da visão. Essa constante lembrança é crucial para o sucesso de uma empreitada. E foi pensando nisso que Deus revelou a Habacuque uma solução.

"Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará." (Habacuque 2.2,3)

Naquela época eram tábuas. Hoje, podem ser telas: do computador, celular ou *tablet*. Pode ser a sua geladeira, o espelho do banheiro ou até o painel do carro. Teve uma época em minha vida em que Deus estava confrontando certas mentiras acerca da minha identidade e me lembrando de verdades que a palavra falava a respeito dos planos d'Ele para mim. Eu estava em uma temporada de desintoxicação de falácias em minha mentalidade. Entendi que se não renovasse a minha mente, meu comportamento nunca mudaria e, conseqüentemente, os meus hábitos também não. Passei a fazer um exercício que me ajudou a sair da inércia e ir rumo aos primeiros passos que me levariam ao próximo nível. Fiz uma lista com verdades bíblicas sobre a minha identidade em Cristo e as escrevi em vários *postits*. Essas verdades se tornaram declarações diárias que eu fazia; como um míssil, elas bombardeavam as fortalezas de engano em minha mente. O que eu buscava era a renovação da minha mente. Colei esses diversos pedaços de papéis carregados de

verdades sobre quem eu era em Cristo por todos os lados, em inúmeros lugares diferentes. Eu acordava e logo já encarava aquilo no espelho do meu banheiro. Coloquei também na porta de casa, e todas as vezes que saía me deparava com aquele confronto. Até o painel do meu carro ganhou uma decoração nova com os *post-its* coloridos. Eu ligava o carro e aquilo estava falando comigo. Constantemente eu era confrontado pela visão que Deus me havia dado: “Mude essa mentalidade, você não é assim”, “Mude essa mentalidade, Eu não falei isso sobre você”, “Mude essa mentalidade, Eu não criei você para isso”. Uns três ou quatro jovens já me procuraram para contar testemunhos a esse respeito. Um deles me contou que não entendia como Deus podia amá-lo, por isso escreveu afirmações baseadas na Palavra de Deus em trinta *post-its* e os espalhou pela casa onde morava. Eles continham declarações como: “Você é amado por Deus”, “Você é um filho amado”, “Você foi adotado com o Espírito de adoção que clama: Aba Pai”. Ele concluiu: “Depois de um mês, algo transformador aconteceu comigo. Os dias passavam e, por todos os lados, eu era confrontado com aquelas verdades. Comecei, então, a não apenas ler aquelas sentenças, mas a repeti-las também e isso mudou minha vida para sempre”.

Se sentir que tem de fazer isso, faça. Mas deixe que Deus fale com você sobre a visão, porque é necessário que ela seja clara e definida, ainda que saibamos que aguarda um determinado tempo; ela fala do fim e não falhará, ainda que demore, espere por ela, pois, certamente, virá no tempo certo; não se atrasará.

Abrão já tinha a promessa (veja Gênesis 12), e ao ser levado para fora da tenda recebeu a visão. Promessas acompanhadas de uma visão clara ativam a fé.

A visão e a fé trabalhando juntas é Deus abrindo e fechando uma cortina: Ele a abre e mostra um destino, então a fecha e diz: “Você já viu, agora corra atrás”. Se eu pedir que você feche seus olhos por um instante e imagine um elefante rosa, por exemplo, e, em seguida, pedir para abri-los novamente, você conseguiria visualizar esse animal, rapidamente, mesmo com os olhos abertos, certo? É isso. Você teve uma visão. Simples assim. Muitas vezes complicamos

algo tão fácil e poderoso, e esquecemos que no Reino as verdades sempre são assim.

Quantas vezes estamos em oração e, de repente, surge um *flash*? É Deus abrindo uma cortina e fechando. Em seguida, você percebe uma voz interior dizendo: "Agora vá com fé!". Para alguns, e essas são pessoas raras, ter uma promessa já é suficiente para que se mantenham firmes, perseverantes e constantes até o final. Isso é incrível. Porém, há outros, e eu me incluo nesse grupo, que se cansam na corrida atrás da promessa, passam a duvidar se ouviram corretamente a voz de Deus e, a esses, Deus, por Sua bondade imensa, proporciona visões que despertam aquilo que, muitas vezes, estava prestes a adormecer. É bem naquele momento que Ele nos pega pela mão, nos leva para fora da nossa tenda, aponta para o céu e pergunta: "O que você está vendo agora?". Veja as estrelas, porque é a colisão da promessa com a visão que resultará em uma fé ativada. Naquele momento, o coração de Abrão começa a pegar fogo. Sua fé tinha sido ativada e isso mudou o rumo de toda a história que veio depois.

CAPÍTULO 7

DEPOSITE FÉ NA VISÃO

A fé é, sem sombra de dúvidas, um dos assuntos mais discutidos no mundo. Não importa a religião ou o estilo de vida, a verdade é que, independentemente de quem quer que seja, todos temos fé em alguma coisa. Uns tem fé em Deus, outros na natureza; há quem tenha fé nos governantes e quem creia na medicina. Há quem tenha tanta fé que acredita não existir um Ser superior. Para nós, cristãos, é comum ouvir sobre fé e Deus na mesma frase, ainda mais no país em que vivemos, com uma tradição cristã católica. Mas há também os que não acreditam em Deus e, como sabiamente disse G.K.Chesterton, não existe problema nenhum nisso. O problema é que quando deixamos de acreditar em Deus, passamos a acreditar em qualquer outra coisa passível de defeito, seja na ciência, na economia ou até em nós mesmos.

Ao analisarmos a vida dos grandes homens e mulheres na Bíblia, vemos que, desde o princípio, Deus sempre trabalhou em parceria com os que estão dispostos a se render ao Seu agir, por meio de uma plataforma de fé. Abraão, o pai da fé, é citado até o fim da Bíblia como um homem que andou sobre a pavimentação que a fé estabeleceu. Mas Abraão não foi o único privilegiado a receber o convite para andar em fé. Na realidade não existe vida cristã sem fé, justamente porque é necessário que quem se aproxima de Deus creia que Ele existe e que é galardoador dos que O buscam (Hebreus 11.6).

Sem fé nossa visão fica impedida de enxergar o invisível, aquilo que é mais real do que qualquer coisa em que possamos tocar. A fé é a certeza daquilo que ainda está por vir e a evidência das coisas que ainda não vimos. Ela é aquela convicção que brota de dentro e nos dá a segurança necessária para dizer que SABEMOS a respeito daquilo que Deus nos falou. E, para nos lembrar que a caminhada cristã é indissociável da fé, o autor de Hebreus nos presenteia com o capítulo 11, listando apenas alguns dos muitos homens e mulheres que nos deixaram um legado eterno pela caminhada de fé que

tiveram. Todas as vezes que leio esse capítulo me sinto sóbrio e com os pés no chão. O autor descreve esses homens e mulheres como aqueles dos quais “o mundo não era digno”.

Até que ponto devemos viver tão entregues aos propósitos de Deus, para sermos considerados pessoas que o mundo não merece? Até que ponto devemos manter nossa esperança e confiança tão ancorada no invisível, de forma que o mundo não seja digno da nossa existência? Sei que todos estamos aquém disso, mas também vejo que estamos buscando um próximo nível de fé. O que mais me marca na lista dos heróis da fé é que, se prestarmos atenção, a lista é composta de pessoas comuns que entenderam uma premissa básica do Reino: “Sem fé é impossível agradar a Deus” (*Almeida Revista e Atualizada*).

Abraão creu no Senhor. Simplesmente por haver crido, isso lhe foi imputado como justiça. A palavra hebraica, no original, para “Abrão creu” (Gênesis 15.6a) é *aman*, que significa “amém”. Quando dizemos “amém” estamos dizendo: “Seja feito assim como o Senhor falou”, “Seja feito de acordo com a Sua vontade”. O interessante é que a palavra *Aman* tem outra conotação, que expressa uma criança recém-amamentada nos braços ou no colo de sua mãe. Quando temos isso em mente, conseguimos enxergar um significado completamente novo para Salmo 131.2.

“Decerto, fiz calar e sossegar a minha alma; qual criança desmamada para com sua mãe, tal é a minha alma para comigo.”

Esse salmo redefine o significado de *amén* na expressão “Abrão creu”. Algo acontece no mundo espiritual quando Abrão está olhando para as estrelas. Ali, ele se posiciona como uma criança recém-amamentada que se joga, rendido, nos braços de Seu Pai. Uma entrega plena.

Eu me lembro da primeira vez em que segurei Zach, nosso primogênito, em meus braços. Durante o parto, ele teve algumas complicações e, por isso, ficou internado por uma semana. Quando nasceu, Zach não respirava. Já entrou no mundo lutando pela vida. Em seus primeiros dias, ficou sedado e sob atenção rigorosa dos

médicos; para vê-lo íamos diversas vezes ao longo do dia na UTI. A única coisa que nos restava era olhá-lo dentro daquela incubadora e, simplesmente, orar e crer. Depois de alguns dias de melhoras graduais me disseram que, finalmente, havia chegado o momento que eu tanto esperava: pegaria meu filho no colo pela primeira vez. Lembro-me de que, sentado em uma poltrona, aguardava ansiosamente a entrada da enfermeira no quarto. Quando chegou com o nosso pequeno nos braços, ela, lentamente, o colocou sob meus cuidados. Nunca esquecerei os pensamentos que preenchiam minha mente enquanto vivia aqueles instantes. Eu pensava: “Não o deixe cair. Se deixar que isso aconteça, você será um péssimo pai”. Passado um tempo em que estávamos juntos, a enfermeira nos interrompeu, dizendo que tínhamos apenas dez minutos. Durante todo aquele período fiquei tenso e travado, e tudo o que conseguia pensar era que eu não podia deixá-lo cair. Entretanto, o pequeno Zach não estava preocupado com isso.

Naquele momento, entendi um pouquinho mais sobre fé. Eu exercia fé, ele também. Em meus braços, eu segurava um milagre e, no fundo do meu coração, tinha a certeza de que tudo ia ficar bem. Ao mesmo tempo, ainda que ele nem soubesse, Zach também exercia fé. Ele dormia profundamente enquanto todo o seu peso estava depositado em meus braços. Ele estava completamente rendido aos meus cuidados. Isso é fé. É quando você simplesmente se joga nos braços do Pai. Ter fé tem muito mais a ver com receber do que com fazer esforço. Ali, naquela poltrona de hospital, chorei. Em poucos minutos, entendi que assim como Zach se rendia em meus braços, eu, com aquela situação, também estava aprendendo a me render aos braços d’Ele.

Já faz alguns anos que tenho ido, periodicamente, a Kona, Havaí, para dar aulas na Universidade das Nações, fundada pela JOCUM. Em uma dessas viagens, alguns de nós tínhamos uns períodos livres e resolvemos usá-los para uma viagem rápida até South Point, o ponto mais ao sul das ilhas havaianas e, conseqüentemente, dos EUA. Nesse lugar há uns penhascos de mais ou menos 20 metros de altura, de onde as pessoas pulam e caem no mar. A primeira vez que

me aventurei nesse pulo eu estava em treinamento na base; isso faz uns dezesseis anos. A próxima vez, depois disso, foi no ano passado. Após tantos anos, confesso que, quando cheguei à beira do penhasco para pular, ele, estranhamente, parecia ter crescido uns 10 metros desde a última vez. Fiquei bastante tempo criando coragem para pular novamente. Havia uns turistas conosco que também debatiam se deviam ou não pular. Eles estavam lotados de câmeras, e comecei a reparar no que eles faziam e diziam: “Está filmando? Vai! Calma, pare a câmera aí. Delete o vídeo, vamos fazer outro!”. Ao mesmo tempo em que discutiam sobre o pulo, se preocupavam com o ângulo das fotos e se teriam um bom vídeo do mergulho para postar em suas redes sociais. Enquanto observava o que acontecia, me perguntava: “Por que eles simplesmente não pulam? Para que todo esse drama?”.

Enquanto questionava essas coisas, Deus aproveitou a circunstância para me mostrar o quanto aquilo tinha a ver comigo. De alguma maneira, no mundo espiritual, eu era como aqueles turistas. Em inúmeras situações nos encontramos à beira do que Deus separou para nós e sabemos que temos que pular. Ele continuamente nos convida a confiar n’Ele e pular, mas persistimos em ficar ensaiando o salto, esperando as condições perfeitas. Os anjos, provavelmente, ficam se perguntando: “Por que ele não pula? Qual é o problema desse cara? Será que ele não conhece o Deus a quem serve? Não é qualquer um, é o Deus altíssimo. Pule!”.

Não importa quão impossível a circunstância pareça ser, se Ele prometeu, cumprirá. A promessa é um pacto.

Naquele dia, os turistas, eu e todos os que me acompanhavam pularam. Demoramos, mas pulamos. A volta de South Point nos proporcionou mais do que fotos e vídeos que exaltavam nossa bravura. Retornamos com o sentimento de coragem aflorado e, especificamente no meu caso, com uma palavra de Deus. No carro, voltando para o local onde estávamos hospedados, comecei a refletir no fato de que simplesmente por estarmos lá, na beira daquele penhasco, somos chamados a pular. Seria extremamente frustrante termos feito toda aquela viagem até os penhascos e já com os pés

na borda do precipício desistirmos de algo que era o motivo da nossa viagem. Vejo em tudo isso o poder de simplesmente estar presente.

Quando falamos sobre um andar de fé, um pulo de fé, pensamos ser algo muito mais complexo ou espiritual do que realmente é. Naquele penhasco, eu estava presente, e só por estar lá a situação extraiu de mim o pulo. Obviamente, quem decidiu pular, viajar pelo ar e cair no oceano fui eu. Porém, a situação de estar com os pés na borda do penhasco, olhando o horizonte e com o mar abaixo de mim, apenas me aguardando, foi um “empurrãozinho” que me levou a saltar rumo ao desconhecido. Muitos dos grandes feitos, provenientes de passos de fé, tiveram seu início com o simples fato de estar presente no lugar certo e no momento certo. Estar presente nos proporciona a oportunidade de receber o convite que o momento oferece.

Em certos momentos precisaremos correr atrás, clamar e lutar por aquilo que Ele nos mostrou. Mas há vezes em que a única coisa que precisamos fazer é receber. Apenas receba. Veja o que João registra no versículo 22 do capítulo 20 do seu evangelho:

“E, havendo dito isso, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.”

Há situações em que Jesus já nos disse o que precisamos fazer, já nos deu a visão e ativou a nossa fé; e a única coisa que precisamos fazer é receber. Receber a cura, a vida, a esperança, o Espírito Santo, a paz ou o milagre.

Algumas coisas no Reino não se aprendem, nós, simplesmente, recebemos, pois estão disponíveis para nós. Têm pessoas que querem entender tudo antes de aceitarem ou experimentarem. Compreendo que é correto termos zelo e cuidado. Isso é bom, mas há coisas no Reino que você só recebe; pega no ar. Você quer o seu próximo romper espiritual? Pegue no ar. O Senhor está agindo na atmosfera? Pegue e absorva tudo que está a sua disposição.

CAPÍTULO 8

DECLARE A VISÃO

Nos dois últimos capítulos discutimos o par de arquétipos presentes na vida de Abraão e que nos darão um norte sobre como receber e o que fazer ao recebermos a visão que Deus quer e vai nos entregar. O primeiro deles é posicionar-se para receber a visão, porque promessas acompanhadas de uma visão clara ativam a fé. Vale lembrar que uma visão ativada precisa ser traduzida em planos, por isso, devemos escrever a nossa visão, como Habacuque fez. O segundo arquétipo é depositar fé na visão. Ter fé tem muito mais a ver com receber do que com fazer, por esse motivo, precisamos aprender a descansar e algumas vezes simplesmente receber.

Neste capítulo discorreremos sobre a importância de declarar a visão, o terceiro e último arquétipo.

Desde pequenos aprendemos a respeito do poder das palavras, principalmente faladas. E não é necessário ser cristão e nem um gênio para saber que as palavras têm poder para matar ou trazer vida. Justamente por esse motivo Tiago diz que o homem que não tropeça em palavras é perfeito e capaz de refrear todo o seu corpo (Tiago 3.2).

Desde o início, Deus sempre deixou clara a importância das palavras. Tanto que escolheu dar forma a tudo que é visível em nosso mundo a partir delas. As palavras inaudíveis de Deus trouxeram o mundo à existência, criaram coisas visíveis nas quais podemos tocar e com as quais podemos interagir. Isso é tão forte e poderoso que, no livro de João, o próprio Jesus é apresentado como a Palavra encarnada.

Desse modo, é importante que entendamos a necessidade de nossas palavras estarem em concordância com a visão que Deus nos dá. Inclusive, essa foi uma das estratégias que Abraão utilizou em sua vida para se manter fiel durante o período de espera até o cumprimento da promessa.

Abraão creu. Ele não perguntou como ou quando Deus iria fazer. Se Deus garantiu que seu herdeiro não seria Eliézer, mas que ele teria um filho, alguém do seu próprio sangue, então seria conforme o que Ele havia dito. E ainda que não estivesse vendo fisicamente o cumprimento daquilo que tanto esperava, Abraão decidiu alinhar suas palavras com a visão que Deus havia lhe dado. Essa foi a tática de guerra que o levou a vitória. Precisamos começar a declarar palavras que estejam de acordo com a nossa visão.

O sábio nos ensina quão importante é nossa língua, ou seja, nossas palavras, deixando claro que ela tem o poder de gerar frutos que trazem tanto a vida quanto a morte.

“A morte e a vida estão no poder da língua; e aquele que a ama comerá do seu fruto.” (Provérbios 18.21)

Quantas vezes pessoas que se amam entram em discussões, dizem palavras ríspidas umas às outras e, no calor do momento, proferem declarações cheias de veneno? Por mais que haja o arrependimento por aquilo que aconteceu e o perdão seja concedido, trazendo reconciliação, as feridas foram geradas e elas são reais. Em contrapartida, talvez você consiga se lembrar de alguém que admirava muito, como seu pai, um professor ou amigo, que o tenha incentivado a continuar se superando ou a encarar novos desafios. Tenho certeza de que as palavras dessas pessoas impulsionaram você de alguma forma. Essas são maneiras básicas de como a palavra pode funcionar. Seja de um lado ou do outro ela gera frutos; frutos que podem gerar outros frutos ou ter um fim em si mesmo.

É por essa razão que Tiago faz um complemento elucidativo a respeito do tipo de conduta que nós, cristãos, devemos ter em relação ao que falamos. Usar a boca para bendizer ao Senhor e amaldiçoar os homens, que são feitos à semelhança de Deus, não pode ser o procedimento do verdadeiro discípulo de Cristo, já que uma mesma fonte não pode jorrar água doce e amarga ao mesmo tempo.

“Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim. Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?” (Tiago 3.9-11; *Almeida Revista e Atualizada*)

Contudo, ainda que esse seja apenas um dos muitos ensinamentos sobre o assunto, durante o nosso cotidiano é difícil mantermos nossa língua sob disciplina. Falamos precipitadamente e, mesmo que, em seguida, nos arrependamos, ainda assim colhemos os frutos do que deixamos escapar.

Falamos mal de pessoas e as ofendemos, reclamamos e brigamos, zombamos e depreciamos nosso semelhante. Se empregássemos metade do tempo usado em coisas como essa, para declarar a visão e a Palavra de Deus, não sentiríamos tanta vontade de fazer o que é o contrário ao Espírito.

No início do Novo Testamento, Jesus também nos ensina sobre a dimensão de poder que as palavras carregam na realização de milagres, exatamente o que já havia sido revelado ao patriarca Abraão, como estratégia de conservação da fé tantos anos antes. Em Marcos 11.22, saindo Jesus de Betânia, teve fome. Ao se aproximar de uma figueira, esperando colher seus frutos, nada encontrou, senão folhas. Naquele instante Ele amaldiçoa a árvore, que amanheceu seca no dia seguinte. Ao se deparar com aquele cenário, Jesus reúne os discípulos para um ensinamento e, antes de qualquer outra coisa, lhes diz: “Tenham fé em Deus”. Isso é óbvio. O milagre só acontecerá sobre um estrado de fé e bondade. Mas, o interessante é que, de acordo com esse texto, não é apenas a fé em Deus que irá realizar o milagre, mas sim se alguém “disser a este monte”. Se alguém disser. Não basta apenas ter fé, precisamos pronunciar palavras, declarar, aos montes que estão em nossa vida.

“E Jesus, respondendo, disse-lhes: Tende fé em Deus, porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito.” (Marcos 11.22,23)

É por isso que o louvor e a adoração são canais que alimentam nossa linguagem de fé. Não foram poucas as vezes em que ouvi a respeito de pessoas que entraram na igreja se sentindo pessimistas, negativas e tristes, e assim que o louvor e a adoração iniciaram, algo começou a se mover no coração delas. Lembre-se de que a quarta dimensão é superior à terceira. E é justamente em função disso que precisamos aprender a declarar.

Já estamos cientes de que Abraão tinha uma promessa e recebeu a visão que ativou sua fé, e isso o fortaleceu em sua crença. Entretanto, o curioso é o que Paulo diz a respeito dele em Romanos. O apóstolo nos revela não apenas que ele foi fortificado na fé, mas que conquistou isso dando glórias a Deus.

“E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus.” (Romanos 4.20)

Do dia em que Deus lhe deu a visão das estrelas até o nascimento de Isaque, se passaram vinte e quatro anos. Creio que, durante esse período, Abraão deva ter analisado uma série de suposições e começado a criar mecanismos para continuar fortalecendo sua fé. Isso porque uma coisa é dizer sim no momento em que recebemos a visão, outra, bem diferente, é crer e perseverar na fé por vinte e quatro anos. Aqueles que foram escolhidos para se apropriarem das promessas do Pai precisam, portanto, encontrar um mecanismo para fortalecer a sua fé. Abraão usou como recurso o glorificar a Deus. Ele declarava.

Sabemos, porém, que nem sempre Abraão foi perfeito em sua caminhada rumo as promessas. Em alguns momentos, ele tirou os olhos daquilo que era eterno e deixou-se cair como uma criança nos braços do Pai. Talvez a impaciência ou o cansaço resultante de não ver algo acontecendo no mundo físico, fizeram que ele pensasse ser necessário ajudar a Deus na execução de Seu plano. Seja como for, o importante é lembrar que, quando fazemos qualquer coisa na força do nosso braço, o resultado é o nascimento de um Ismael. Ainda assim, Deus, em Sua soberana graça, continua nos encharcando de misericórdia e amor, e com Abraão não foi diferente.

No momento em que ele aprende a se render às palavras de Deus e passa a declará-las para alimentar sua fé, ele recebe Isaque, o filho da promessa.

Nesse contexto, como discutimos antes, talvez uma das coisas mais imprescindíveis para permanecermos firmes, constantes e fortes seja tomarmos cuidado com a dúvida. Ela embaça a visão. É de extrema importância blindarmos nosso coração de qualquer dúvida, pois quando a nossa visão começa a ficar turva, nosso instinto é nos reduzirmos ao mundo natural e nos limitar apenas àquela realidade, passando, com isso, a questionar o que experimentamos no mundo espiritual. Surgem, então, os questionamentos a respeito do que Deus nos disse e isso começa a nos tornar céticos, amargos e pessimistas com relação a Ele. Quando damos lugar ao pessimismo, nos tornamos tóxicos e contaminamos o ambiente. Foi exatamente o que aconteceu com os dez espias em Números 13.

Josué e Calebe, acompanhados de outros dez homens, foram espiar a terra de Canaã. Todos olharam o mesmo quadro, mas Josué e Calebe enxergaram algo diferente dos demais. A cada situação da vida temos a oportunidade de responder de uma dessas formas: com a mesma atitude de Josué e Calebe ou com a atitude crítica dos dez espias.

“E contaram-lhe e disseram: Fomos à terra a que nos enviaste; e, verdadeiramente, mana leite e mel, e este é o fruto. O povo, porém, que habita nessa terra é poderoso, e as cidades, fortes e mui grandes; e também ali vimos os filhos de Anaque. Os amalequitas habitam na terra do Sul; e os heteus, e os jebuseus, e os amorreus habitam na montanha; e os cananeus habitam ao pé do mar e pela ribeira do Jordão. Então, Calebe fez calar o povo perante Moisés e disse: Subamos animosamente e possuamo-la em herança; porque, certamente, prevaleceremos contra ela. Porém os homens que com ele subiram disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós.” (Números 13.27-31)

Apesar da atitude tóxica, os dez espias tinham argumentos com muito mais respaldado que os de Josué e Calebe. Às vezes, começamos a analisar demais os sinais e a sermos tão técnicos em

nossa análise que elevamos a percepção e o conhecimento humano acima daquilo que o nosso espírito está captando do Espírito Santo. Esquecemos que a verdade espiritual sempre é superior à realidade terrena. Se Deus mostrou algo, é isso. Acabou. Subiremos e a possuiremos por herança. E em Números 14, Calebe e os demais espias recebem o fruto do que declaram:

“...não verão a terra de que a seus pais jurei, e até nenhum daqueles que me provocaram a verá. Porém o meu servo Calebe, porquanto nele houve outro espírito e perseverou em seguir-me, eu o levarei à terra em que entrou, e a sua semente a possuirá em herança.” (versículos 23, 24)

Que declarações você costuma fazer ou permite sobre sua vida? De morte ou de vida? De conquista ou de derrota? Você declara que a visão se cumprirá ou que não se cumprirá? Deus está querendo nos levar para um *next level*, mas para isso precisamos definir nossa visão. Talvez seja momento de você sair da sua tenda. Ou talvez Deus esteja lhe mostrando algo, e a única coisa que você precisa fazer é crer. Quem sabe ainda, você já tenha saído da sua tenda, já tenha recebido a visão, você crê, mas precisa alinhar suas palavras de acordo com a visão de Deus. Independentemente de onde você esteja, o importante é sempre lembrar o poder que a declaração, o descanso e o seu posicionamento precisam ter na definição e no alinhamento da visão que Deus quer entregar.

CAPÍTULO 9

ENFRENTANDO A PODA

Como bem sabemos, o mundo está em constante metamorfose. Se não nos adequarmos, ficaremos para trás. Seja de forma consciente ou não, a transformação virá. A coisa mais sábia a fazer é nos adiantarmos, sairmos à frente, correremos em sua direção, e não ficarmos esperando que essas mudanças nos sejam impostas à força. Entretanto, ainda que muitas coisas na vida precisem mudar, nem tudo precisa mudar; aliás, há coisas que não podem ser mudadas. O nosso andar espiritual e os princípios pelos quais Jesus Cristo nos ensina a viver são imutáveis, atemporais e sempre serão a verdade absoluta, além de serem relevantes. Porém, a maneira como vivemos esses princípios necessita de atualizações de acordo com a época. Basicamente, preservamos intacto o “o quê”, enquanto submetemos o “como” a metamorfoses.

Desse modo, o importante é entendermos que a mudança precisa ser abraçada com a mesma intensidade com a qual recebemos algo que consideramos um presente dos céus. Na verdade, é necessário enxergarmos que a transformação não só é uma prova de amor como também uma prova de que, quando nos adaptamos, podemos chegar ainda mais longe, ir além do que o nosso rascunho de planejamento havia previsto. É entender que existe um patamar de glória além daquilo que estamos vivendo e é para lá que Deus quer nos levar.

Para que isso aconteça, precisamos abrir mão dos medos e das mentalidades antigas, como Gideão fez, além de compreendermos a importância de ter uma visão clara e definida, como Abrão teve.

Contudo, nesse processo de mudanças é indispensável termos noção de que essa metamorfose não é algo colorido. Na maior parte das vezes, ela vai nos custar algo. Experimentaremos dor, mas ao final seremos encaminhados para mais perto do verdadeiro significado que a palavra vida carrega. Quanto mais nos tornamos vulneráveis e expostos ao que Deus quer trabalhar em nós, mais seremos capazes de experimentar não só o centro da boa, perfeita e

agradável vontade de Deus, que é a melhor, mas também o gosto que a vida tem de verdade. Ou seja, com essa concessão começamos a viver a melhor versão de nós mesmos; passamos a nos alinhar com o desenho original de Deus.

Esse processo de vida após a morte é o que chamamos na Bíblia de poda. A poda, que encontramos no capítulo 15 de João, serve para eliminar os galhos e as folhas que podem minar a frutificação plena de uma árvore. A poda é o que gera ainda mais vida em nós. Ela é um período de dor e limpeza das partes escuras dentro de nós. Esse procedimento, entretanto, é contrário ao corte. O corte consiste no desligamento ou amputação completa do que está ligado à raiz; ele, conseqüentemente leva à sequeidão, e, de acordo com o verso 6 do mesmo capítulo, não há outro destino para o galho cortado senão o fogo.

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda vara em mim que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado. Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem.” (João 15.1-6)

Em 2008, um vídeo muito engraçado viralizou na internet. “Jesus é o jardineiro e as árvores somos nozes”. O autor da frase não apenas usou uma palavra no lugar de outra – nozes ao invés de nós – e errou na forma como escreveu a palavra “árvore”, mas equivocou-se teologicamente também. Em João 15, Jesus se apresenta como a videira verdadeira; Deus Pai como o jardineiro, e nós, os Seus ramos. O versículo 2, por outro lado, nos traz uma perspectiva interessante do ponto de vista divino: Todo ramo (nós) que, estando em Jesus, não dá fruto, o Pai corta; o que dá frutos, porém, Ele poda para que dê ainda mais frutos.

Em outras palavras, o que o texto bíblico quer dizer é que a poda representa o momento em que Deus permite que circunstâncias

dolorosas venham nos tratar e extrair o que há de melhor em nós.

Vivemos em um mundo que jaz no maligno. Um mundo falido, fracassado. Vemos acontecimentos terríveis e assistimos a atrocidades que estão acontecendo na guerra no Oriente Médio, por exemplo; na verdade, nem seria necessário olhar para tão longe para encontrar reflexos, expressões e manifestações características desse mundo caído. Aqui mesmo no nosso Brasil é possível ver tanta injustiça, corrupção, criminalidade; coisas que ferem nosso coração. Mesmo assim, pior que sofrer feridas no coração é o perigo de ficarmos insensíveis a esses fatos. Contudo, mesmo em meio a essa situação caótica, ainda existe um ponto de descanso. Apesar de estar submerso na insegurança e na violência, no medo e na indiferença, o mundo não tem o poder de anular a verdade irrefutável de que "... todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus..." (Romanos 8.28). Só nós, cristãos, temos essa segurança. Somente nós podemos ter a certeza de que, por mais que vivamos em um mundo falido, o próprio Jesus orou por nós, não para que fôssemos tirados do mundo, mas para que fôssemos guardados do mal (João 17.15). Somos convidados a ter bom ânimo, pois carregamos dentro de nós a segurança de que Ele já venceu o mundo. Ou seja, ainda que tudo caia ao nosso redor, temos a convicção de que algum bem sairá de tudo o que estamos passando. Deus sempre tem um propósito, mesmo em situações de perda.

A época de perda pode ser descrita como momentos de poda. Todos nós, mesmo os ramos que estão conectados a Jesus, uma hora nos deparamos com tempos como esse. Esses momentos podem ser resultado de falhas e erros que cometemos ou do simples fato de vivermos neste mundo falido. Quando a poda vem como resultado do nosso pecado ou de decisões erradas que tomamos, ela manifesta-se como forma de correção e alinhamento. Quando surge em decorrência de momentos de sofrimento ou perda, que são simplesmente consequência da nossa existência nesse mundo que jaz no maligno, devemos encará-la como um lapidar do nosso caráter e um convite para o próximo patamar. Em ambos os casos, o saldo é sempre positivo. Talvez a sua perda hoje seja na área da

saúde física, ou talvez na das finanças; quem sabe perdeu o *status* ou o bem-estar, a reputação ou a influência; pode ser que esteja sendo injustiçado. Mas, para todas essas áreas e tantas outras, temos uma segurança: Tudo coopera para o bem dos que amam a Deus (Romanos 8.28).

É importante conhecermos a forma como Deus nos ensina a enfrentar os momentos de poda. Quando foi a última vez que você gritou e/ou pulou de grande alegria? É com essa mesma intensidade que Tiago nos orienta a reagir diante das injustiças e correções. Com nossos pulmões cheios de ar, nosso coração recheado de paz e nossos lábios rindo de alegria, devemos declarar: "GLÓRIA A DEUS, ESTOU SENDO INJUSTIÇADO!", "GRAÇAS A DEUS! ESTOU SENDO CORRIGIDO!". Parece um exemplo caricaturista, mas não deixa de ser completamente bíblico. É isso que as pessoas espirituais fazem. Eu ainda não cheguei lá, mas estou a caminho. Existe esperança para todos nós.

"Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações." (Tiago 1.2)

Seja qual for o tipo de poda que estivermos passando, o importante é lembrar que todas elas servirão para nos refinar e fazer alcançar o *next level* que Deus tem para nós.

Muitas pessoas reclamam ao passarem por podas, mas na realidade não deveríamos ficar chateados, e sim felizes, porque todas essas coisas indicam algo maravilhoso e extremamente vital: Deus ainda não terminou conosco. A presença da poda em nossa vida é o indicativo de que Ele ainda acredita e investe em nós, assim como um jardineiro só poda os ramos que ele sabe que produzirão frutos. Que alívio saber que, se estou sendo podado, isso quer dizer que Ele ainda tem planos para mim, Ele ainda pensa em me usar. Não estou sendo desligado como um ramo infrutífero, estou sendo lapidado. Ele conta comigo. E conta com você também. Isso, sem levar em consideração que, ao terminar cada processo de poda, estaremos mais perseverantes, maduros, íntegros e completos, como diz Tiago:

“... sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes.” (Tiago 1.3,4)

Há patamares em nossa vida que não alcançaremos a menos que passemos pela poda. Somente quando formos podados alcançaremos a plenitude. Em outras palavras, Deus pode e irá usar tragédias, injustiças e situações adversas em nosso favor. Ele não disse que entenderíamos o porquê de tudo. O que Ele fez foi, simplesmente, ordenar que considerássemos essas coisas motivo de grande alegria. Que jogássemos nossas interrogações na conta da soberania de Deus e descansássemos, crendo que Ele sabe todas as coisas. Alegamos o coração de Deus quando confiamos e comemoramos mesmo que não estejamos vendo a luz no fim do túnel, o romper de um novo dia surgindo no horizonte, a promoção vindo em nossa direção ou até o diploma sendo entregue em nossas mãos. É um ato de fé. A própria Palavra de Deus nos alerta que “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11.6). Um coração que sente a necessidade de ter explicação para tudo demonstra a imaturidade de alguém que coloca fatos acima da Palavra. Em contrapartida, aquele que não entende totalmente, mas confia, apegando-se ao que a Palavra diz e comemora mesmo sem que seus olhos humanos possam ver. É isso que Deus espera de nós e é com esse tipo de atitude que ele se agrada.

Dentro dessa temática, ao me deparar com Hebreus 12, comecei a entender uma nova faceta em relação à poda. Ela tem tudo a ver com paternidade.

“... e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.” (Hebreus 12.5,6; *Almeida Revista e Atualizada*)

A disciplina é um privilégio reservado aos filhos. Note que essas são exatamente as palavras que o autor usa: “como a filhos”. A poda é um privilégio reservado aos filhos. A maioria de nós enxerga a

poda como algo ruim, mas só os filhos são disciplinados, alinhados e corrigidos. Quando o Espírito Santo vem, Ele traz correção, alinhamento e disciplina para nossa vida, mas, muitas vezes, não enxergamos isso como um privilégio, e sim como uma ofensa, agressão e infração a nossa dignidade. Quando encaramos dessa maneira só demonstramos quanto somos carentes de entendimento a respeito de nossa filiação e da paternidade de Deus. É em momentos de poda que percebemos os traços de orfandade que ainda residem em nós; nisso só a revelação do amor do Pai pode colocar um fim.

Falar sobre paternidade tem se tornado frequente em nossas igrejas. Cada vez surgem e chegam até nós mais mensagens e novos livros a respeito desse assunto. Costumamos cantar que “Em Teus braços é o meu descanso”, e isso além de verdadeiro é de grande importância. Precisamos aprender a descansar no colo do Pai. Por outro lado, ainda que esses momentos de intimidade entre Pai e filho sejam algo especial nessa dinâmica da poda, muitos pensam que paternidade é sentar no colo do Pai e, enquanto choramos, Ele passa a mão na nossa cabeça. Isso também faz parte do processo, mas quem é pai ou mãe sabe que não é assim o tempo todo. Justamente porque amamos é que não passaremos sempre a mão na cabeça de nosso filho. Às vezes, é necessária a correção e o alinhamento.

Assim, quando estamos seguros de nossa filiação e da paternidade de Deus, e todo o espírito de orfandade foi eliminado do nosso coração, nossa postura perante a correção é de agradecimento, pois temos consciência de que essa disciplina é um investimento em nossos propósitos. Essa é a ótica do Reino que descreve os que são tomados pelo espírito de adoção e clamam: “Aba Pai”.

Questiono se realmente pertencemos a Deus e entendemos o que é Aba. Se a verdade permanece firme quando cantamos “Aba, eu pertença a Ti”, ou se ela se abala quando tempos de poda chegam. O Espírito de adoção que nos torna filhos(as) é o mesmo que traz

entendimento de que a correção é um investimento que Deus faz em nós.

O órfão vê a correção como ofensa e agressão, enquanto o filho a vê como uma expressão de amor e investimento. Há grande diferença entre a visão que um órfão e um filho tem da disciplina. Apesar disso, ambos têm certa dificuldade para enfrentar a poda. Isso não apenas porque dentro de nós existe, inconscientemente, um esforço para evitá-la, mas porque acreditamos na existência de um autocorretor.

Quando você digita mensagens no celular, tem a opção de acionar o corretor. Com ele, você não perde mais tempo acentuando, pontuando ou corrigindo palavras escritas de forma incorreta. Você apenas continua escrevendo o texto e o corretor vai resolvendo os problemas.

Às vezes, tenho a impressão de que muitos cristãos acreditam que na vida também haja um autocorretor semelhante ao dos celulares. Usando a graça como desculpa, pensam que podem fazer as coisas de qualquer jeito e evitar as correções, já que um autocorretor corrigirá automaticamente todas as nossas falhas de caráter e pecados sem que tenhamos que prestar atenção a esses “pequenos detalhes”.

Na vida não existe um autocorretor. A verdade é que quanto mais ignorarmos a poda, mais distante se torna o *next level* que Deus tem para nós. O Senhor não deixará nossas falhas de caráter e nossos pecados passarem sem serem corrigidos, com a desculpa de que poderão ser consertados no meio do caminho, durante o processo. Na vida cristã, as coisas não funcionam dessa forma. Não há autocorretor.

É imprescindível, por isso, que tenhamos um senso de propriedade em relação ao nosso destino. Precisamos entender que Deus nos deu o poder de escolha justamente porque confia que nós podemos fazer as escolhas corretas. Ele nos dá o livre arbítrio para que tomemos as decisões que Ele já nos mostrou e que irão nos impulsionar ao nosso propósito. Ele confia mais em nós do que nós mesmos. Ele confia tanto em nós, que nos dá o poder de corrigir o

que precisa ser corrigido, dizendo sim ao Seu alinhamento, às disciplinas e à poda que Ele quer aplicar em nós. Se não houvesse essa confiança da parte de Deus, ele seria um ditador. Deus não é um ditador, Ele é um pai amoroso. Ele não nos corrige por raiva ou vingança, mas porque quer nos aperfeiçoar, a fim de alcançarmos lugares mais altos, que não conseguiremos alcançar a não ser que nos posicionemos nesse lugar de vulnerabilidade. Essas são aquelas horas quando Ele quer que consideremos motivo de grande alegria, ainda que pareça loucura, passarmos pela provação que, como uma poda, nos prepara para produzir mais frutos.

Alguns de nós evitamos a poda também por anteciparmos a dor. Focamos somente no quanto vai ser doloroso, quando deveríamos focar na vida abundante que sucederá a dor. E se alterássemos nossa ótica? E se não olhássemos sob uma perspectiva imediatista, mas nos concentrássemos em lembrar que o fruto disso é ainda mais fruto?

Talvez o que precisamos perceber seja que a dor da poda nunca será maior do que a dor do arrependimento de nunca ter se permitido podar. Em outras palavras, a dor da mudança nunca será maior do que a dor do arrependimento de não ter mudado. Sem poda não há frutos.

CAPÍTULO 10

A PODA É PARA OS RAMOS QUE ESTÃO VIVOS E VÃO FRUTIFICAR

A poda é um processo doloroso, mas também traz vida. Como discutimos no capítulo anterior, há níveis em nossa vida que só podem ser alcançados por meio da poda, porque apenas ela nos leva à plenitude. No entanto, o tempo todo empreendemos esforços na tentativa de evitar ser podados, seja por anteciparmos a dor, seja por não enxergarmos o que ela pode nos trazer de bom futuramente. Ficamos na expectativa de que o autocorretor entre em ação e faça as correções necessárias, o que, já dissemos, é impossível. De qualquer maneira, não podemos nos esquecer de que a dor da mudança nunca será maior do que a dor do arrependimento por não haver mudado. Sem passar pelo processo de poda não temos acesso a novos frutos.

Não sei quanto a você, mas não quero chegar ao final da minha vida cheio de arrependimentos, pensando que eu poderia ter frutificado mais, ter contribuído mais para a expansão do Reino, ter impactado mais vidas e me dedicado mais, ter afetado mais pessoas positivamente, ter amado mais”.

De todas as muitas histórias bíblicas, de longe, a de Pedro é uma das que mais exemplificam um estilo de vida sustentado e impulsionado por podas e alinhamento. E foi justamente por causa disso que ele conquistou os próximos níveis em sua vida.

No capítulo 16 de Mateus, Pedro sofre, talvez, a poda mais severa de toda a sua história. O Mestre conversa com seus discípulos, explicando a eles como haveria de morrer e ressurgir ao terceiro dia. Pedro, então, leva Jesus a um canto e tenta ensinar a ele como salvar a humanidade. Essa situação, além de estranha, soa ridícula. Seria o mesmo que um estagiário tentando dar consultoria ao presidente de uma multinacional premiada sobre como gerir uma empresa. No mesmo instante, Jesus diz a Pedro: “Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas

coisas de Deus, mas nas dos homens” (versículo 23; *versão livre do autor*). O que Jesus atacava não era a pessoa de Pedro, mas a iniciativa dele de barrar a vontade do Pai e, conseqüentemente, o avanço do Reino. Naquele momento, Pedro permitiu que uma fissura em sua alma fosse o ponto de entrada para que Satanás usasse sua boca na tentativa de barrar as empreitadas celestiais na Terra.

Eu amo Pedro. Ele é humano. Ao mesmo tempo que erra feio, ele também acerta com gosto. Ele é passional, vive do coração e mostra sua humanidade como é; sincero e transparente, com todas as virtudes e deficiências. E nós somos assim também. O que nos traz esperança é a certeza de que, se Deus pôde usar Pedro, ele também pode e quer nos usar.

Ao proferir essas palavras, Jesus estava demonstrando a Pedro quão carnal era sua mente e o quanto ainda lhe faltava para compreender as coisas celestiais. Mas Jesus sabia que a poda era só para os ramos que estavam vivos e que podiam frutificar. Ele via um grande potencial em Pedro, demonstrando isso desde o dia em que o chamou até o final. Além disso, Pedro é repreendido porque nos versos anteriores, Jesus questiona os discípulos a respeito de quem eles diziam que Ele era. Os discípulos não sabiam o que responder, pois tinham medo de dizer algo errado. Porém, Pedro, tomado por inspiração divina, se levanta e declara que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. E ali, Jesus não só o chama de bem-aventurado como também muda seu nome para Pedro. Isso só demonstra o quanto Deus já tinha um destino profético traçado para ele. Todos nós, antes de existirmos nesta Terra, já tínhamos um propósito definido, um roteiro para ser cumprido, e esse é o motivo de você e eu estarmos aqui e sermos equipados com dons e habilidades, além de termos recebido oportunidades e talentos específicos. Esse roteiro se chama destino profético.

No instante em que Pedro libera aquelas palavras por meio de inspiração divina, Jesus também libera o seu destino. Entretanto, alguns versículos mais tarde, voltamos ao ponto em que Pedro sugere a Jesus uma forma diferente do plano divino para salvar o

mundo, e é duramente repreendido. O que motivou aquela poda está descrito em João 15.2.

“Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda.” (João 15:2; *Almeida Revista e Atualizada*)

Jesus contava com Pedro, e isso é motivo de grande alegria. Seria uma tragédia se no começo do capítulo Ele tivesse destravado o destino do apóstolo e mais à frente, nos versículos seguintes, não quisesse perder tempo corrigindo Pedro e, por isso, escolhesse colocar Bartolomeu, Tomé, ou qualquer outro dos doze discípulos mais próximos, no lugar dele.

Deus nunca desperdiça nada. Se Ele está tomando tempo para lhe corrigir e alinhar é porque tem um futuro, um fim, um propósito nisso. Uma das formas que Ele usa para realizar essa poda é o que lemos em Hebreus 4.12.

“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.” (Hebreus 4.12)

A Palavra de Deus poda tudo o que é necessário ser podado em nossa vida. É como se fosse um bisturi na mão de um cirurgião que vai cortando e corrigindo aquilo que está nos causando mal ou impedindo de crescer. Quanto mais permitimos que ela nos lave, mais convicção temos a respeito do que precisa ser transformado em nós para cumprirmos o que Ele nos chamou para fazer. Saber que Ele conta conosco, mesmo que estejamos passando por esse processo de poda é um privilégio.

Há algum tempo, eu estava assistindo a uma entrevista com o Cafu, ex-lateral direito da Seleção Brasileira. Ele contou sobre a época em que jogava no São Paulo, e o Telê Santana, lendário técnico de futebol, pegava no seu pé. Não tinha um só treino em que Cafu não levasse uma bronca ou correção do professor Telê. Depois de um período, recebendo constantes broncas, ele não

aguentou mais e reclamou com outro jogador mais experiente. Após ouvir o desabafo, aquele jogador disse: “Cafu, eu me preocuparia no dia em que o Telê não lhe desse mais bronca, porque aí, sim, ele não terá mais planos de escalar você para o jogo. Se ele está chamando sua atenção é porque ele quer corrigir alguma coisa, para que, quando entrar em campo, possa jogar melhor”.

Só devemos nos preocupar quando não tiver mais a poda em nossa vida. Os que não são podados são os ramos que não dão frutos. Ao corrigir Pedro, Jesus estava renovando a conexão dele com a Videira.

Quando lemos os Evangelhos, vemos alguns momentos em que só Pedro era corrigido por Jesus, e acredito que essa era uma prática rotineira. Ele foi corrigido por Jesus algumas vezes e estava sendo alinhado por Ele. Imagino que, muitas vezes, talvez, ele se perguntasse a razão dessa exclusividade, até o momento em que entendeu que Deus só poda aquele que Ele tem planos de usar.

CAPÍTULO 11

A PODA NOS FAZ DEPENDENTES DA NOSSA FONTE DE FRUTIFICAÇÃO

A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), como o nome sugere, é uma empresa vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e, com alguns parceiros, é responsável pelo desenvolvimento de um modelo de agricultura e pecuária que seja legitimamente brasileiro, tudo isso através de inovações tecnológicas e produção de conhecimento.

De acordo com os estudos realizados por essa instituição, alguns dos principais motivos da poda são: propiciar frutificação para a videira desde os primeiros anos; melhorar a qualidade das uvas, já que a grande produção pode comprometê-las; nutrir e maturar efetivamente os frutos certos, uma vez que a videira só tem capacidade para determinada quantidade de frutos.

Obviamente, a Videira verdadeira, descrita em João, não apresenta limitações como as videiras terrestres, mas é interessante analisar, no que diz respeito à poda, que, além do quesito paternidade e da preocupação de estarmos ou não sendo podados, é necessário entendermos outro elemento extremamente crucial: Se somos ramos pressupõe-se que estamos ligados à videira (fonte que detém a vida), logo, não somos autossuficientes. Jesus deixa claro que não podemos nada sem Ele (João 15). Somos completamente dependentes d'Ele, ou seja, não existe vida nem fruto fora da Videira.

“...permaneço em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.” (João 15.4)

Entretanto, mesmo com a extrema valorização e relevância dos frutos, é no período de poda, quando damos ainda mais espaço e permissão para Jesus, que Ele tem a oportunidade de nos mostrar que, apesar de desejar que frutifiquemos, não somos produto dos

frutos que demos e das proezas oriundas de nossos próprios esforços. Somos resultado da nossa permanência n'Ele. É por isso que, constantemente, precisamos estar certos de que nossos olhos estejam postos, principal e primordialmente, na Videira verdadeira e não nos frutos. Precisamos constantemente nos lembrar de que os frutos que vemos em nós mesmos tem mais a ver com a simples ação de permanecermos na presença d'Ele do que com a força do nosso próprio braço.

Quando transferimos muito valor para os frutos que demos ou para a nossa capacidade própria, nos esquecemos de reconhecer nossas fraquezas e deficiências, e, por isso, passamos a atribuir nosso valor a nossas conquistas, o que é um erro. Nós não somos e nunca seremos o que fazemos. Nossa identidade não está em nossos títulos, nas posições que ocupamos ou no que fazemos, e sim no fato de estarmos conectados à Videira verdadeira. É por conta dessa identidade que passamos a produzir frutos e dar resultados. A inversão dessa ordem nos faz sair de um relacionamento para entrarmos debaixo de um fardo religioso que, no final de tudo, nos levará ao esgotamento. O ramo conectado à Videira nunca se esgota, pois está recebendo constantemente o alimento e os nutrientes de que necessita. Por isso, é normal que em tempos de poda, as palavras e revelações que recebemos em temporadas passadas sejam postas à prova e nossa real espiritualidade venha à tona.

“Então, Jesus lhes disse: Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão. Mas, depois de eu ressuscitar, irei adiante de vós para a Galileia. Mas Pedro, respondendo, disse-lhe: Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei. Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás. Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo.” (Mateus 26.31-35)

Pedro, mesmo tendo andado com Jesus por tanto tempo, ainda não havia entendido que não era autossuficiente. Além de pensar

que, diante de perseguição e adversidade, conseguiria resistir, lutar e ser superior aos outros discípulos, ainda levou todos eles à mesma autossuficiência e independência.

Nada podemos sem Jesus. Quando, dentro da poda, nos encontramos nesse lugar de humildade e entendimento sóbrio em relação a quem somos e quem não somos, temos duas alternativas: nos rebelarmos e abandonarmos a Deus, ou correremos para os Seus braços. Comecei a entender que, quanto mais somos podados, mais percebemos nossa real necessidade de permanecer n'Ele. Quanto mais permanecemos n'Ele, mais frutos damos.

Às vezes, nos encontramos em situações privilegiadas, já alcançamos certo patamar e, por isso, no momento de poda nos deparamos com alguns questionamentos: "Deus, eu ando com o Senhor há tanto tempo, não é possível que, a essa altura do campeonato, eu ainda tenha isso para tratar! Experimentei romperes espirituais incríveis, mas ainda tenho coisas para tratar dentro de mim? Como isso é possível?". São situações como essas que nos fazem perceber que tudo que temos e somos nada mais é do que resultado da graça. Não tem a ver com o nosso mérito, mas com a nossa dependência. Não tem a ver com a nossa religião, mas com nosso relacionamento e conectividade com Ele.

É realmente impressionante a habilidade que temos de, em algum ponto da nossa caminhada cristã, pensar que os frutos que damos encontram suas fontes em nosso esforço, zelo e nossa espiritualidade. São nesses momentos que Deus, por amor, nos poda para que saibamos e nos lembremos sempre de que tudo vem por graça, e de que, descansando em quem Ele é, faremos obras maiores.

"Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai." (João 14.12)

As épocas de poda também podem ser sinônimo de solitude. Nos períodos em que experimentamos temporadas de vale, não podemos esquecer de que eles são precedidos por picos, ou seja, entre um

pico e outro há um vale. O momento de pico é o momento em que o vento sopra nas nossas costas; o instante em que é possível sentir o embalo na direção certa. Quando estamos lá em cima, no alto, de repente, tudo o que tocamos vira ouro. Todas as pessoas por quem oramos são curadas, fluímos poderosamente no profético, nossa influência é crescente, portas são abertas e conexões divinas são feitas. E em meio a isso tudo, Deus espera que saibamos que Ele não derramou essas coisas sobre nós só para que tivéssemos um evento de êxtase espiritual. Ele espera que entendamos que existe uma razão maior. O que Ele nos revela no pico são encontros e verdades poderosas que servem como uma espécie de mantimento para guardar na mochila, já que, inevitavelmente, teremos que descer ao vale e, lá embaixo, desempacotar aquilo que recebemos quando estávamos no pico. Tudo isso porque as palavras e as promessas que recebemos na temporada anterior são normalmente o que nos sustentam na temporada atual.

Ali, no vale, muitas vezes sozinhos e longe do entusiasmo e da adrenalina das alturas, é que o nosso nível de espiritualidade será medido. Nossos medos, traumas são destacados, nossas inseguranças e reações carnis são expostas, e Ele começa o processo de limpeza.

O vale é o momento em que nos sentimos sozinhos, longe de todos e até isolados. O que poucos de nós entendem é que, na verdade, não é que Deus se esqueceu de nós, Ele está nos chamando para uma reunião em particular. Nessa reunião com Deus, em que Ele nos convoca a sair do meio da multidão e nos separarmos em um momento de solidão, os ruídos externos são lentamente eliminados para que ouçamos Seus sussurros. No vale, onde não há pessoas nos elogiando nem palavras de encorajamento, Ele tem espaço para nos transformar e direcionar Suas palavras a nós sem interferências.

Algumas pessoas são tão dependentes de elogios e tão viciadas em encorajamento de seres humanos, que Deus não consegue sussurrar Suas verdades em meio a tanto barulho. Por isso, Ele nos

leva para o vale, onde ninguém vai querer nos acompanhar. Onde estamos só Ele e nós.

Naquela mesma noite em que foi severamente repreendido, Pedro nega a Jesus. Momentos antes, quando batia no peito afirmando que daria a vida por seu Mestre, se preciso fosse, talvez estivesse se sentindo motivado pelos grandes frutos que pareciam sustentá-lo. Talvez se sentisse mais que os outros por ter sido levado para o monte da transfiguração, por ter andado sobre as águas, por ter sido o único dos discípulos que teve sua sogra curada, ou por ter recebido a revelação de que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo. A essa altura ele já havia entendido que era especial, e passou a olhar para os frutos em lugar de depender mais de Jesus. Então, após o cantar do galo, ele se lembrou das palavras que o sentenciaram horas antes, e, saindo dali, chorou amargamente. Deus, contudo, ainda não havia terminado com ele, e Pedro, após mais uma poda, retorna à Videira, agora com entendimento de que sua fonte de vida estava unida a Jesus, a Videira verdadeira, de forma intrínseca.

CAPÍTULO 12

A PODA NOS DÁ AUTORIDADE NA ORAÇÃO

Há dois capítulos meditamos sobre o par no processo de poda que nos levará ao próximo nível. Assim sendo, é essencial que nos concentremos em duas verdades. A primeira é que se você está sendo podado, é sinal de que está n'Ele e que pode dar mais frutos. A segunda é que não podemos nada sem Jesus, já que Ele é a nossa fonte de frutificação.

Baseado nisso, o terceiro ponto dentro do crescimento que vem através da poda é reconhecer que sim, só permanece n'Ele quem aceita ser podado, mas também que a permanência n'Ele é o segredo para a autoridade espiritual em nossa vida de oração. Quando decidimos permanecer enraizados na Videira, a poda vem de brinde no pacote, mas a autoridade espiritual também.

Algo que sempre me intrigou foi perceber que, por mais que todos os cristãos que eu conhecesse orassem, havia alguns que oravam e as coisas simplesmente aconteciam. Lembro que, quando criança, via isso em minha mãe. Quando ela dizia "Então está bem, vamos orar", eu já ficava na expectativa, pois sabia que alguma coisa aconteceria.

Quanto mais ando com Jesus mais tenho essa impressão de que algumas pessoas oram e as coisas acontecem com mais facilidade e efetividade, enquanto outras parecem ficar a ver navios. É algo mais ou menos assim: Você vai ao consultório do Dr. Jesus. Ao chegar, a secretária lhe entrega uma senha, indica um lugar para você se sentar e aguardar a sua vez. De repente, chega outra pessoa no consultório e, sem pegar senha e pedir autorização, entra na sala. Ao ser questionada a respeito, a secretária apenas diz: "O Doutor estava pronto para recebê-la e por isso ela já entrou".

Uma das coisas que comecei a perceber é que muitos não tem dado frutos porque não carregam autoridade espiritual em sua vida de oração. E não carregam essa autoridade porque não estão

permanecendo n'Ele. Se desconectaram da Videira para evitar a dor da poda. Entretanto, não entenderam que a poda empodera e não debilita.

“Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito.” (João 15.7)

Se Ele permanecer em nós e nós permanecermos n'Ele, automaticamente, estaremos conectados com a Videira, o que também inclui sermos podados. No entanto, se permanecermos n'Ele, tudo o que pedirmos nos será dado. É isso que afirma e garante o texto de João 15.7. Ou seja, permanecer n'Ele é o segredo para termos autoridade espiritual em nossa vida de oração, e é essa autoridade que nos fará dar muitos frutos.

Deus confia tanto em Sua Palavra que nos dá essa garantia: “pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito”.

Confesso que, muitas vezes, lendo esse texto já pensei: “Jesus é ousado demais. Como Ele tem coragem de correr tamanho risco ao nos dar essa garantia? Já pensou se for pedido algo tão absurdo ou tão longe da Sua vontade? Como é que Ele fará para honrar essa promessa?”. A verdade é que Deus também confia tanto na Videira verdadeira e sabe que, se um ramo estiver conectado a ela, será impossível que peça algo contrário a essência dela. Ele sabe que, uma vez que permanecemos n'Ele, nossas emoções, vontades, mentalidade, oração e desejos, inevitavelmente, irão mudar. Sem perceber, mas de maneira orgânica, começaremos a orar de acordo com a vontade de Deus para nós. Ele confia tanto nos resultados do permanecer n'Ele que garante nos dar o que quisermos, pois sabe que nosso maior desejo é a vontade d'Ele sendo feita em nós.

Lendo o livro de Atos, veremos, no segundo capítulo, três mil pessoas sendo salvas depois de ouvirem o primeiro e mais conhecido sermão de Pedro. Ele se levantou com ousadia perante uma multidão que, além de não crer em Jesus, foi exatamente quem O assassinou. Pedro prega de maneira veemente a mensagem de Jesus, citando o Antigo Testamento e expondo a todos o terrível erro que cometeram ao matar o próprio Messias. Ele não só aponta os

pecados dos seus ouvintes como também lhes dá um alerta sobre as consequências de não crerem naquilo que ele falava (Atos 2.40). Imagino Pedro, vermelho de paixão, pregando em voz alta e chamando pecadores ao arrependimento. Em resposta a esse apelo, de uma só vez, três mil pessoas se rendem ao Evangelho e passam a crer que Jesus é o Cristo. O que sempre me deixou perplexo foi perceber tamanha ousadia de Pedro quando, há pouco tempo, ele negava o Mestre três vezes. O que aconteceu com aquele sujeito impulsivo, volúvel, instável e até covarde? O que mudou?

A única explicação é que depois de tantas podas, Pedro, apesar de tudo, permanece na Videira e, aos poucos, vai sendo transformado e recebendo mais autoridade espiritual. Provavelmente, em Atos, a oração feita por ele, e que precedeu aquele sermão, era um clamor desesperado para que seu povo, os judeus, tivessem os olhos abertos em relação ao Cristo. Claramente, imagino Pedro orando minutos antes de subir para falar com a multidão: "Deus, por favor, me respalde de autoridade para falar com essas pessoas. Meu povo precisa ser salvo! Usa-me, Deus!". Este, com certeza, era um outro Pedro. Um Pedro que pensava diferente, desejava diferente e gerenciava suas emoções de maneira diferente. Esse era o resultado que o permanecer na Videira causa na natureza de um ser humano. Sua palavra e garantia nos foram dadas, e Ele é fiel. Com nossa mentalidade, desejos e emoções mudadas, Ele nos dá carta branca para pedir o que quisermos.

Quando abraçamos a poda, permanecemos na Videira, e dessa forma somos revestidos de autoridade espiritual. A nossa vida de oração carrega autoridade, e quando pedimos, Deus responde com frutos.

Alguns não dão frutos porque estão satisfeitos em sair do Egito e serem apenas salvos. Sentem que não precisam experimentar a vida abundante, nem ir de glória em glória ou atingir um *next level*. Pedro não. Ele entendeu que, apesar dos três mil frutos em um só dia, das suas fraquezas pessoais e além de contar com ele no futuro, Deus o podava porque, acima de tudo, era seu Pai.

CAPÍTULO 13

A BUSCA INTENCIONAL

Para que o *next level* seja atingido, como mencionamos nos capítulos anteriores, é necessário que saiamos de nossa zona de conforto, eliminemos nossos medos, alinhemos nossa visão e nos deixemos podar pelo Jardineiro celestial.

Contudo, obviamente, em cada temporada é fundamental termos consciência de que seremos testados com resistências, que são sempre usadas por Deus para aprimorar nosso caráter e nos purificar, tornando-nos recipientes ainda mais plenos da unção. E é exatamente por isso que, se quisermos alcançar novos patamares, teremos que ser extremamente intencionais nessa busca.

A intencionalidade revela um caráter de urgência, perfeito para descrever como devemos viver nesta Terra. Como cristãos, conscientes de que nossa vida é um sopro, precisamos aproveitar cada oportunidade de maneira a não olhar para trás com arrependimento no peito e lágrimas nos olhos. Deus pedirá contas daquilo que ele entregou em nossas mãos. Que honremos a confiança que Ele depositou em nós, sendo mordomos fiéis do que Ele nos confiou.

No Reino de Deus não há acidentes. Nada é sem querer ou acontece por acaso. Ele quer ou não, e isso basta. A casualidade não é bem-vinda, ela não foi convidada para a festa. E é por essa razão que precisamos parar de tratar acidentes como sendo parte determinante de nossa vida e passarmos a nos agarrar a um estilo de vida de intencionalidade e propósito.

Foi o que Eliseu fez. O capítulo 19 do primeiro livro dos Reis não fornece muitas informações sobre este homem. Sabemos que ele era filho de Safate e só se torna conhecido quando o profeta Elias recebe uma palavra de Deus apontando-o como seu sucessor. Entretanto, a Bíblia nos dá alguns indícios sobre a personalidade de Eliseu, que não só nos mostram sua intencionalidade, mas nos

impulsionam a um estilo de vida pautado integralmente por atitudes intencionais.

“Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate, que andava lavrando com doze juntas de bois adiante dele; e ele estava com a duodécima. Elias passou por ele e lançou a sua capa sobre ele. Então, deixou ele os bois, e correu após Elias, e disse: Deixa-me beijar a meu pai e a minha mãe e, então, te seguirei. E ele lhe disse: Vai e volta; porque que te tenho eu feito? Voltou, pois, de atrás dele, e tomou uma junta de bois, e os matou, e, com os aparelhos dos bois, cozeu as carnes, e as deu ao povo, e comeram. Então, se levantou, e seguiu a Elias, e o servia.” (1Reis 19.19-21)

A Bíblia diz que quando Elias encontra Eliseu, este lavrava a terra com doze pares de bois que iam adiante dele. A parca é uma espécie de pedaço de madeira que era colocada na nuca do boi e se utilizava de sua força para romper e arar a terra.

Enquanto Eliseu estava em movimento, trabalhando nas terras de seu pai, ele é encontrado por Elias, que lança sua capa sobre ele e inicia ali mesmo um discipulado intensivo. Eliseu deixa os bois para trás, se despede de sua família e segue o profeta. A atração foi mútua. Elias foi atraído até Eliseu e vice-versa. Essa sincronia espiritual não é coincidência.

Ao sair para se despedir dos pais e voltar ao encontro de seu mentor, Eliseu teve uma atitude intencional. Se buscamos algo de Deus, não o conquistaremos se não formos intencionais. Podemos ir para a igreja domingo após domingo pelo resto de nossa vida, mas se não formos intencionais em nossa busca isso não produzirá nada. O máximo que conseguiremos serão algumas coisas de tabela, mas o que realmente Deus tem para nós só virá se incluirmos a intencionalidade em nossa busca.

Eliseu se movia com intencionalidade. Por atitudes diziam que ele iria para o próximo nível, independentemente de quanto isso custaria. Ele não se importava com a resistência. Deus lhe deu a unção de romper para o próximo patamar, e por saber disso, ele

mantinha como alvo chegar ao próximo nível, e era nessa direção que ele seguia sempre.

Há uns 3 anos, através de uma conversa com um dos homens de Deus que eu muito respeito, o SENHOR começou a falar comigo a respeito da necessidade de uma análise em relação a tudo o que eu estava fazendo; deveria fazer isso em todas as áreas da minha vida: ministerial, espiritual, *hobbies* e relacionamentos. Como eu poderia aumentar a intencionalidade de tudo o que estava fazendo para não desperdiçar o meu tempo e recursos? Aquilo começou a me desafiar a pensar e a agir com intenção em tudo o que eu fizesse dali em diante.

Eliseu era assim. Sem contar que também era um bom mordomo. Quando Elias o encontrou, ele não estava arando a terra com dois bois, mas com doze pares, o que já dizia muito a respeito de sua personalidade.

Eliseu era tão intencional em sua vida que, quando Elias se aproxima e joga a capa sobre ele, nenhum dos dois fala nada sobre aquilo. Eliseu só anuncia que se despediria de seus pais e retornaria. Ou seja, no mínimo, ele já estava esperando por aquele momento.

Ao ter sobre seus ombros aquela capa, Eliseu reconhece que aquele instante era resposta de jejum e oração. Essa era a sua oportunidade. Ninguém precisou lhe fazer nenhuma proposta ou tentar convencê-lo dos possíveis benefícios que aquele discipulado geraria. Precisamos começar a entender como Jesus recruta as pessoas. Ele aparece onde você está, e lhe convida a deixar tudo e segui-Lo. A pessoa que quiser negociar já se desqualificou. Se queremos ser usados por Deus, as oportunidades aparecerão, mas, se não estivermos preparados, a chance passará e talvez nunca mais volte.

Deus quer nos encontrar prontos, porque quando a oportunidade surgir, Ele não terá tempo para ficar lidando com os nossos medos, melindres, falta de perdão e egoísmos. Ele quer injetar o *next level* em nós e ter a certeza de que o nosso caráter, inteligência e *know-how* vão nos sustentar no patamar que Ele nos colocou. Deus tem a capacidade de te colocar hoje como CEO da maior empresa de

tecnologia do mundo, por exemplo. Mas quando chegar lá, será que você terá o conhecimento e caráter suficiente para estar ali e ser o CEO mais excelente e justo que aquela empresa já teve?

Eliseu não tinha dúvidas, medos ou questões a serem resolvidas quando Elias o encontrou. Por isso, é necessário que nos submetamos aos processos de tratamento de caráter enquanto há tempo. Estude muito, o máximo que puder; leia de tudo, esteja atento ao que está acontecendo no mundo; seja o melhor naquilo que você faz hoje, e não despreze os pequenos começos.

Lembro-me do ano de 2002, quando era missionário da JOCUM e morava em uma favela mulçumana na Índia. Éramos três amigos: eu, um sul-africano e um americano. Nossa missão era evangelizar universitários islâmicos. Estávamos naquele país há uns dois meses e eu não tinha ganhado uma pessoa sequer para Jesus. Já havia pago, por baixo, uns duzentos e poucos cafés, o que deveria ser a melhor estratégia de evangelismo, e nada. Todos sempre com o mesmo discurso: “Que legal, Teo. Eu amo você! Você é um cara tão gente boa! Eu gosto de você, você gosta de mim. Você é cristão, eu sou mulçumano; você acredita em Jesus, eu creio em Maomé; eu creio em Alá, você acredita em Deus. Por que cada um não fica com a sua fé e continuamos amigos?”.

Depois de dois meses evangelizando, tomando quatro ou cinco cafés por dia e ninguém se convertendo, fiquei revoltado. Quando esses momentos de revolta ou ira santa começam a ganhar espaço em nosso coração muito provavelmente seja Deus começando um processo de transição em nossa vida. Eu não me conformava com o fato de que o evangelho que havia transformado completamente minha vida não estava fazendo, aparentemente, nada no coração daqueles universitários.

Nesse período de revolta, ganhei um livro, chamado *Evangelismo por Fogo*, de Reinhard Bonnke. Esse homem é um evangelista alemão que tem sido grandemente usado por Deus em cruzadas na África e em países mulçumanos. Ao ler aquelas histórias comecei a perceber que tudo o que ele fazia era respaldado pelo sobrenatural. Se levasse um estilo de vida sobrenatural, o que as pessoas diriam

quando milagres começassem a acontecer? Como elas argumentariam se fossem curadas instantaneamente ou se recebessem uma palavra de conhecimento que o nosso Deus nos revelou? Certamente não diriam nada como: "Fique com o seu Deus. Eu continuarei com o meu NÃO, é claro que não!".

Eu precisava daquele poder. Fui conversar com o meu líder da JOCUM na época. Ele me achou um pouco intenso e tentou me acalmar, depois de sugerir que eu estava incomodando todos ao meu redor. Eu não sabia como lidar com aquilo que estava sentindo. Então, resolvi fazer um jejum de sete dias. Tudo o que eu tinha eram 700 dólares e uma passagem de volta para Londres, onde ficava a base da missão onde eu morava. Depois que o prazo na Índia acabasse, eu não fazia ideia do que ia fazer da minha vida. Com 22 anos e 700 dólares no bolso, acessei um *site* de passagens aéreas e, em minha busca, encontrei uma que custava exatamente 700 dólares, *one way*, para Buenos Aires.

O único homem que eu havia visto se mover em poder da forma que acontecia no livro de Bonnke era um argentino chamado Carlos Annacondia. Mesmo com 5 anos de idade consigo nitidamente lembrar da cruzada de milagres em que ele e eu comparecemos no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. Presenciei pessoas levando seus entes queridos em cadeiras de rodas para o púlpito, e Carlos Annacondia orando por eles. Todos voltavam carregando as cadeiras no alto de suas cabeças. Ao ver inúmeras cenas como aquelas, eu comentava com os meus primos: "Se um dia eu for pastor, vai ter que ser assim. Isso é legal!".

Não culpo muitos dos meus amigos que não estão na igreja hoje, porque para eles, a única coisa que sabem sobre Cristianismo é que é algo entediante, em que pessoas só são salvas, religiosas, sentam no banco da igreja, sem cumprir o chamado que receberam, vivendo em uma contagem regressiva para a morte. Então qual a razão para viver?

O que eu queria era viver aquilo. O desespero me levou a jejuar, mas ainda assim não conseguia ouvir a voz de Deus. Foi quando tive a brilhante ideia de fazer um trato com Ele: se Ele não dissesse nada

até o final do jejum eu consideraria aquilo como um sim. Eu iria para a Argentina, encontraria aquele homem, bateria na porta de sua casa, e me ofereceria para servi-lo no que precisasse. Se necessitasse de alguém para carregar o lixo, limpar o cocô do seu cachorro, lavar o carro ou engraxar seus sapatos, eu faria. Na verdade, eu faria qualquer coisa só para ficar perto da unção.

Quando faltavam vinte e quatro horas para terminar o jejum, o telefone da casa em que eu morava na Índia, tocou. Era a minha mãe. Ela estava agitada e ao mesmo tempo falava cautelosamente para que eu prestasse atenção antes de responder com uma negativa.

Nessa época, ela cursava um programa de doutorado de um famoso teólogo americano chamado Peter Wagner, que tinha base no Colorado, EUA. De vez em quando Wagner levava alguns professores convidados e, naquele dia, um homem de Gana, África, tinha ido até o seminário. Ele era um profeta, mas, segundo minha mãe, era diferente dos outros. Pastoreava uma igreja na Carolina do Norte, EUA, e tinha um ministério itinerante que rodava o mundo inteiro. Enquanto ela contava essas coisas, pausou e fez um comentário sobre a aula. "Eu nunca senti tanto a presença de Deus em minha vida. Só desse homem entrar na sala, todos se prostraram com o rosto ao chão por horas". Isso era tudo o que eu sabia sobre aquele homem. Mas não era tudo o que minha mãe tinha para me falar a respeito dele. Aquele profeta tinha uma palavra para mim. Ele nem me conhecia, não fazia a menor ideia de que eu existia, como poderia ter uma palavra para mim? Então ela reproduziu o que o homem lhe havia dito: "O seu filho é o meu filho espiritual. Eu vou abrir as portas para ele. Ensinarei a ele tudo o que eu sei sobre ministério. Aqui está o meu cartão. Sei que ele está na Índia como missionário, mas diga que é para ele vir para a Carolina do Norte. Quando ele chegar, darei um trabalho a ele e o ajudarei a terminar os estudos, além de ser seu mentor".

Eu fiquei em choque. Aquilo não fazia o menor sentido. Eu nunca sairia correndo atrás de um homem a respeito de quem eu jamais

ouvira falar. O que ele esperava? Que eu largasse tudo e fosse atrás dele? Eu nunca faria uma coisa dessas.

Sabe o que era isso? O momento em que Elias jogou a capa sobre Eliseu, e eu não o reconheci. Mas, mesmo com o pé atrás, comecei a orar e Deus falou comigo. Passados três meses, no ano de 2003, pousei na Carolina do Norte. Cheguei no aeroporto com duas malas e uma palavra de Deus. Em mãos, tinha apenas o número de telefone do escritório daquele homem e algumas moedas que eu gastei ao fazer aquela ligação do orelhão.

Liguei e uma mulher atendeu do outro lado.

— Alô?

— Alô!

— Oi, aqui é o Teo, do Brasil!

— Olá, meu nome é Pammela, eu sou assistente do doutor Kingsley Fletcher.

— Então...cheguei no aeroporto!

— Ah, então espere. Devo chegar aí em aproximadamente quarenta minutos. O meu carro é um Corolla branco. Sente na calçada e me espere.

E foi assim. Ali, sentado naquela calçada, e até mesmo durante minha primeira noite na Carolina do Norte, eu incessantemente me perguntava o que estava fazendo com minha vida. Mas entendi de Deus que momentos como aquele são alinhamentos do céu. Você clama, jejua, ora, e é isso. Não tinha entendido logo de início, mas eu sabia que se demorasse demais a oportunidade ia passar.

No dia seguinte, conheci o homem de quem minha mãe tanto havia falado. Dr. Kingsley Fletcher. Ele era um homem elegante, todo engravatado, e parecia ser bem mais inteligente do que metade das pessoas que eu conhecia. Mais tarde descobri que era conselheiro do Kofi Annan, na ONU, quando este ainda era secretário-geral. O doutor Fletcher também dava muitas consultorias e viajava pelo mundo todo com Miles Monroe, realizando trabalhos humanitários. Ao entrar em sua sala, ele olhou para mim e perguntou: "Quem é você?". Eu era um jovem recém-chegado da JOCUM. Tinha um

moicano na cabeça, sandálias Havaianas nos pés, e vestia uma calça jeans rasgada. Sim, eu não tinha muita noção.

— Quem é você? — Ele perguntou enquanto me analisava.

— Sou Teófilo. Você conheceu a minha mãe, uma senhora japonesa, lá no Colorado. O senhor mandou que eu viesse para cá, não mandou?

— Ah! Você é o filho daquela senhora?

— Sou eu! — Respondi animado por ter percebido que ele realmente se lembrava.

— E você veio? — Perguntou ele demonstrando uma surpresa um tanto cínica.

— Sim, eu estou aqui! — O que você quer?

— Eu quero ser discipulado, senhor. Mentoreado.

— Ah, sente um pouquinho aqui no sofá. — Finalizou apontando para a direção em que eu deveria seguir.

Sentado em sua mesa, ele continuou dando uma série de telefonemas, e entre cada uma das ligações me perguntava: “Como você se chama?”. “O que você quer mesmo?”. Ele estava testando o meu coração. Mas aquilo começou a me irritar profundamente. Eu não acreditava que tinha largado tudo o que estava fazendo, não que eu estivesse fazendo alguma coisa significativa, mas comecei a questionar a Deus a razão de estar ali com um homem que me desprezava e, aparentemente, nem se importava se eu tinha vindo de longe ou não. Ele me perguntou três vezes o que eu estava fazendo ali e o que queria.

— Quero ser discipulado — Eu respondia.

— Ah, eu não acredito! O que você realmente quer?
Um Green Card?

— Não, senhor. Eu quero ser discipulado!

— Você quer dinheiro, não é? Você pensa que vai estar no ministério e vai ter dinheiro? Fama? O que você veio fazer aqui?

Imagine encontrar uma pessoa pela primeira vez e essa ser a conversa que dá início a amizade. “Muito simpático ele”, pensei comigo depois. E naquele momento, enquanto ele me confrontava,

não sei o que deu em mim, mas levantei, corri em direção à mesa dele e gritei:

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAH, EU QUERO SER UM HOMEM DE DEUS! — E bati forte com uma das mãos sobre a sua mesa.

Ele também bateu uma das mãos na mesa, olhou bem para mim e disse:

— NOW, WE'RE TALKING! (É isso mesmo, agora senta aí!). Você sabe jejuar?

— É, eu tenho um pouquinho de experiência.

— Você não sabe jejuar!

Ele pegou o telefone e ligou para a secretária: "Pammela, traga para esse menino o meu livro sobre jejum e oração". Desligou o telefone e prosseguiu. Você vai ler esse livro e jejuar por sete dias. Amanhã estou indo para a Califórnia e volto ao final desse período. Nós vamos fazer um trato: Eu não sei o porquê você está aqui. Você diz que quer ser um homem de Deus, mas se você realmente tem que estar aqui, Deus vai falar com você e o que Ele falar com você vai ter que falar comigo também! Se não bater, você está no primeiro voo de volta para o Brasil.

Então comecei o jejum. Um, dois, três, quatro dias e nada. E dessa vez não dava para usar a tática de que se Deus não dissesse nada seria um sim. Eu precisava ter alguma coisa concreta. No sexto dia, enquanto eu estava tomando banho, de repente, tive uma impressão no meu espírito: "quatro meses". Eu não estava forçando ter aquele pensamento, não estava orando e nem concentrado. Apenas me veio essa impressão e como era a única coisa que eu tinha, resolvi falar que essa era a resposta de Deus.

Foi uma ideia. Não podemos descartar as coisas que Deus fala através de ideias, vontades, pensamentos ou imagens. É Deus falando. E, na maioria das vezes, pensamos: "Ah! Isso é só coisa da minha cabeça, pura imaginação!". Mas por que Deus nos deu imaginação, afinal de contas? Porque é mais um meio que Ele pode usar para falar conosco.

Comecei a dar espaço a esse pensamento: "Quatro meses e, depois, teremos algo para um tempo maior.". Era o que eu sentia.

Quando o Dr. Fletcher voltou, a secretária me ligou e disse que ele queria me ver. Entrei na sala e sobre a mesa havia aquelas folhas grandes de papel, que geralmente ficam ali para rabiscos ou anotações durante alguma ligação rápida. Ele pegou uma caneta e, colocando um livro para impedir minha visão, escreveu algumas coisas. Ao terminar colocou o livro em cima e perguntou:

— O que Deus falou com você?

— Ahhhhhh...

—Você jejuou? Orou? Deus falou com você?

— Sim!

—O que Ele disse?

— Deus me falou que eu vou ficar aqui por um período de quatro meses e depois você vai me enviar de volta; e então eu terei um visto para trabalhar com o senhor por mais tempo, talvez por alguns anos.

Ele olhou fixamente para mim, esperou alguns segundos, tirou o livro que cobria o que ele havia escrito no papel e ali estava anotado: "4 meses - visto religioso - 3 anos". No mesmo instante ele pegou o telefone e ligou para a secretária: "Pammela, ligue para a advogada de imigração, o Teófilo dará entrada para o visto religioso". Desligou. Virou-se para mim e continuou: "Você tem mais quatro meses como turista aqui, então voltará para o Brasil, irá até a embaixada buscar o seu visto, e voltará para cá para trabalhar como um dos ministros dessa igreja. Nós vamos viajar e trabalhar juntos". Aquele momento foi o meu 1Reis 19.

A única coisa que Eliseu tinha dentro dele era o foco em se despedir de seus pais e seguir Elias. Prova disso está no versículo 21, que nos coloca em contato com outra atitude intencional da parte dele.

"Voltou, pois, de atrás dele, e tomou uma junta de bois, e os matou, e, com os aparelhos dos bois, cozeu as carnes, e as deu ao povo, e comeram. Então, se levantou, e seguiu a Elias, e o servia." (1Reis 19.21)

Ele poderia ter queimado qualquer outra coisa para cozinhar os bois, mas, propositalmente, escolhe queimar seu equipamento de arar para servir de lenha para a carne que ele cozinhará em seguida. Ou seja, as parelhas são usadas para comunicar aos seus servos que aquele era o seu último dia ali. Eliseu estava se posicionando de tal maneira que não teria como voltar atrás. E, ao queimar tudo aquilo, ele estava confessando que não existia a possibilidade para um “plano B”. Não seguimos Jesus como uma opção, como se estivéssemos escolhendo entre B, C ou D. Nós O seguimos na certeza de que só iremos nos despedir dos nossos pais, fazer uma festa de despedida e, então partiremos rumo ao nosso alvo, o *next level*. Mas o mais importante é que não nos permitimos voltar atrás.

Ali mesmo Eliseu queima suas parelhas e segue Elias. Alguns teólogos afirmam que Safate, pai de Eliseu, tinha muitas posses e que, seguramente, o jovem cuidava das coisas do pai, não como um menino mimado, mas como um homem que colocava a mão na massa.

Se queremos ser encontrados por Deus precisamos fazer alguma coisa. O que você tem nas mãos para fazer hoje? Eliseu tinha parelhas. E, enquanto espera pela oportunidade, estava sendo um bom mordomo do que tinha em mãos.

Eliseu, então, segue Elias. Enquanto os dois estão em movimento, ele é preparado para ser o próximo grande profeta de Israel. Depois de muito andarem juntos, Elias sabia que seus dias na Terra estavam chegando ao fim. As pessoas começaram a entender que dali a pouco ele iria embora, que estava velho. O próprio Eliseu, diante desse cenário, já devia imaginar que estava prestes a ocupar o lugar do profeta.

Quando o Dunamis estava em seu terceiro mês de existência, Randy Clark me chamou para traduzir suas pregações por várias cidades no Brasil pelo período de uns três meses, e nesse tempo, aos poucos, comecei a compartilhar meu coração com ele. Em uma de nossas conversas ele me aconselhou: “Sabe o que você precisa fazer, Teo? Mexer, fazer alguma coisa para que algo aconteça.

Mesmo que não tenha estratégia. Comece a orar pelas pessoas, falar sobre Jesus. Mas se movimente. Faça qualquer coisa debaixo da unção”.

Muitos reclamam de não iniciarem algo por ainda não ter a estratégia certa ou não saber qual o próximo passo. Apenas faça alguma coisa. Ore por alguém, entregue uma palavra, abrace, ame. Tem que ter movimento. “Avivamento é bagunça”, Randy costumava dizer.

Por outro lado, infelizmente, como ele continuou me contando, pessoas chegavam com muitas críticas, dizendo que muitos fingiam manifestações e um toque genuíno de Deus. Ao que ele respondia: “É, vocês estão vendo três que estão fingindo, eu estou orando por dez que estão realmente sendo impactados pelo poder de Deus. Temos que arcar com esses três para termos os dez. Mas se vocês ficarem criticando esses três, terão que abrir mão dos dez”.

Às vezes você ora tanto para ter a equipe perfeita, as finanças corretas, o melhor plano de ataque, quando tudo o que você precisa é se movimentar. Faça alguma coisa.

Eliseu entendeu que a vida no Espírito é marcada por movimento. Não iremos experimentar o novo de Deus se permanecermos estagnados e apáticos. Por isso, Eliseu seguia a unção assim como Israel seguia a nuvem de glória.

“Quando, pois, a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, então, os filhos de Israel caminhavam em todas as suas jornadas. Se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam até ao dia em que ela se levantava...” (Êxodo 40.36,37)

Às vezes, o que mais impede o mover do Espírito não é o diabo, mas a apatia e teimosia da Igreja. Pare de defender que só será bom o bastante ou só será verdadeiramente de Deus se for igual ao que viveu em sua adolescência ou do modo como aprendeu. Não importa em que altura da caminhada cristã você esteja, Deus tem algo novo, e o novo envolve movimento. Eliseu, desde o princípio, tinha entendido aquilo.

Em 2Reis 2.1-14 temos acesso aos últimos momentos da vida de Elias. Alguns teólogos acreditam que este seja literalmente o último dia antes que ele fosse arrebatado pela carruagem de fogo. Nesse dia, ele passa por quatro localidades: Gilgal, Betel, Jericó e Jordão. O percurso somado dá um total de, aproximadamente, quarenta quilômetros de caminhada. Eliseu, então, já entendendo que Elias tinha pouco tempo com ele, decide ser ainda mais intencional em suas ações, uma vez que precisava conquistar aquilo pelo que havia pago o preço: a porção dobrada.

E é nesse ponto da história que Elias começa a testar o coração de Eliseu. Às vezes sentimos uma resistência em nossa busca por Deus, seja por causa das circunstâncias ou mesmo pelo silêncio divino diante de nossas orações. Parece que estamos orando e tudo bate no teto. Já parou para pensar que isso pode ser um teste de Deus?

Certa vez, quando eu era adolescente e estava começando a entender o mover no Espírito, corri desesperado para a minha mãe, sem compreender a razão de não conseguir sentir a presença de Deus nas últimas cinco semanas. Eu já tinha sondado o meu coração e não tinha nenhum pecado ou brecha. Então minha mãe me disse: “Teo, você não é guiado por sentimentos. Você não tem certeza que é perdoado por Deus? Que foi restaurado por Sua graça? Por que então ficar refém de sentimentos? Vá por fé. Algumas vezes o sentimento acompanha, glória a Deus! Outras não, mas você não para. Tem que se movimentar”.

E é no capítulo 2 de 2Reis, entre uma cidade e outra, que Eliseu é testado. As quatro localidades representam um significado para Israel e também para nós, igreja neotestamentária. Os locais por onde o profeta e seu discípulo passaram não eram aleatórios. Elias era um homem extremamente ungido por Deus, tido como o maior profeta de Israel, e sabia que tinha, no máximo, alguns dias de vida. Ele não faria nada que não fosse extremamente intencional.

“Sucedeu que, quando o SENHOR estava para elevar a Elias num redemoinho ao céu, Elias partiu de Gilgal com Eliseu.

E disse Elias a Eliseu: Fica-te aqui, porque o Senhor me enviou a Betel. Porém Eliseu disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim foram a Betel. Então os filhos dos profetas que estavam em Betel saíram ao encontro de Eliseu, e lhe disseram: Sabes que o SENHOR hoje tomará o teu Senhor por sobre a tua cabeça? E ele disse: Também eu bem o sei; calai-vos.

E Elias lhe disse: Eliseu, fica-te aqui, porque o Senhor me enviou a Jericó. Porém ele disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim foram a Jericó. Então os filhos dos profetas que estavam em Jericó se chegaram a Eliseu, e lhe disseram: Sabes que o SENHOR hoje tomará o teu Senhor por sobre a tua cabeça? E ele disse: Também eu bem o sei; calai-vos. E Elias disse: Fica-te aqui, porque o Senhor me enviou ao Jordão. Mas ele disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim ambos foram juntos. E foram cinquenta homens dos filhos dos profetas, e pararam defronte deles, de longe: e assim ambos pararam junto ao Jordão. Então Elias tomou a sua capa e a dobrou, e feriu as águas, as quais se dividiram para os dois lados; e passaram ambos em seco. Sucedeu que, havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que te faça, antes que seja tomado de ti. E disse Eliseu: Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim. E disse: Coisa difícil pediste; se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará, porém, se não, não se fará. E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho.

O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel, e seus cavaleiros! E nunca mais o viu; e, pegando as suas vestes, rasgou-as em duas partes. Também levantou a capa de Elias, que dele caíra; e, voltando-se, parou à margem do Jordão. E tomou a capa de Elias, que dele caíra, e feriu as águas, e disse: Onde está o Senhor Deus de Elias? Quando feriu as águas elas se dividiram de um ao outro lado; e Eliseu passou.” (2Reis 2.1-14 *Almeida Corrigida e Revisada Fiel*).

O que lemos nessa passagem das Escrituras foi a maneira como Elias resolveu passar seus últimos momentos. Como qualquer pessoa, ele deixou para o final o que considerava mais importante.

A Palavra nos conta que, em todas as localidades, Elias insistia para que Eliseu desistisse da ideia de ir com ele para os próximos destinos, e permanecesse ali onde estavam. Entretanto, Eliseu,

intencionalmente, não se deixou vencer e seguiu seu mestre até o fim. Agora, imagine ouvir do seu pastor ou líder de ministério: “Não continue. Fique longe de mim. Não quero que você me siga. Permaneça aqui!”. Como isso soaria para você? Será que você se sentiria ferido? Precisamos ser tão radicalmente intencionais que não tenhamos tempo de ficar ofendidos. Em nenhum momento encontramos Eliseu ofendido, como muitos ficariam. É necessário colocarmos os nossos olhos no destino e não nos obstáculos, caso contrário acabaremos perdendo de vista o que estamos buscando.

No Antigo Testamento era comum ter escolas de profetas. Em muitos cantos de Israel havia essas escolas. Esses lugares reuniam profetas que Deus estava levantando para serem treinados e, muito provavelmente, Elias tenha fundado algumas ou todas essas escolas. A passagem dele por aquelas cidades, portanto, era uma possível despedida de seus alunos, que nem por isso eram, necessariamente, seus discípulos.

Alguns teólogos dizem, nos comentários, que essas escolas eram compostas, muitas vezes, de espectadores ou admiradores; pessoas que sabiam que o profeta se movia no sobrenatural e queriam ficar perto disso. Eles não queriam ser Eliseu, queriam ser alunos da escola de profetas. Eram as típicas pessoas que não querem estar debaixo da submissão de Deus, mas querem ficar perto da atividade do Espírito Santo.

Elias não era o mestre deles. Por mais que eles fossem discípulos dos profetas, não enxergavam Elias como mestre. Mas Eliseu sim. Justamente por esse motivo, o texto continua nos mostrando que esses alunos começaram a caçar dele, trazendo à tona a possibilidade de solidão quando Elias morresse, ao contrário deles que teriam uns aos outros. “Se continuar seguindo esse profeta para cima e para baixo, uma hora ele irá embora e você ficará sozinho, enquanto nós ficaremos juntos”, eles diziam. Quando estamos em um ambiente onde queremos buscar de verdade, mas nem todos estão com a mesma intenção, as pessoas virão com as mesmas acusações dos filhos dos profetas: “Se continuar fazendo isso, você será o único. Melhor se acalmar!”.

Entretanto, como sabemos, Eliseu era intencional. O versículo continua com a resposta que ele dá àqueles homens. “Sim, eu sei, mas calem-se”.

Algumas pessoas cruzam nossos caminhos e tentam apagar o fogo que arde em nós. Não temos que ser mal-educados, mas precisamos ser firmes. Diante daquelas provocações, Eliseu tomou um posicionamento que replicava a intencionalidade de seu coração em não deixar que o zelo que existia dentro dele se apagasse.

Por outro lado, naquele instante, Elias sugere como alternativa que Eliseu permanecesse ali. Ele, no entanto, não aceita, apesar da insistência e das circunstâncias. Assim, os dois seguem para Jericó e, ali, Eliseu é provado exatamente da mesma maneira que na cidade anterior, só que agora tendo o Jordão como destino. Sua resposta permanece a mesma: “Não, eu irei contigo.”

O Jordão, dentre aquelas localidades, era a mais intensa e atípica, e todos sabiam disso. O versículo 7 nos conta que, além de terem tido a mesma reação que os profetas anteriores, os cinquenta discípulos dos profetas de Jericó, a terceira localidade, acompanharam e ficaram olhando à distância como quem queria pagar para ver. Eles não acreditavam que Eliseu fosse realmente seguir seu mestre para o Jordão, ao invés de permanecer ali.

Tudo na vida de Eliseu culminava para aquele momento. O que ele orava, seus jejuns e clamor eram exatamente para que aquele tempo chegasse. Desde que saíra da casa de seu pai até o instante em que atravessa o Jordão, depois de ter passado por três provas, ele mantinha firme seu objetivo. A Palavra nos mostra que os dois atravessam o Jordão e, então, Elias, finalmente, pergunta a Eliseu o que pode fazer em favor dele. Eliseu, então, responde: “Faze de mim o principal herdeiro de seu espírito profético”.

Vivemos em uma cultura vaidosa e, é importantíssimo que tenhamos o coração no lugar certo, mas Deus quer que possamos dar espaço para uma “ambição santa”. Faz bem querer mais unção, mais autoridade espiritual, querer colocar as mãos sobre os enfermos e vê-los curados. Por conta dessa cultura de vaidade, muitas vezes, o fato de termos ambição por mais de Deus parece

algo carnal ou ligado ao nosso ego, mas não é. Evidentemente, precisamos ter sensibilidade para monitorar o nosso homem interior, a fim de que o ego seja colocado no altar e sacrificado quando necessário. Porém, há, sim, espaço para uma ambição santa de querer viver o sobrenatural, de ser faminto por Deus e para que Ele nos use de maneira poderosa e marque nossa geração através de nós.

Tempos atrás fui com alguns amigos ao museu do Billy Graham, nos EUA. É incrível ver como aquele homem, através de uma mensagem simples e poderosa, atraía as pessoas, fazendo que corressem até o altar e desejassem o novo nascimento. Ele sempre foi conhecido como um homem de oração e, por isso, sei que foram elas que viabilizaram tudo o que aconteceu durante suas ministrações. Imagino que ele orava pelas pessoas que encontraria, para que a mente e o coração delas estivessem abertos para receber a semente da Palavra.

Ali, passado o Jordão, Eliseu pediu a Elias porção dobrada do espírito de profeta que nele havia. Entretanto, no decorrer dos versículos entendemos que o fim ainda não havia chegado. Ele teria mais uma prova de resistência. Muitas vezes questionei a razão de Deus testar o meu coração, sendo que Ele sabe das minhas boas intenções. Ficava me perguntando: Por que somos testados por Ele assim? Por que existe resistência? Por que as pessoas não acreditam em mim? Ou por que, em alguns momentos, me vejo cercado de pessoas que não estão comigo de verdade? Foi quando Ele me falou que não tem nada a ver com as pessoas e, sim, com o processo dele em nossa vida e com aquilo que Ele está gerando em nosso coração, por intermédio dessas resistências. Através delas somos purificados. Todas as vezes que alguém não acredita em nós, todas as vezes que escolhemos perdoar quem nos ofendeu ou amar quem nos feriu, ele está tratando conosco e nos tornando quem Ele deseja que sejamos. Quando fazemos coisas assim estamos nos tornando a pessoa que, originariamente, Ele nos fez para ser.

No momento em que Eliseu pede a porção dobrada, Elias começa a fazer os cálculos para ter certeza de que seu discípulo estava

pronto para receber a unção. Ele coloca um, dois, três, quatro bloqueios e, provavelmente, deve ter perguntado a Deus se aquela era a hora certa para entregar a Eliseu o que ele tanto desejava. Então ele é provado e afiado mais uma vez. Se estivesse presente no momento em que Elias fosse separado dele, receberia o que havia pedido.

Para entendermos mais profundamente o contexto de cada uma dessas localidades na história é necessário que façamos algumas ligações com acontecimentos que vieram antes do profeta e seu pupilo.

GILGAL

Se recordarmos, no capítulo 4 do livro de Josué, quando o povo de Israel cruza o rio Jordão, Josué, na época, líder de Israel, recebe uma palavra do Senhor para erguer um monumento, a fim de afastar a vergonha do Egito; uma ação que seria como uma afirmação no mundo espiritual de que dali em diante Israel não teria mais nenhuma ligação com o Egito.

Depois de quarenta anos vagando pelo deserto, finalmente, poderiam tomar posse da terra prometida. Em nossa vida, hoje, Gilgal representa o local onde temos o nosso novo nascimento. É onde cortamos toda a ligação com o Egito (o sistema deste mundo). Na história de Elias e Eliseu, percebemos que a atitude que o profeta espera de seu seguidor é exatamente a atitude de não se contentar apenas com o novo nascimento.

Se queremos alcançar o *next level* em Deus não podemos nos contentar apenas com o fato de termos nascido de novo. Isso é importante, mas é só o início. Afinal, não fomos salvos apenas de um passado de pecado, mas para um futuro de obras de justiça, na comunhão com Ele e Seu corpo; Para vivermos como chamados que somos.

Em Josué capítulo 5, Gilgal é também o instante em que o povo corta a ligação com o passado através da circuncisão, que apontava para o que mais tarde, no Novo Testamento, seria a circuncisão do coração. O povo estava há quarenta anos no deserto, e nesse meio tempo, muitos haviam morrido e nascido. Devido a questões de higiene e esforço físico, Deus os isenta da circuncisão até chegarem a Gilgal, quando Ele deseja renovar os votos. Ali, levantam um monumento e circuncidam todos os homens.

Em outras palavras, Gilgal não é o fim, mas o começo. É quando cortamos a carne de nossa vida, quando deixamos para trás todo nosso passado e todas as questões que nos impendiam de correr em direção à nossa terra prometida. Ao fazer a proposta a Eliseu, Elias sabia disso. Aquilo era uma prova. Ele não tinha que permanecer ali.

BETEL

A primeira menção de Betel na Bíblia ocorre em Gênesis 28. Jacó tem como travesseiro uma pedra e, além de falar, Deus reafirma com ele todas as promessas que havia feito a Abrãao e Isaque.

No versículo 16, do mesmo capítulo, ele reconhece que aquele lugar era uma porta para os céus. Os céus se abriram, a escada desceu, os anjos vieram, a bênção de Deus caiu e a adoração subiu. Ali era a casa de Deus.

Mas em Hebreus 3, o autor diz que aqueles que receberam Jesus em sua vida são a casa de Deus. A igreja, portanto, não é mais um lugar físico ou uma construção. Nós somos a igreja.

Contudo, vale lembrar que a vida cristã em comunidade não é apenas uma convenção ou conveniência. Deus deu dons, como descrito em Efésios 4, para a Igreja, a fim de que fôssemos equipados e edificados como pedras vivas.

Em conversa com um grande amigo meu, Andy Bird, um dos líderes da JOCUM atualmente, ele me perguntou que mudanças eu considerava importantes que a JOCUM passasse para se tornar melhor. Disse a ele que noto que os jovens que passam pelo programa de treinamento para missões, por algum motivo não conseguem se engajar nas igrejas locais. Um dos pontos a melhorar, com certeza, é fazer com que esses jovens voltem e se engajem como pedras vivas na construção de igrejas locais.

Em minha opinião, um dos maiores problemas que temos hoje são pessoas que vão para a escola de ministério, vivenciam grandes coisas com Deus, mas não têm maturidade e não aprenderam a canalizar aquilo que absorveram para dentro do contexto de uma igreja local. Fazer escola de ministério é extremamente importante, bem como outros tipos de capacitações, o problema é quando tudo isso leva a pessoa para longe do único lugar em que todos precisamos realmente estar enraizados: A igreja.

A igreja local é a expressão física da aliança que Deus fez com Jacó em Betel. Precisamos honrar a igreja local. Falamos tanto sobre

Atos 2, avivamento, sinais, maravilhas, pessoas sendo batizadas e salvas, mas tudo culminava na igreja local. Não conseguimos viver avivamentos fora do contexto de Betel. E assim como não podemos permanecer apenas em Gilgal com o novo nascimento e a circuncisão de nosso coração, também precisamos entender a importância de nos tornarmos Igreja e sermos parte integrante da igreja local.

A igreja local é de extrema importância e valor, mas quando entramos nesse contexto passamos a perceber o quanto nossos pensamentos e idéias são parecidos, então, criamos amizades e ficamos confortáveis. Acontecendo isso, também existe um problema: é exatamente nessa hora que perdemos Jericó de vista e, ao contrário de Eliseu, nos contentamos em ficar em Betel. Assim, estamos sentenciados à derrota em relação à conquista fora da igreja. No instante em que ficamos confortáveis demais dentro da igreja (louvor inspirativo, palavra edificante e pessoas orando por nós e nos amando), ficamos cegos a respeito do que realmente precisamos fazer.

JERICÓ

Se observarmos atentamente o texto de Josué 5, veremos que Jericó é o local onde Deus aparece a Josué como um guerreiro. Essa é a primeira teofania com a qual ele tem contato. O que Deus estava comunicando ali era que, apesar de todos eles terem saído do Egito, cruzado o Jordão e levantado monumentos em Gilgal, dali em diante teria início o momento de guerra.

Sem guerra não existe conquista. O que Jericó representa para nós hoje é equivalente à mensagem das sete esferas da sociedade.

Em 1975, Loren Cunningham, fundador da JOCUM, e Dr. Bill Bright, fundador do campus Crusade for Christ, tiveram a mesma revelação vinda de Deus a respeito do que, hoje, chamamos de sete esferas de influência. Apesar de não terem entrado em contato um com o outro, os dois oravam por uma estratégia para ganhar o mundo para Jesus, e foram atendidos, e assim essa revelação nasceu.

Em cumprimento à ordem de Mateus 28 e Marcos 16, cada uma dessas áreas de influência – divididas entre Família, Igreja, Educação, Comunicação e Mídia, Artes e Entretenimento, Governo, Negócios – se apresentam como a maneira mais eficaz de atingirmos o objetivo de discipular uma nação. Quando somos bons mordomos daquilo que Ele entregou em nossas mãos, estamos conquistando Jericó. Todos estamos inseridos no mínimo em uma dessas esferas, uma delas é nossa área predominante, aquilo que Deus nos forjou para lutarmos. Alguns foram chamados para ser médicos, outros para estilistas, músicos, políticos, pastores e etc. Dentro de nossa esfera específica, o importante é sermos a extensão de Cristo. A sua esfera é a sua Jericó. Somente uma minoria tem como lugar de atuação a igreja, já a maioria esmagadora das pessoas tem outras esferas de atuação. Não conquistaremos nossas esferas estando confortáveis dentro da igreja. O perigo de Betel sem Jericó é que sem Jericó, Betel se torna um clube social.

Antes de sair para a conquista de Jericó, Josué e seus homens recebem uma estratégia atípica: Dar voltas em torno da cidade, de maneira que a última fosse acompanhada por um berro. Isso porque, se quisermos conquistar nossas esferas, precisaremos ser guiados pelo Espírito Santo. E, quando falamos em guerra espiritual, é mais do que sair ungindo tudo que vê pela frente. Guerra espiritual tem muito mais a ver com adoração do que imaginamos. Jericó é conquistada através de um grito de júbilo, de louvor. Sim, um grito de guerra, mas que também envolve adoração.

A palavra Jericó, no hebraico, significa "fragrância". E todas as vezes que essa palavra aparece na Bíblia, ela está perto da palavra incenso. E incenso tem a ver com adoração.

Jericó é o lugar onde conquistaremos as nossas esferas. E faremos isso através da adoração e do louvor. Por isso, precisamos aprender a adorar a Deus em meio ao ataque e utilizar isso como estratégia de guerra.

JORDÃO

O Jordão não é para pessoas fracas de coração, mas para os fortes. No contexto, quando falamos em Jordão temos dois momentos importantes. O primeiro, Josué cruzando com a Arca da Aliança; o segundo, o batismo de Jesus. Foi no Jordão que Jesus exemplificou algo que Ele praticou em todo o seu ministério: a morte de Sua vontade.

Os filhos dos profetas, ao verem Eliseu seguindo Elias para o Jordão já sabiam que ele iria acompanhar seu mestre até o momento quando este morreria. Todo israelita sabia que o Jordão significava morte. Quando Eliseu cruza o rio e, assim como Jesus, tem a morte de sua vontade é que ele é habilitado a receber o que Deus tinha para ele.

O *next level* de Deus para nós é uma mentalidade que não se contenta só com Gilgal, mas que quer se engajar em Betel. Estando em Betel, seremos afiados, teremos nosso caráter tratado, o que ora pode ser desconfortável, ora confortável demais. Em Betel só há essas duas possibilidades: muito conforto ou muito desconforto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando estamos muito desconfortáveis é porque Deus está tratando a nossa alma, o nosso caráter. E quando está muito confortável, Deus está nos mostrando a necessidade de irmos para Jericó. Jericó é o lugar onde segunda-feira de manhã você vai estar. E sobre a adoração: não podemos nos esquecer de que todo trabalho é sagrado.

Portanto, hoje, a coisa mais espiritual que podemos fazer é sermos os melhores alunos, pais, filhos, cidadãos e funcionários. É trabalharmos com tudo o que temos. Empreendemos, darmos passos em direção a nossas lideranças. Isso é adoração.

Adoramos a Deus em Jericó, através de louvor, adoração e do nosso trabalho; assim vamos, aos poucos, conquistando o nosso espaço. Entretanto, chega um momento em que já passamos por Gilgal, Betel e Jericó, mas Ele quer nos levar para o Jordão, para que assim como Jesus, morramos para a nossa própria vontade.

O interessante é que o que vem depois da travessia do Jordão, não coincidentemente, é Gilgal. O que nos revela um ciclo. Quando entramos em Gilgal, vamos para Betel. Em seguida, conquistamos Jericó e, então, Deus nos encaminha novamente ao Jordão para morrermos um pouco mais. Tudo isso de graça e pela graça. A graça que nos possibilita ter um novo nascimento em Gilgal é a mesma que nos capacita a sermos santificados no Jordão. Gilgal é quando aceitamos a morte de Cristo. Jordão é quando a morte de Cristo tem efetividade em nós.

Obviamente, todos queremos ir para o próximo nível. Se a boa, perfeita e agradável vontade de Deus quer nos levar para lá, é evidente, que entendemos que essa vontade é o melhor que Ele tem. Mas mesmo que nossa visão seja ampliada, que sejamos intencionais e nos deixemos podar, ainda há algo importante que precisamos lembrar: Não existe próximo nível sem morte.

Deixo aqui, portanto, o convite para a morte, sabendo que é através dela que alcançaremos vida, e através de ambas um *next level*.

ANEXOS

DUNAMIS MOVEMENT

O *Dunamis Movement* é um movimento cristão, para-eclesiástico cujo foco é um avivamento sustentável. Nós buscamos despertar uma geração para que ela venha estabelecer a Cultura do Reino de Deus na Terra, e assim transformar a sociedade a sua volta.

Na língua grega a raiz da palavra *Dunamis* é *dynamus*, que significa o poder explosivo do Espírito Santo, com uma conotação de dinamite e dinâmica. No grego há quatro palavras sinônimas de poder: *Exousia* (autoridade delegada), *Ischuros* (força física), *Kratos* (domínio) e a palavra *Dunamis* providenciando um sentido de energia, grande força e grande habilidade, muitas vezes descrito como o poder vindo de um outro mundo em atividade na Terra, conquistando a resistência.

Dunamis era um poder que se manifestava em dons, milagres, muitas conversões e um crescimento significativo na igreja. Em Atos 4.33 é relatado essa palavra: "Com grande poder (*dunamis*) os apóstolos continuavam a testificar da ressurreição do Senhor Jesus e grande favor estava sobre eles". É com esse poder e graça vinda dos Céus que esse ministério visa expandir o Reino de Deus através de jovens que, primeiramente, são avivados para depois serem agentes de transformação na sociedade.

DUNAMIS POCKETS

Os *Pockets* são bolsos de avivamento e funcionam como bases missionárias dentro de centenas de universidades ao redor do mundo, onde ocorrem reuniões semanais. Essas reuniões têm o propósito de proporcionar encontros de jovens universitários com o poder transformador do Espírito Santo. Nosso objetivo é habilitar estes jovens para operarem o sobrenatural de Deus, gerando transformação em todas esferas da sociedade, levando os valores do Reino de Deus para diversas áreas de atuação, tornando possível assim, uma transformação genuína desta nação e do mundo.



Editora Quatro Ventos
Rua Liberato Carvalho Leite, 86
(11) 3746-8984
(11) 3746-9700

Editor Responsável: Renan Menezes
Equipe Editorial:
Sarah Lucchini
Nilda Nunes
Diagramação: David Chaves
Capa: Big Wave Media

Todos os direitos deste livro são reservados pela Editora Quatro Ventos.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Almeida Revista e Corrigida (ARC), salvo indicação em contrário.

Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

1º Impressão: Outubro 2017
2º Impressão: Março 2018

Ficha catalográfica elaborada por Geyse Maria Almeida Costa de Carvalho -
CRB 11/973

H 412n Hayashi, Teófilo

Next level: o seu próximo nível começa no fim da sua zona de conforto /
Teófilo Hayashi. - São Paulo: Comunidade Monte Sião, 2017.
176 p

ISBN 978-85-82-45586-9

1. Literatura religiosa. I. Título.

CDD: 200
CDU 82-97

Edição digital: setembro 2018

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

ZOE LILLY

PREFÁCIO POR DAVE GIBBONS

A CASA DA
PORTA VERMELHA



quatro
ventos

A casa da porta vermelha

Lilly, Zoe

9788582455814

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Todos querem chegar a algum lugar. Seja através da conquista de uma posição social, uma carreira bem-sucedida, um ministério abrangente ou uma família estruturada. Contudo, ainda mais do que isso, todo ser humano anseia por um lugar de completa paz e satisfação. O problema é que durante essa busca acabamos correndo atrás de soluções paliativas para substituir o que neste mundo não está à venda. Compramos, conquistamos e cobiçamos o que pensamos ser aquilo que, de alguma forma, nos afirmará e trará a paz e satisfação que tanto buscamos. Porém, só existe uma maneira de sermos satisfeitos verdadeiramente: Quando conhecemos a Deus e somos conhecidos por Ele. Neste livro, você será guiado nos cômodos da Casa da Porta Vermelha, o lar em que Zoe encontrava e ainda encontra a Deus no mundo espiritual. De maneira simples e muito pessoal, essas páginas carregam verdades bíblicas, lições e experiências que qualquer pessoa que deseje intimidade com Deus pode absorver.

[Compre agora e leia](#)



Oxz e o clã

Henckel, Fabio

9788582452844

405 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mergulhe fundo numa história cheia de personagens hiperativos e gaste sua reserva de adrenalina, teste o volume das suas risadas e descubra que a vida é mais surpreendente que podemos imaginar. JÁ FOI DITO: - O livro é uma das obras mais criativas que já li! Com muita, muita ação! - BLOG GAROTA IT - Eu realmente amei OXZ. É o tipo de livro que não cansa em página alguma - BLOG UM LIVRO SECRETO - ...ousado até dizer que é um dos melhores livros que já li. - BLOG SOBRE LIVROS

[Compre agora e leia](#)



SOLUÇÕES EM ENGENHARIA MECÂNICA
EDIÇÃO 2018

Melhores trabalhos de conclusão de curso do ano de 2017

UTFPR
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Organizadores
Silvestre Labiak Junior
Euclides Alexandre Bernardelli
Osvaldo Verussa Junior
Rodrigo Lupinacci Villanova

Soluções em Engenharia Mecânica Edição 2018

Bernardelli, Euclides Alexandre
9788562069321
290 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro contendo os melhores trabalhos de conclusão de curso do ano de 2017 do curso de Engenharia Mecânica do Campus Curitiba da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

[Compre agora e leia](#)

Clássicos da Literatura



Dom Casmurro

MACHADO DE ASSIS


Simplissimo

Dom Casmurro

Assis, Machado de

9788562069499

174 páginas

[Compre agora e leia](#)

A história se passa no Rio de Janeiro do Segundo Império, e conta a trajetória de Bentinho e Capitu. É um romance psicológico, narrado em primeira pessoa por Bentinho, o que permite manter questões sem elucidação até o final, já que a história conta apenas com a perspectiva subjetiva de Bentinho.

[Compre agora e leia](#)



FAZENDO UM PROJETO DAR CERTO

PAULO DE TARSO GREGORIO PEREIRA

Fazendo um projeto dar certo

de Tarso, Paulo

9781942159070

50 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro apresenta mais de 1000 dicas sobre Gerenciamento de Projetos e Desenvolvimento de Sistemas, moldadas ao longo de uma década criando software ao lado de pessoas talentosas. O livro é um guia, um catálogo de problemas analisados. O título busca destacar o seu enfoque prático. O objetivo deste trabalho é analisar alguns dos problemas mais recorrentes em projetos de software. A motivação é que alguns problemas ocorrem na maioria dos projetos em menor ou maior grau, mais cedo ou mais tarde e o objetivo aqui é analisá-los de alguma forma.

[Compre agora e leia](#)